Sensibus
Mara Romaro
[Illustratio 1]

Sensibus

"Soidade - uma queda
dos pontos obscuros
naufragados em
Erythraeum"

maio 2019

Mara Romaro

Dedicação

Aos meus filhos, a melhor percepção da vida.

Ao mestre do universo.

À F.

Ao meu pai Sylvio.

Aos amigos Literários partícipes da minha escrita.

Aos autores das obras do meu estudo literário.

Aos sentidos.

PRAEFATIO A SENSIBUS

|20 Fevereiro 2020 23:52

Folheando o caderno 'De-sei-lá-o-quê' encontrei a anotação de 12 de janeiro com o título do livro, que naturalmente estava em meus dias nevrálgicos de dezembro, os ápices de dores, registros filosóficos, ares de praia, sofrimento e véspera de um ano sabático. Vinha em mente o que faria dos poemas que surgissem, já que meus propósitos estavam direcionados para ficção, talvez o herbário, talvez a intensa pigmentação da tinta. O destino sem rumo preencheu-me de uma estranha esperança, a de que teria todo tempo do mundo para tais demandas da minha cabeça, e que virtualmente ganharia algo para transformar em papel e lombada os meus livros.

Não falarei de engano, mas de tempo. A urgência reapareceu já esqueci o dia, e o passar vazio da inatividade poderia me afundar. Mas afinal, há muito que estou tentando, simultaneamente nessa grandeza, somente agora, é difícil saber até onde chegarei e se darei prioridades.

As sensações preencheram as percepções, o íntimo, e o batimento esteve sob pressão.

Este livro nasceu da poesia sensorial, muito mais que visceral, talvez experimental. Não desejo parâmetros, nem regras, nem limitações, que conta com meu lado empírico, onde deseja explorar teores sensoriais do íntimo, visual, tátil, gustativo, e a configuração aprofundada do ato de sentir.

Pretendia estudar comportamentos exagerados, orgias, história do homem em relação ao prazer, sensualidade e sexualidade. Mas, naturalmente, os eventos vêm sendo poetizados. Só posso imaginar como serão os resultados de minha percepção.

INTENT

Extrair poesias das sensações, percepções, sentidos, intimidade, fantasia, que influam sobre o prazer e desprazer, sensualidade, o masculino e feminino. Através de experiências e vivências, trazer as percepções atreladas aos sentidos humanos viscerais. Visceralmente em sistema circulatório e coração, foram pontos cardeais fisiológicos. Foi cogitado o sistema nervoso, enfocado em outro projeto. Neste caso, todas as percepções estarão associadas à capacidade de sentir.

Membranula houvera sido um projeto à parte. Mensagens de pergaminho que envolviam um projeto da escrita materializada de uma carta, algo que tivesse um

teor genérico ou que fizesse a aproximação social; no caso dos escritores era um dizer pós vida e em vida. Em vida fazia a atenção especial que fazia parte do meu manifesto aos escritores e literários no sentido de prestar reconhecimento, incentivo, e evitar as comuns depressões decorrentes do caminho árduo, pela ignorância de seus trabalhos e relevância, lutar para que não continue havendo suicídios, então, meu manifesto pregava formar amizade mais relevante e dar atenção aos escritores vivos.

As cartas *membranula tegumentum*, eram para F, era uma coleção de essências que fulgurassem em imagens poéticas um sentido profundo do laço e das perspectivas. Foram elaboradas manuscritas, passadas em computador e feitas junto a desenhos em layout que previa a filmagem da escrita e feitura de detalhes desenhados à luz suave e ambiente de caligrafia. Não pude até o presente momento realizar filmagens por falta de câmera e espaço do celular. As linhas em lapiseira 0,3mm transcrevem, pouco a pouco, as artes que ficarão dessas cartas. Cada dia da pandemia me impele e pressiona, agora ômicron, chega para me dar mais esse empurrão. As cartas foram divulgadas parcialmente no *Blog* mas sem correção nem ilustração.

Sensibus, (f.) Dativo plural de *Sensus* -us

– Lat. – Poder de perceber, percepção, sensação. Capacidade de sentir, sentimento, emoção, afeição. Inclinação, predisposição. Opinião, forma de pensar, ponto de vista. Inteligência, compreensão. Senso comum, prudência, juízo. Ideia, noção, significação. Ideia expressa em palavras, sentença, frase.

Degustationes

PAIXÃO MORANGO SAQUÊ

|17 Janeiro 2020 14:50 | Praying for Time – Re-mastered George Michael.

Uma marreta esmigalha as paredes

Esquerda ventricular

no esmagar dos dedos contra as linhas da vida

Açoitando em suor e lágrima

atabaque no espremer das bocas morango

Ardor saquê

Sementes negras Papilas gustativas

das fendas labiais

Mordidas

Sangrias doces de manga

Sensações dos polos dos raios

Acordes altos da voz

Ruídos ensurdecedores

Caverna interior de ida

Querer do sabre

Palavras professadas

na impregna das línguas

e testemunho ocular

Amor o quê?

Costura da nuvem que abre

Nudez exposta em Maldivas

Mãos ásperas das areias

Esquecer nascentes dos cabelos

na ondulação beijada das espumas

Paixão de plumas

Paixão de dunas

Salinas e Marinas

Purpúreas sinas

Drink Morango saquê
Três doses de calda de açúcar translúcida
Dose dupla de saquê
Morangos duas mancheias
Descaroce algumas cerejas negras
Triture com gelo
Delicadas fatias os morangos restantes
Adira fatias na fina parede de cristal
Um par de morangos pairado na borda dos copos
Uma gota de Angostura sobre gelo triturado
Saborear demorado o gosto da mordida
enquanto o mar não chorar

Δ

HÁLITO LIMONENO *MUSTIADO*[1]

| 31 de janeiro 2020 17:17 | Percepção de melancolia, fresta da janela, despertar, caipirinha | Als wär's das erste Mal – Unheilig.

Navegante na poeira

_ das sombras

Salões vazios do musgo depoente das soleiras

Olhos inertes em larga fresta da janela

Luz que caminha sobre meu despertar

Dilui escuridão no silêncio ferido

Ouço estrídulos! Ouço tecidos!

_ Soluços enternecidos

Uma dança aderna tímida deitada

Solta as ondas em voo de desfiladeiro

O afundar da maciez encapuza língua

Sinto visco! Sinto sua goma laca!

_ Sangrar de faca

Lentamente os movimentos percorrem a tez

Fios rijos soerguem essa musselina

Névoa frígida manhã neblina

Cores de você são escorridas gelatinas

Desenhos de vitral chovido

Percebo sprays aromáticos de limoneno

Sumo que dobro casca entre os dedos

---

[1] *Mustiado* – esp. Melancólico.

Dedos do dia esfarelando

Óvulos de azedo verde

pilado na areia doce

Gelo que percorre a espinha

Vislumbre das sedas verdes

Todos os tecidos largados no pender dos temporais

Palavras e versos afogados em saraus

Gelo e torpor

Selo e amor

Loucura e horror

Gosto de voo! Gosto de espuma!

_ Susto de múmia

Areal doce e amargura esquecida

Da dança esfuziante do esquecimento

ao pranto estranho de derradeira escuna

Som de asas farfalhando vidro

A costura das andorinhas frente ao frio

Errantes duelam as ninfais libélulas

Tristeza esvai Ensanguenta meu sofrer

Vou percebendo a devora

e asas de vidro caídas

Cosmonautas de uma eclosão

Adivinho a batalha aérea

Meus olhos perlustram

Vazio que me inebria

no ruído de um arcabuz

Amor que evapora nos poros

Levado no bico

em lenço bordado em fio douro

e fio verde da suavidade musselina

Afloram águas que respingam aos olhos

Dor triste da névoa furta-cor aos sonhos

Álcoois voláteis ganham céus!

Imagens desfazem rostos seus!

Cada piscar orvalha

cada cadência amofina

Libélulas imoladas

Corpos perlados resfriados

Desfiar dos tecidos finos

em esquecimento chorado

_ desata

_ desfecha

_ *des pétala*

Não perverta o preparo da caipirinha
Um limão que encha a palma
Descasque cuidadosamente sem ferir
Não quer amargar
Corte a metade da metade da metade

Pile com um Montblanc de açúcar

Deixando vestígios dos grânulos doces

Seis ou oito pedras de gelo

Socadas contra o mármore

Dentro do pano o gelo sabre

Medidas extremas de dois

Aguardentes de cana

Mexer suavemente

Valsa de giro

Com anteparo coe

a um copinho rebuscado

Que se tome junto a uma

casca de limão solidão

Post scaenam:

O poema contém o misto de imagens poéticas, nasceu de um dia cujo despertar deu-se com a janela com uma fresta a qual trazia uma constelação que pairava uma primeira luz azul do amanhecer. Esta penumbra específica conferiu um toque a mais na melancolia. A sensação melancólica aprofundada entre um dilema de sentimentos e uma guerra interna contra um amor dilacerante.
Neste dia houve o preparo da caipirinha, cujo pós torpor salientava as sensações à beira da depressão, a permanência do gosto alterado nas papilas alterava a essência alegre do inebriar, como o emergir do sentimento soterrado em meio às tentativas de esquecimento. A ocorrência das libélulas deu-se no dia do texto, cujo processo alcança a lassidão e desânimo. Na verdade, o desânimo da melancolia impede a observação das libélulas, mas dentre as frestas ela constata os sons do esbarrar delas na parede e a caça das andorinhas, um bonito balé de vida e morte, simboliza o esforço próprio de libertação do amor forte, cristalino e novo, de sua voracidade capaz de engolir a vivência.

Δ

NIRVANA EXCORS BLUEBERRY

| 12 fevereiro 2020 1:41 | lista de músicas MCRomaro Sensibus inspiração | Estímulo, a escrita que precedeu, a percepção do estado, a dança em continuidade com o registro manuscrito. | caderno de madeira Vacuum. | Excors - Lat. Insensato, louco, fora do coração.

Movimento que me faz onda

Sinto a fibrilação dos cílios dançarem

É você estar dentro de mim

Ser mar Ser o grão Ser mandíbula

Sumo das folhas que guardo na mão

O ápice do voo – o olhar

memorável que me choveu

É você ser as linhas da minha mão

Destino sangrento

Ventrículo Ventana

Beijo na pestana

Saliva Nirvana

Desatino morder Blueberry

Estar nesse agora

Ser cor de coração

O chocolate que derrete na boca

A lucidez que me faz louca

É te ter no voo de pluma

Andar descalça na bruma

Despir o calor da sauna

Pisar uma saúva

Convencer a teimosia marrenta

Amar sem vestíbulo

Roubar a estampa de flor carmim

esquecer os pés do chão

Tentáculo Canino

Obstáculo Feminino

Veneno Toxina

Sabor Calor Espinho Jardim

Olhos abertos espadachim

Suor Amor Caminho sem fim

Sangria madeira braseiro marfim

Engolida na fúria das ondas

Ser esmeralda nos raios penetrantes do oceano

Desde este ano eu sempre amo

Êxtase e clímax

Síntese e córtex

Omnimŏdo[2] e Victrix[3]

Sangrar as Blueberries
em açúcar na panela
A fervura que não alcança alturas
Sumo de grãos de romã

---

[2] Omnimŏdo – Lat. De todas as maneiras, de todos os modos.
[3] uictrix , uictricis– Lat. Vencedora, vitoriosa, triunfadora.

Esfrie Resfrie

Deposite uma dose ao fundo

de um lindo copo de cristal

com as beiradas açucaradas

Acrescente vodca gelada

Dose e meia

Uma folha de hortelã

Divida na paixão de uma manhã

ABSCISSA AQUA[4]

| 12 fevereiro 2020 0:40 0:56

Arranca-se um pedaço

Bolha que com ou sem água

impede o passo

O hematoma no rosto

O olho que é dragado

Olhar sorvedouro

Não ver Não ter

Saber que precisa

Saber a real necessidade

_ o inigualável

E se ver em solidão

é entender o desgosto

Abandono – porque algo puro

escoou Se perdeu

Secou Abandono

Amor singular

Corte jugular

Abandono – a escolha cômoda

---

[4] *Abscissa* – Lat. forma nominativa feminina do particípio passado de *Abscindo* –is –ere –cidi – cisum – separar rasgando, rasgar, suprimir. No texto, no sentido de abandono atroz, de algo que se arranca abruptamente.

entre

o risco e o aplauso

o riso e escárnio

Por aleive – Abandono

Escape da responsabilidade

Inanição de uma açorda

Água salobra

Água de intempérie

Chuva ácida

Sangue hemorrágico

Vida desprezada

Dejeto Objeto

Coração sem teto

Criança sem mãe

sem pai sem leito sem leite

sem alento sem afeto

Amor sem par

Cão sem dono

Frio sem morno

Sabor insosso

Morte ao acaso

_ Abandono

Noite sem sono

Boca sem saliva

Engano com salitre

Lábio sem beijo

Corpo sem roupa

Derme sem pele

Dorme sem sonho

_ Abandono

Vida sem formiga

rio sem sentido

som sem ouvido

favo sem mel

abelha sem asa

pássaro sem pluma

laranja sem sumo

caminho sem rumo

_ Abandono

bando de pássaros

sem dono

céu com fel

noite com sombra

braços dão de ombros

Olhos levados na ressaca

Dejetos na calçada

Árvores secas

queimadas pelo raio

_ Abandono

mato crescido lixo largado

Desidratação

Morte lenta

Secular

ao sabor do abandono

Salmoura

Mau agouro

Amor sem destino

_ Vazio

Água
(Pura Cura)

Δ

EXAUSTÃO ARALTO

| 20 fevereiro 2020 16:59 | Terraço, tempestade formada |29 graus Atibaia | Música: Nimbus, I love you – Mike Francis, Port d'Antrax – The Swan & Lake | Exaustões dos refugiados, do trabalho árduo, do amor sofrido, do físico mortal.

Braços fortes que... Atêm-se

O mundo aquém

músculos retesados que choram

O mar do mar das ondas içar

Brados fortes ceifam o trigo

Sol inalante meu sumiço

Suor evaporado dessa dor comigo

O andar andar e andar ondas de brisa

Chorar da morte a busca infinda

inflamação terçol do mundo doente

Sal da terra no rosto suarento

Devastação ora fogo ora água

Prantos fracos Chorar forte

Amanhecem dores da lassidão

Amar pelo íon tracejado do momento

O mar de amar ondas em mãos de tocar

Estriar e contrair dos músculos

Bíceps, raios, trovões, perseguir a urgência

O exigir exíguo do extinguir

Desaguar da água da força de respirar

O ar exaspera as ondas do torpor

Desmaio Trêmula Flama

Evaporo

Gosto de acordar o amanhecer depois

O amar no mar de olho desse amor

[as olheiras dos médicos

vestidos nas luvas e seus dragões]

(Marítimo íntimo ínfimo Cálida espuma de amar)

Café Aralto Romaro
Uma caneca vítrea
com uma camada de leite
condensado
raspas de limão
gotas de baunilha
Açúcar abaunilhado
ou de coco
Café que sublime
expila-se no alto do bule
Bialetti
Cai sobre esse manto
e come-se de colher

Respiração travada profunda

Pulsação insuficiente

Tremores Delírios

Visão Turva

Calmaria Amaria Das ondas Naufragaria

RELÓGIO COGNAC DESILUSÃO

| 21 fevereiro 2020 17:58 | Música: Adios Ayer – Blank and Jones, Who's to say Remix- Lucas, 4 my roots – Chillwalker | Aos escritores abreviados

Não sei tão bem o gosto do vacilo

quanto os outros guardam em ocos vazios

A pena vibrante verte por ela ostracismo

Cogito que lhes comeu o câncer do racionalismo

Ao eterno clamo a veemência

que de seus atos cubra de clemência

Ainda que gotas inexistam em pias batismais

que sombras escorram pelo ralo

e a fuga lhes seja compreendida

Se eles caminham sem pele

todas as dores os infligiram

cada ponteiro do relógio

Se não tiveram o manto de proteção

suas flores dilaceradas sem razão

por cada ponteiro do relógio

Se eles sentiram o amor esgotado

o carinho da mão fria

a boca calada

a solitária do eclipse

por cada ponteiro do ódio

Se roubaram a tez

todo amor de insensatez

cada segundo ponteiro do ilógico

Se eles esgotaram seus nervos

o martelo da tortura

o branco da alvura

a fome do lábio

por cada tinteiro sangrada sem invólucro

Ao Eterno peço que minha braçada

das flores que nem tenho

coroem as palavras que nunca foram traçadas

pelo ponteiro parado da ideia

No meu frio Na minha cisma

No meu fim No meu meio

Inconcluso

Me salvo dependurada

no ruído do próximo segundo

e engreno o ponteiro da próxima hora

Todos os suicidas observam

o reluzente ponteiro da vitória

Se eu estiver sem pele

furos puídos do coração

amor desilusão

traços do tempo na marca cheia

meia-noite paixão

na veia

Ocaso, resistência e gelo

Meia dose de calda de laranja

cozida em açúcar

uma dose de cognac

uma pequena colher de polpa de pêssego

Oito doses de Prosseco

Da casca da laranja – meia volta

Bater entre gelos

Dividir entre amigos

Mexer com canela em pau

Não medir sorrisos

DECEPÇÃO COM CHÁ PRETO

| 26 fevereiro 2020 17:11 | Não somente comigo, abreviação asfixiante às muitas pessoas. Tempos acelerados.

Cicatriz do mendaz

e queima da taturana – torrefato

Evocar lírios-do-mar e flores-do-mar

nas vazantes de plástico

Confiar no lítio

e na compaixão chocha desbotada

a caçoada de seus receios

Ser portadora de um tênue e benigno

enovelado petardo

Quando maiúsculas são ameaça

de seus sonhos

Quando as prímulas são inodoras

incolores Um bálsamo exinanido

O significado das horas

a atribulação da labuta essência

é evocação da urgência

Lufada do vento e lábil

das lágrimas de chumbo

o tempo é insuficiente

a esperança – o logro

(aceleração)

Prioridades são cordatos

do vurmo sofrido

as ulcerações de umbigo

Uma questão de tempo

no marrete de um sino

ensurdecedor de ameaça

(Desgraça)

O plantio das sementes

a saber

as flores ficam ao depois

Doces palavras

e capitoso amor

do caminho de vulcões

meu legado evaporado

às tempestades de monções

Sinistro orvalho

funesto incrustado

como granada

não a Granada das ruas ilusões

Que a ameaça

não se dissolve na contramão

Todas minhas nuvens

bordavam letras

salvando-me pela mão

como um sopro

dias remotos e os desertos

sepultam em limbo

Sigo meus augúrios

na fé e força solidão

(ClAmor inextinguível)

Além do dardo da fala

Em letras escritas Um segundo

Futuro arrastado em um vagalhão

(Será o que puder ser ou apenas um sarcasmo)

Chá tique-taque das cincos

Chá preto Ahmad, pêssego e maracujá

não é preciso cidreira

Uma xícara desenhada

moldura da montanha

e a noite virá enluarada

entre violinos e martelos

das notas de piano

em vapores calmos de semicúpio
Biscoitos doces que fiz em amanteigado sabor
de antigo amor ludibriar
bilioso ardor

O QUE SINTO E A ÁGUA NUCLE-ADA

| 26 fevereiro 2020 18:05 | Alone with Nature – Chris Wonderful | Visões planas de Nácar.

O que sinto de seu rosto

além da luz de vidro

reflexos perdidos

O momento furtado

A mão que toca

aquece e formiga

O carinho que derrete

escorre

se aninha em fios da luz

e cabelos caídos

Uma fenda de voz

Um sibilo Um sorriso ferido

Ah

A falta A flauta

A valsa A calça

A alça Malva

Frescor iluminado

Calor sangrado

amor desvairado

correr da areia

E a luz beijada

de meu amor devotado

Água de coco gelada
polpa
poupa o sabor engasgado

CRATER[5] PRAZER PIÑA COLADA

| 1 MARÇO 2020 22:07 | MÚSICAS: I NEED YOU MORE FEET. LAURA BARRICK – SEBASTIAN LÉGER, MOTHERS PRIDE – GEORGE MICHAEL, WHITHOUT YOU – GARY B

Sonho áspero Quadro em tremores

(Efeito Borboleta)

Sons guturais de rumores

Arpa Farpa Boca filamentada

Calda doce ácida

Abacaxi

Ritmo Sísmico Abóbada

em cetins dançantes

das cortinas do jasmim

Ruir da celestial plêiade

Bolhas aprisionadas do gelo alvaiade

Pureza da adrenalina Serafim

Prazer melado da banana caramelo

Suor orvalho e o dente

ginga enluarada de uma dança colada

A língua lavada em brilho de estrela raiada

Beijo percorrido dos anos luz

De uma gárgula ao buraco negro

nas águas Delphinus

---

[5] *Crater* – Constelação Taça.

lábios amortecidos no pescoço Hidra

saboreada na Crater

No Octans ângulos do dorso e membros

Entre os dedos a Lira

e enterrado Monoceros

Amorteci

um choque navegado na Vela

O choque Reticulum

chuva de amor em pétalas

das pontas dos dedos

Sculptor Pavo Pégasus

E o brilho dos olhos Telescopium

Prazer Virgo Apus e Aquarius

Explosão de luzes Chamaeleon

O lancear Centaurus

e mais todos os seus brilhos Andromeda

e um beijo universo infinito

Piña Colada
Rum branco duas doses
e creme de coco seu dobro
Açúcar derretido
com fatias de banana caramelada
a generosidade do condensado
Vai precisar descobrir o tanto
Abacaxi aos pedaços de paixão e pranto

Mixar
e entre o gelo da noite
tomar
no copo com a calda de banana
e alguém nos braços

Ânsia Tordilho ao Luar

|3 março 2020 20:30 |1 h de concentração | Imagens poéticas do cavalgar e luar, travessia da cachoeira, as entranhas submersas e sabores salgados. Estímulo: Fome e dança| Música: Open Your Eyes Progressive radio – Aurosonic, Kate Louise Smith; Divine Love – Lemongrass; Impatient Original Mix – Seven24.

Nado os braços das folhas submersas

Avalanche Avalanche

Abro os olhos nas suas águas regressas

Comanche Comanche

Cavalgo cavalo tordilho

Salto tobiano mouro[6]

Pulo piano rególito[7]

nas crateras da lua

Nado em seus olhos em veludo de fundo

Gramíneas Anseios

A impaciência da fome

Abro os olhos dentro das lágrimas insólitas

Ganho campinas e respingos do córrego

Galope trinado triângulo errado

Sulcos da tinta tóxica

e sangue sugado

---

[6] Tobiano mouro – quando as faixas (do cavalo) forem de pelo mouro.
[7] Rególito - solo lunar, camada de poeira de 5 a 10 metros espessura da lua, composto de sílica, dióxido de titânio, óxido de alumínio, ferro, magnésio, cromo e sódio.

Caninos perfurantes de lábios

Desfio as pestanas dos seus olhos

Na travessia da cachoeira

uma fazenda uma senda uma renda

Os cipós timbós emaranhado de cabelo

A ânsia e o sumo

O âmago e o fruto

Solavancos dos cascos mancos

E a poeira sangrada

no sol no sal da carne

Na dança tribal em torno das lâminas

do fogo e dos filhos do sol

O lábio liso do cogumelo

O rapé e o sapê

Ajoelhar do ginete

Flores da brasa em tapete

Fadas de luz vermelhas em trâmite

_ dos céus

Nado os braços das folhas perversas

Desmanche do antes

Fecho os olhos em pragas quiméricas

Estanque Estanque

Troto tordilho[8] de vertigens

em suas manchas soltas

Atravesso a harpa do vórtice

das protuberâncias nuas

Abrolhos abraços profundo veludo

Ânsias em espelhos

inanição insone

Dentro dos seus olhos engrenagens de máquinas

Cores de rapina e estilhaços

de sensação anfetamina

Com passo manso

e rosto do lado escuro da lua

sombras do miolo da rosa

Azul violeta roxo

Olhos afáveis do tordilho

e toda impetuosidade mordida (e sórdida)

Ânsia sangrada do avesso do céu noturno

Danças do fogo fantasiam-se de fumaças

em borbulhas lácteas brancas

Abocanho Abocanho

Olhar castanho que não tenho

---

[8] Tordilho – cavalo branco com pintas levemente mais escuras de um branco sujo.

Sacio a distância

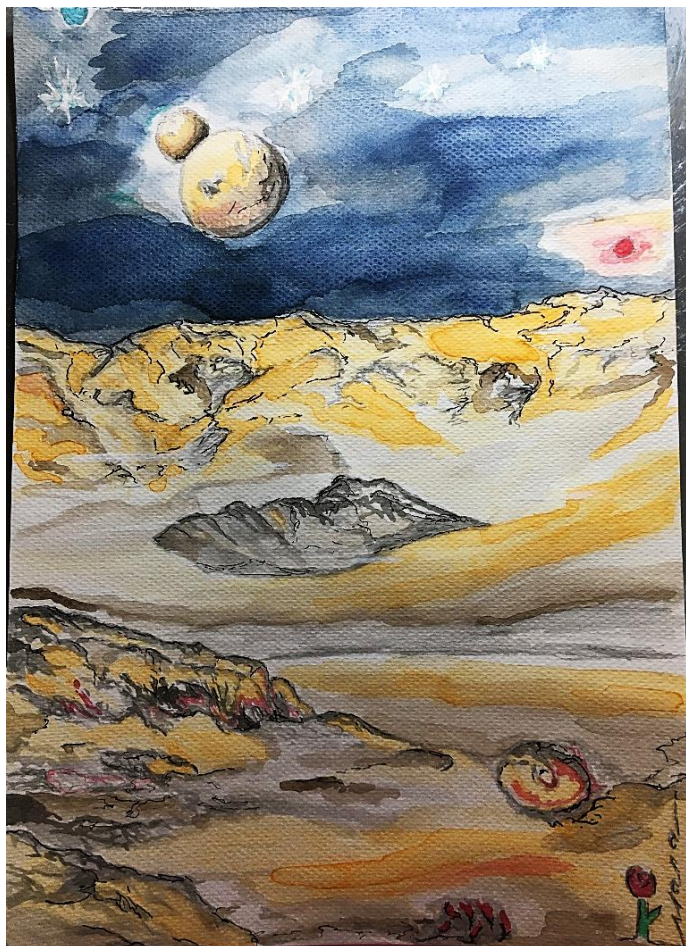
em strogonoff de nuvens tordilho

Sacio a carne

no flamar de Stolichnaya

Strogonoff ao luar mara
Filé cortado fino e jamais grande
cebola tão miúda que desmanche
dois tomates pelados sem semente
dose e meia de vodca ou aguardente
O jeito é tudo, não estrague com molhos prontos
cogumelos champignons partidos ao meio
Perceba a ordem, frite cebola e carne aos poucos
até pegar cor, sangrar e marcar a panela inox
Pinche cogumelos na queima
Mexa com colher de pau
Flambe com a bebida
inclinando a panela ao fogo
Chamuscar faz a diferença
Junte o tomate fresco
Espere um pouco
na borbulha adicione
creme de leite quanto
sua ânsia e fome
Só então pitadas de sal
Não ferva demais
isso requer arroz fresco e batata
e vinho da sua escolha

Soidade[9] Conjunção Phobos e Deimos

| 5 Março 2020 22:16 a 23:12 | Planeta vermelho, exploração etérea da saudade entre percepção do paladar de um suflê que remonta a predileção materna, a transição para amor em Marte. Distância, impossibilidade e toque. | Nostalgia – Lemongrass; Satellite – Above & Beyond; I love you – Chris Wonderful, playlist Sensibus inspiração.

[9] *Soidade* é da etimologia de Saudade, em galego, que absorve no contexto o sentido de falta, ânsia e saudação.

[Illustratio 3]

Horizonte de um repouso

Refrigério da noite aberta

Olhos

Transformação telescópica

da íris em *Cherry Blossom*[10]

Orthopyroxenite da saudade

Giro de vertigem

As crateras de dunas

Borbulhar profundo tostado do Sol

no vento agigantado de uma cúspide

Amor soprado e resfriado

a um polo ferido de *Licium*[11]

Ardor da queima ácida Zircônia

Amor da teima plácida Hematita

Sal de gelo

musgoso de gesso

Olhos objetivos do Mars Rover[12]

De um falso valhacouto

do topo do monte Olympus

---

[10] Cherry Blossom stones – pedras com aspecto de flores como fósseis, em tons pasteis cereja.

[11] Licium barbarum L – Goji berries, um tipo de pimenta seca, que tem característica de ardência e sabor semelhante ao tomate.

[12] Mars Rover – pequeno veículo de exploração de Marte da Nasa.

Soidade permanente

Orbital de Deimos e Phobos

Íris e pestanas deitadas

_ vales Marineris

A distância de um tombo

em cânion Tharsis

e colinas Columbus ou Planum Boreum

Soidade – uma queda

dos pontos obscuros naufragados

_ em Erythraeum

Mãos que não tocam

tocam perenes as areias vermelhas

Coração rubi

Uma cereja quente

beijo rolado em Hellas[13]

como indecente

Pouso Viking[14] das mãos adjacentes

em todas as crateras e ravinas

e o frio terrífico permanente

Soidade

Voz de vácuo em dióxido

---

[13] Hellas – refere-se a cratera Hellas Planitia, de areia vermelha.
[14] Viking – refere-se aos gêmeos Vikings, uma das missões para Marte.

Pontes Eólias transversais[15]

de falta basáltica ígnea

e dunas macias de mares secos

E vulcões sem vontade tectônica

Soidade deitada em Marte

enquanto o coração segmenta em parte

na tinta dos meteoritos

no ínvio das lentes óticas

de infinito carinho em camadas polares

Nimbo e furacões de areias de brasa

Nímia paixão oxigênio em falta

Telescópio ajustado desde o trânsito de Júpiter

E um suflê aerado que não nutre

com partículas de Lua Sílica e Sedimento

Chuva excitante *reggiano* piroxeno sentimento

Soidade e as flores de pedra

atração magnética espumante de *Black hole*

Amor ocorrido na dobra atemporal

No seu externo clavícula Duna Naníbia

Luar Nimbar Phobos e Deimos

---

[15] Transverse Aeolian Ridges (TARs) – tipo de depósito sedimentário da superfície de Marte.

Borbulhantes ares de um vinho celestial

Amor ímpio magistral

Soidade Soidade

(*Soidade*)

Suflê abismo Marineris
Borbulha água ininteligível
orbes de batata
até uma tez flexível
empastada amassada misturada
gema e pitada
nevado das claras
nas colinas escarpadas
preenchidas de rochas gorgonzolas
partidas em cubos
mistura delicadamente
Goji berries
minúsculos meteoritos de tomates secos
Pulverize o Sistema Solar
na noite parmesão amar
no forno médio assar
até crosta dourada formar
para mim qualquer coisa
é um satélite a vagar
entre goles de vinho
celestial estelar

ENTREVISTA NO TÚNEL MORTO SEM AR

| 13 Março 2020 20:34 | Dedicação aos mortos Covid-19 | Música Without you – Gary B | Vozes caladas, solidariedade, sentimento trágico

Braço morto, um logro

uma luz falsa

cores pastéis da veneziana

Armadura de máscara

Braço meu esvoaça

Uma dor aguda

uma perfuração na carne

diz a tragédia: 'Sem você'

E quem vem ali?

_ Salvador Dalí

E o que digo?

_ Coração fogo de Dragão

_ Ruas asfaltadas de ninguém

Ei você? Ei você?

Não sei se nasci ou esqueci

Querem apagar quem fomos

Dizem de um dia campo de trigo flores

E ela?

Chora! Seus olhos se fecharam antes de ver

nascer a neta – Um jasmim branco da janela

Quem é você?

Não sei de fato Há um engasgo

Um peso de cinquenta toneladas

Ah compreendo Há um fio de cristal

Há ainda um raio de sol

Aqui vagamos Um arrepio

um frio estranho Nossas coisas que esquecemos

tudo desarrumado Multidão espera

um embarque que se recusa

Gemem Reclamam: 'Tão cedo'

Quem os jogou ali

Ouve-se 'Meu passaporte' 'Quero voltar para casa'

Mas e você Como aqui chegou?

Pânico real imediato

Aquele erro derramado no rio

levado adiante adiante sombrio

um veneno de inverno sem verão

Eu me apego – meu irmão chora por mim

Soube apenas o rosto de um

Disseram números

Vocês são a contagem póstuma

Os dias que estão contados

Parei de contar Os olhos daquele médico...chorei

Ah ele embarcou logo

direto ao jardim de vidro

Se sacrificou Honras tardias não os pouparão

O que me diz sobre mim?

Não faço ideia como chegou assim

Nesse corredor ficam os pesos

Nosso receio e tudo que nos prendeu

Lá embaixo Mesquinhez

Derradeiro confinamento

Não estou acreditando Diziam um rio manso

Diziam que findaria Uma pradaria

Voz de negação Cegueira de vento roubado

Descaso Negligência

diante da urgência

Ela ali mais à frente?

- A mulher recua com chispar de ódio

Não pude ajudar Não tinha o suficiente

Prometeram me salvar

Não entendi no que errei

Minha menininha chora Ouve?

Talvez um burbúrio

Talvez sulfúrico

Tive presságio Isso me condenou?

Falar apenas de uma hipótese?

Você não pode imaginar

A suavidade do que dizem sobreviventes

nos insulta

Percebo! Se eu visse sua filha - abraçaria

Que nome eu diria a ela desse abraço presenteado?

Diga – Um papel folha borboleta

Ela sorrirá

Sinto tristeza e raiva

Como algo desperdiçado

Sim! Todos aqui não estão sossegados

Os corpos não podem ser chorados

Próximos fingem que isso não foi de fato

Cantemos uma música – Um fado

Há quem ignore

Eu bem sei

A desonra de quem sempre

'Eu nada posso fazer'

Nesse caso a omissão

é o resultado de multiplicação

Por um momento me iludi

Sei que passará

Suas vozes Não se pode afastar

- Aproxima-se um olhar de revolta

Eu fiquei jogado do lado de fora

Sem nada

Criticam quem faz

Não veem a mortalha da inação!

Não tenho pena Queria ver meu irmão

E você?

Não acho que tem volta

Quero meu amor

Um abraço de despedida

Ah não há isso não

Os jornais mostrarão festas e luzes

Queridos entrarão embaixo da cama

a chorar suas dores

(Um silvo Um sacolejar

Um aspirador me suga)

Abro olho inerte inapta

Os gemidos que ouço são dos médicos

Os ganidos são dos enfermeiros

A mim um motor

Um pesadelo que impede me levantar

A boca consumida

Rios de uma saliva de dor

Um grito! Um gigante grito de horror!

Sufocado Asfixiado

Massacrado Esmagado

Agônica dor da íris

Atônita fala sem língua

Atômica sensação radiativa

Penso em dar serenidade em meu olhar

Mas sinto-os esbugalhar

Agônica cianótica cor da tez

Hora de ir embora

Meus cadernos... deixo dessa vez

Quero meu último desejo

Reverter esta peste

Que sede! Que sede!

(Por favor um pouco de ar)

A máquina silencia

no corredor há gente a esperar

Por favor Um copo
(Um copo de ar)
cheio de mar
um copo com limão espremido
(Suor de amar)

CARTA DE FLOR DIPÉTALA

| 15 Março 2020 18:38 | Ouça Without you- Gary B; I think God Can Explain – Splender e recorde essa carta pela manhã. | O sentido de amor e permissão de ser e estar. Acalento à apre- ensão.

Amparo seu rosto, com cuia de amor, e pingos fartos de chuva, as oferendas dos meus sonhos, quando me entreguei todos os dias aos braços seus, os braços do colo, aos braços das flores acordadas em lindo amarelo, aos braços da cor morna esculpida, minha cabeça que depus no centro do broto que coto desenvolveu o ser, deito ouvidos no peito e me perco em seus braços, que brados de ar me trazem a manhã.

Que a claridade escorre para cima no céu, meus pés descalços caminham o sono para uma água de seu lábio, no tempo girado do céu desse nascimento. As cores que raras me ungiam, as cores que flores olores chovem por cima de minhas lágrimas. Um cobertor de brisa que me abrasa, entre cinzas e sedas, no discorrer de uma frase de um jardim plantado de pássaros.

Amado amor de meus dias, amanheceres pintados sobre tristeza, anunciam o farfalhar das penas e trejeitos imprecisos do gesto das flores, delicadas, agitadas, e esvoaçadas como asas sem voo. Cada adormecimento com sonhos de seus beijos os lugares palacianos de cristais caleidoscópicos traziam esse vapor do chá *raspberry* como um espírito de promessa desse abraçar tecido franzido sentido, em carinho e mansidão.

Nesse jardim floriam gaivotas, e porque havia flores e pássaros, elas riam nesse dia sem que fossem determinantes, gaivota-de-cabeça-escura, gaivota-de-costas-pretas e Maria-velha, nos brejos de um nevoeiro gaivotinhas[16] brancas; naquela antecedência de um mar adormecido. Eu esperava dar em suas mãos, eu desejava as linhas dos pés, eu olhava cada curva de uma coroa que une pétalas de um amanhã.

Os aquênios[17] espigados como o congelar de um fato, como uma promessa de disseminação, iluminados pelo sol próprio. Ah meu amor, amor que minha língua percorre a textura do gosto. O rosto que tento o sonho, o rosto que a penumbra recolhe, a praia que encolhe, e o mar que nos cantarola.

---

[16] Gaivotinha – Croton Nervosus, planta anual de flores brancas dos terrenos brejosos, com propriedades medicinais para tratamento de ulcerações.
[17] Aquênio – fruto do Dente-de-leão, terminado por papilhas de pelos brancos sedosos que são disseminadas pelo vento. Cipselas.

O Sol içado em linhas acima para o teatro Dionísio, entre os assentos do silêncio e os minutos virgens daquele dia, o Sol que lentamente hasteado, domina o olhar do girassol-do-campo e do-mato.

O giratório da cabeça das flores que acordam, o giratório da valsa do desejo, o giratório dos meus braços envoltórios nas cores da sua aura, o giratório do desprender dos filhos do dente-de-leão, o giratório da alegria aleatória desperta, o giratório do sangue nos caminhos da mente, o circulatório de sensações que a extremidade de sua pétala me toca, ou seria reação das suas mãos descomuns ou duas plumas exóticas na crista de um cariz, uma flor dipétala[18]?

Meu amor que procura, o vento... O vento da água que refresca. Vento adocicado que em filamentos deságua e dissolve.

Amor, amor da loucura de uma flor-pássaro, amor em duas agulhas esperando com a linha as mãos em borda do tecido da vida, entrelaçar suas cores alfim, que com desenhos dos olhos caibam os olhos dos olhos em um estranho jardim. Rouxinol e canário, e até o voo do avestruz, acasalamento de girassóis negros da noite e dentro desse aconchego eu beijo, intenso, a veia aparente do braço, um sinal caído do céu, e a grande explosão do cometa na minha perna é revelada pela luz do momento e beijo seus pensamentos transpirados na testa do véu.

Meu amor, da navegação náufraga, entre as cores irrespiráveis do mar profundo, enalteça minha respiração, oxigene o cortinado e os móbiles das sensações de amor do meu coração, que ressoe o batimento do seu coração nos movimentos desses tecidos de água verde e luz, como único som passado através da pele ao ouvido. Seu sedimento.

Pétalas como mãos de declamação do escorrer da poesia no arroio incólume ocluso de prazer intrépido no fremido interno.

Acorde-me com sua voz frutal nos espíritos das sombras frescas das folhas e o guizo contínuo dos seres da natureza. Acorde-me com o rosto de sua presença, sua pergunta, os brincos perdidos, os cabelos emaranhados no turbilhão de uma distância sofrida, acomodando minha cabeça nos travesseiros da sua ternura e mãos de colheita.

Do jardim tenho a fruta não escalavrada vestida de lanugem e perfume do frescor da madrugada, aguardando a saliva da mordida.

---

[18] Dipétalo – diz-se de flor que tem duas pétalas.

Chá Raspberry Ahmad
na xícara Sagitarius na flecha dos braços do centauro
e o gosto sangrado rubi do vinho italiano desse amor
O gelo que refresca o doce encanto
e Raspberries curtidas no licor.

Desflorar dipétalos dos ventos contrários e boca sedenta.

PÃO DA PROVIDÊNCIA

|28 março 2020

Instinto de Percepção

Furor

Vesperal de outono

Formigueiro em prantos

Rastros e fileiras

Grãos entre formigas radiais

Nuvem de gafanhoto

Grito da natureza infestada em dor

Dança da queda do trigo

ceifado sem odor

Irroração

Esporo vermelho inflamação

Esporo e cipselas

entregues na anemocoria respiração

uma dança de destino temerário

nos olhos-boca do sofredor

Chuva de fogo

Da poedeira o ouro do ovo

Mãos colhem a vagem da baunilheira

Pois o pão amargo o egoísmo amassa

Pão de pedra a fome padece

Chuva de fogo recobre

cada canto nuvem teto

da vida que arde

vilipêndio do perigo

Imprudência

Pão que o diabo amassou

Agrura avisa aos olhos

Olho que tudo vê

Axioma exige requestar

Demônios assopram a brasa

nos campos de trigo a torrar

Albergar

Chuva de cinza e morte

Sangue na sarjeta próxima

à sua porta

Desorientação – a corrida pede acolher

Da caverna mansão cabine e quarto

Um sono que engane o axioma da verdade

Providência premente

Busca se cercar

da água e do trigo

do amor e da vida

do alimento e da força

da luz e fé

Semente de silo

Fruta desidratada do fenecimento

Prioridade mais razoável

Subsistência amiga

Mas a negação – a desorientação

A queima roupa o furto

atropela desembestado

o requestar que fora amaldiçoado

A escassez e um fermento

Linfa

Abluir na evocação da pureza

Incerteza

Máscara do tempo

A negação e a urgência

Suprimento a um tempo

Tempo esse sem comprimento

A proteção de um dragão

Ar puro sem certificação

A manteiga da duração

Sobrevivência

A palavra sem toda explicação

O fato e a pesquisa

Mortandade em exponenciação

Médico Matemático Cientista

Exercício da enfermagem da inteligência

Corrupio desprendido do distar

Carta de afeto perfumada

Encanecer da idade

Fragilidade peito aberto a fumaça

Estela gravada em oração

Inutilidade do abespinhar do zangão

Consciência

tebaida nas teclas do piano

Arma Solidão

Profundo esquecimento ao estorvo

que não merece menção

Almenara

O tempo futuro dos ventos brandos

A brancura da espuma

Resfolegar somente da chama

no forno que assa o pão

E o momento libertário

revestirá os campos

dos dentes-de-leão

e corona será coração de flor

Reflorescimento

e navegação iluminada

nos brados e nacos

do pão do minuto

do fim do túnel

Pão de minuto com baunilha
Álcool que limpa o mármore da sova
Terrina que brilha limpidez
Duas xícaras de chá de farinha
Duas colheres de manteiga e sensatez

Forno aquecendo brandamente
Pureza branca de um terço de xícara
de leite sereno
Dois ovos misturados com dedos de delicadeza
Três colheres de chá de fermento em pó
Chuva de carinho
Forma preparada untada
nos dedos da parcimônia
Pingos de essência de baunilha
e pitada de sal
talvez polens de adocicar

Fazer pães pequenos com colher
Assar com amor
nos cafés dessa preservação

PONCHE LUA DE SANGUE POENTE

| 12 abril 2020 18:37 | Sentimento de partida sem aviso, perda, sombras, e rompimento | Músicas: In the shadows, Mondscheinsonate, Der mond ist aufgegangen – The Dark Tenor.

I Hóstia Lunar

Fremindo o sopro na ágata

O céu recortado no rasgar da montanha

Olhos confinados no túnel da luneta

ante uma calda cereja pálida

as bolhas coaxando estrelas na champagne

Foco esquecido véu

Anoitecia nau

acontecia angelical

Lua em calda

de cometa cereja

Sangrava uma luz amnésia

Lamparinas acesas pirilampos

Revoadas que cavalgavam mosaicos

as vozes gregorianas de corujas amarelas

Do céu chovem plumas agônicas

Guturais anjos cavalgam Pégasus

saltando como negras sombras sobre

a corcunda calada da montanha

Palavras silentes dizem em cantarolar

como ondinas[19] águas e crateras

no sorriso reto azul cereja luar

(Eu me recordei dos dedos no marfim

do martelo das cordas nas notas

do sangue do seu luar)

Entre as curvas da nebulosa

Entre os dedos perdidos do vento nervoso

Sorriso se foi Em constelação perfilou

traços do rosto traços de sombras

Bordado da esperança marfim

do anjo serafim

Se foi A lua me comeu o coração

(Eu me lembrei cabelos negros

cauda de piano sem plateia

champagne cereja ao luar)

---

[19] Ondina – nas mitologias germânicas e escandinavas, ninfa do amor que vive nas águas. Contextualiza duplo sentido, de ondas na água e ser mitológico do amor. Representa o espelho convexo das luzes do luar em movimento, vivo.

II Cavalgar da Noite

Morcegos de sombras rodearam o tornado

Estrelas depoentes na partida

Grupo valsava o redemoinho dos meus mares

Tragaram a fumaça Via láctea

Violinos sacudiam freneticamente

alma dos meus cabelos

Adeus do desencontro amado

Estrelas cerejas reagruparam capas

Guardavam sua silhueta encapuzada

num cavalo negro pincelado de água

Lambiam luzes de sangrar

Veludo vinho da capa sacudia

Cavalgar por cima da estrada

_ abóbada

(Eu amei sua boca cereja

embebida de uma loucura

da face esquecida do oculto sangrar)

Nas sombras dançantes de madeixas

Serpentes encarando seus olhos crescentes

Descarnando escamas da separação minguante

Entre as mãos que percorrem a coluna

nas vértebras de ânsia rastejante

Abraço apertado do grito da terra

Beijo em língua cratera Krakatoa

Irromper de erupção estonteante

Adeus andar dançado das ancas

_ da lua gigante

_ em pele camurça sedução

_ e vidro de olho de cervo

Traceja a noite a lua

nevada nos dentes da morsa

Luz do gosto sangrado distante

(Eu planei dunas secas

no duelo dos raios luares

e solares no poente hangar)

Paixão vinho não fermentado

Morder o nortear da cereja

entredentes do sangue lunar

Nos leitos amorfos do vento

No seixo escarpado sedento

Corpo nu derrubava a capa das noites

Corpo nu ressecava sereno dos uivos

Corpo nu evaporava chama de açoites

Corpo só me olhava nos estremeceres

um brilho imantado de magma

Olho de despedida *astigmatísmica*

Lua de sangue poente – vazios amanheceres

(Eu amei a dimensão planície

saliva inundou o gosto cassis

perfume casca de limão do sumo marino

do sorriso lunático no ocaso felino)

Gosto absurdo persistente cereja lua de sangue

Noite cavalgada acima das nuvens

Sua pele mentolada da seiva

nos perfumes perdidos exalados nos cabelos

Orvalhos em minhas gustativas papilas

desenhados em plúmulas

nos álcoois de amor amplitude

e sabor de compreenderes

Amor da transição infinita orbital

Ponche de luar cassis
Duas doses de vodca
Meia lembrança de cassis licor
Frescas tiras de casca de limão taiti
Meia dose de xarope de calda
com gotas e raspas de limão em água doce fervida
Seis doses de Champagne

Seis – três amoras e cerejas frescas a cada copo
Uma folhinha de hortelã
Gelo ao cubo
Copos transparentes em drinks
e um garfinho para comer as frutas

VENUS POMUM INCELEBRAE[20]

|27 julho 2020 17:19 | Venus, atração e maçã| Ânsia, alvorecer | Nihil 9 Jul 20 | Tentáculo Phasma Verso Insano Chiishkwesinaasuu | Receita baseada em Orchard.

Xadrez em *green-blue*

no desejo de estrela

o brilho que abraça

a madrugada de gelo

taça

Na espadada do estilhaço

madrugaria s'quebraria

no agudo chamado em sabres diamantes

imã lúgubre aguçado permanente

Asas do meu vitral Querubim

sibilam mundos dissonantes

azul mescla dos azuis escarlates

Fagulhas enamoram o límbico ultramar

Teu sangrar *flumen* [21]brilhante

Saliva néctar amante

Afogada no céu profundo

em fogo volátil

Azul maçã extático

---

[20] Venus Pomum Incelebrae – Vênus sedução maçã, Vênus atração maçã. Vênus maçã encanto.

[21] *Flumen fluminis* – Lat. Correnteza de água. Rio, regato.

Os olhos perseguem o túnel[22]

_ monástico

do Amor *incelebrae*[23]

alcoólico incorporado evaporado

as sedas brisas de teu sorriso (Cinzas derretidas guardadas em teu umbigo)

como mãos que acenam pinturas

difusas em pálido azul Vênus (Como não que encenam mentiras)

Pupila borbulhante Sauvignon

sentada em orbital advindo nu (Ardor amado amor)

Cântico consumado nas gaivotas derretidas (nas)

mãos dadas em asas na orla

como perturbação em tintura visual

Andar álbido[24] cadente Párton[25]

Brilhante casca sedenta

nas poesias turbulentas atmosferas [Vênus]

Gostos âmbar de pingos de mel

Dedos em elétricos aquários

riscos de giz coloridos tênues

no sabor gélido ultramar!

Retorcida pelos ares – borda

---

[22] No sentido de pupila.
[23] incelebra –ae – Lat. – sedução, encanto, atração.
[24] álbido – esbranquiçado.
[25] Párton – Partícula subnuclear constituída de núcleons.

na superfície oculta boca

envolta efervescente

em *tepidária* tez Vison

Gota de limão extrínseco dos vértices

Das trajetórias espelhadas Serafins

Nos inscritos rupestres *Exsplendesco*[26]

Mastigadas pétalas de Sol Orquidário

[26] *Exsplendesco* –is –ere –dui – Lat. Brilhar intensamente. Luzir. Destacar-se.

[Illustratio 4]

Pomum Crystalli[27] *medida em cl*

Lamber com as chamas
o néctar da maçã
a cada lance a cada instante
a madrugada noite uivante
borbulhas de cinco Sauvignon Blanc
a mesma medida de vodca
Duas caldas de mel em cristais açúcares
uma colher de líquido espremido
de limão retorcido
que goteja nas fatias areníticas
da paixão dormida
da insônia ébria
em Vênus recém-nascida
em copo de borda estrelada
para beber à solidão alvorada

Δ

---

[27] *Crystallum, crystalli* – Lat. gelo, cristal de rocha, cristal. *Pomum Crystalli* – no genitivo a significar Maçã de Cristal, em contexto, um peso de mesa em forma de maçã - visão remota, a dar nome para um drink, inspirado no Orchard, pomar.

ÂMBAR CAFÉ, MEL E MORANGO

|30 Dezembro 2020 2:30

Porque vi em transparência

uma gota afogando um escaravelho

Porque eu vi um besouro vestido

a noite dava impressão de um passado

cujos olhos brilham luzes de asas

com abatimento desse fog assoprado

Dentro de um verniz aprisionado

Porque te vi no ângulo bissetriz

Porque dentro essa luz cauterizava

na carcaça do inseto milenar tempo

como a abreviação do infortúnio

toda beleza intocável escancarada

de vida e morte ambarizada[28]

.

Pois vi em teus olhos

os mares das fendas náufragas

os tecidos perfurados de agulhas

um ouro que acendia uma íris

A dança dos dentes e da língua

no contrapasso de um tango

Os fios que revoltosos

---

[28] feita âmbar, neologismo.

congelaram ante o átimo

da resina do tempo ínfimo

enquanto meu amor sobrevoava

nuvens róseas do infinito

.

Por ti abelhas como foguetes

Explodiam os fogos do impossível

Porque percebi dentro de uma gota

tudo que te trazia em lua vazia

e a má-sorte eu apostava reversível

já que abelhas incrustavam

o âmbar de suas procriações

o mel de toda labuta oca

no caminho da luz da visão

desse lugar somente teu bonito

Um âmbar de ilusão

Um âmbar registrado de fossilizações

.

Entre os dedos eu pretendia segurar

Entre a suave pega tocar aquele momento

e o consertar

.

Tão maravilhoso foi esse encontrar

como preciosidade oculta esquecida

mas de peculiares visões

Mapeava a rugosidade da pele

media o epicentro dos sismos

gravava cada palavra afogada no cicio

e beijava cada sílaba do pequeno existir

.

[(De) um amor sobrevivente às gerações]

Como pássaro livre

Como esporos evolados

Como orvalhos precipitados

Como estames da primavera

Como gelatinas doces de arco-íris

Como esqueletos perenes de folhas

Como um marsupial no muro da noite

(Eu amava)

Como cores de um fio de teia em água

Como o segredo da gruta do formigueiro

e todos os passeios bruscos do inseto de vidro

Toquei Toquei Toquei com a ponta do sabor

Como um retorno migratório em coroa vermelha

Como um piado chamando

um tempo por viver

(Amor)

.

Porque vi em cegar de amor incandescente

Âmbar milenar liquefeito em anidro

esvaiu sua cor pasma

os insetos ressurgiram do nada

Zumbiram rodopiando dentro de si

Amaram de forma indecente

Uma nova vida prometida

consumida injustamente

Suas asas vibraram em luzes de asma

E desfalecidos pairaram entre as frestas

dos incessantes minutos iridescentes

.

Do Sol nascente choviam

seivas de um âmbar delicioso

Em Mar Morto guardou-se os sais

da oportunidade em *champagne* efervescente

.

(Lentamente afundei nas cobertas

entre um sono morno

em teu colo adormeci

nos brilhos âmbares dos cabelos

nas frestas das transposições

das forças vencidas

das verdades inesquecíveis

em lindo ser)

.

Como a dissonância morango
na queima do café
aroma secreto anelado em mel
em olhar derramado em doce transcendência

INEBRIANTES PORQUÊS CEREJAS

|26 Fevereiro 2021 19:10 | Os porquês dúbios, sentimento de injustiça, injúria, amor etéreo entrando em órbita. Baseado na bebida maserati.

Flagrantes inebriantes

de cerejas borbulhantes

em flores d'antes Alighieri's

Por que testo flavores de flores

dissolvidas nas vidas idas

em intocáveis nimbares dos gelos?

Por que tinges a tinta cerejas febris?

Variante alcoolizar impertérrito

das danças dos dedos das mãos

encestando cerejas ápteras

das esquecidas flores acéfalas

Campari ensanguentado de um

estouro *Prosecco*

.

Um corpo adormece os felinos sorrisos

Adormece em um dente canino

Adormece nas ondulações de tez

Por que estremeces os ângulos do queixo impreciso?

Por que enternecem os dedos nas sedas

de cerejas longitudinais partidas?

Uma ruga que desenha o vento

O abraço descansa no peito

Os braços dançam curvos

derramando vinhos lacrimosos

da cuia de cada cereja rasgada

.

Sedas sobrepostas em cambraia de estrelas

Sedas demais Cedo de menos

Sedento ardor em brando escorregar

dos tecidos invisíveis do vento

dos mornos hálitos assoprados no interstício

dos mornos arrepios hirtos

diluídos nos últimos goles de copo interlúnio

.

Língua tocante

Diamante

.

Vê porque sinto

o céu voeja flores carmins

E eu puxo as sedas com os dentes

Amanhecente Campari *Cherry Blossom*

Quando desanuvias novo tempo espuma

nudez escorrida da língua degelo

.

O primeiro alento que come

garganteia gargântua do

romper da carne cereja

.

Esparramadas purpúreas percepções

das explosões corações

nos céus inebriantes estratosféricos

na realidade onírica dissolvida

a visão *abocanhante*

da boca amante

do bacamarte

da seiva fervente

do amor ardente

Porque etereamente

amarei cereja sempre

.

Renascer no frescor da tua

tua primavera alabarda

nos espinhos que rasgarão meu pulsar

no alar de ocultos passarinhos

na lentidão precisa de apaixonante carinho

.

Cada meia cereja

na indubitável ponta de cada

úvula língua improvável

salivar imperturbável

de um tocar imaterial

dos teus olhares licorosos

maquiavelicamente bacantes

.

O beijo é terno

Inebriantes porquês cerejas

Eu cerejo e tu cerejas

no diametral corte estelar

circum-navegante

de amores ofegantes

Astrolábio equidistante

Amanhecer Ametista Drink
2 doses de Campari
1 colher de calda de açúcar
6 doses de Prosecco
Cerejas naturais partidas e inteiras
Calda de cereja (pilar o sumo)
4 Gotas de Angostura
Raspas de limão
Gelo picado
Colocar na coqueteleira e bater.

Δ

AFFABRE[29] CALAMELLUS[30] CREPUSCULI

| 18 MAIO 2021 22:22 A 22:47 | IMERSÃO DE CONCENTRAÇÃO E PESQUISA

| ORFANDADE NO DESVARIO EXAUSTIVO DO AMOR VAGO | TARDE DE DOMINGO 9 MAIO COMO ELEMENTO REAL E QUEIMADURA AOS SETE ANOS | COM ARTE O CARAMELO DO CREPÚSCULO

Nada entrava se arrastando

no Sol de pernas esperneadas

Olhos côncavos nas gotas de gelo

Riscavam com linhas de frio o cariz

nos cachecóis do frio mortal

como falta de eixo de embriaguez

ou um andar rebolado de pequinês

O transferidor traçou meus ângulos

nas janelas de preâmbulos

A fumaça tecia as borbulhas da queima

e as farpas sangravam os perfumes

Pelo ar imaginava os caramelos encaracolados

que escorressem nas estruturas pênseis

mobiles e *stabiles* de Calder[31]

como decantar da tarde

---

[29] Affabre – Lat. artisticamente, com arte.

[30] Calamellus – Lat. diminutivo de calamus – cana.

[31] Calder, Alexander escultor moderno, que elaborou estruturas estáticas e móveis, os mobiles e stabiles que tinham a estrutura preta com peças coloridas.

e a hipnose encarcerasse o Sol

Como queimadura de desespero

o caramelo entornava as suas línguas crepitantes

no tempo do ato da lacuna ausente

como esfaceladas cariátides

sussurrando em vago aludir da carótida

O sumo frutal da tarde entardecia

o que enegrecia o exortar da vida

O tédio incompreensível da palidez enevoada

do desinçar crebo insuficiente

como uma excisão desse coto

indeterminável

Como a contabilização das glumas nascentes

a entregar ao estio do fastio

da água fervente Amor incandescente

no sacrifício desse eco

dessa estranha amplidão escamoteável

transcorrida falta de falso-rosto

e o ganido guardado de exúbere

em dor inflamada sesga

com uma falta fariscada sem rosto

apenas a memória rota do rugido

rugido do rosto da voz em ruge

do rosto corado fugido na noz

da foz do fato do fado crepuscular

na estrela da tarde em mugido

farfalhado no caule da calda do Sol

exato inato amor do cantarolar do regato

nas cores caquis atomatadas de bocas

maçãs e anãs do meu desvario da héctica

nas lágrimas outonais *Ain Soph*[32]

Como vilipendiar do vácuo do vento oculto

reservado às frondes noturnas

em danças de afeto intocáveis de seus sinos de matos

tardia mente tanto quanto sente

os capins gordura e inflorescências das sombras

.

O crepúsculo! Os urubus cirandam a noite

Seu rugido esganado da memória

ganido em choro no regaço da alma

Coração partido mergulhado no caramelo

A queima do peito marcado a fogo

do doce veneno do afeto lôbrego

.

A luz ruge bordô escorrendo doce

como o deglutir da saliva

um gosto antigo em cores

mistas frutais das misteriosas especiarias

uma trajetória de paralelo

sem ponto de fuga

---

[32] Ein sof – Ain Soph – sem limites. Termo conceitual religioso cabalista.

Espinhos do sabor cravo do inencontrável

Pranto deitado sob coberta das marsíleas[33]

na corredeira no arresto do meu afeto

esgotada o calor se esvai

e as fatias do coração banana do Sol

trazem uma luz a mais ao lanternim

uma luz a mais ao renascimento

arrebol penso no pináculo do revoar

e a nébula derretida

nesse cetim de arrepsia

.

Durante a noite beijo a face da sua virilha ilusão

Caramelo Frutal Crepuscular rubro-dourado

| PÁ = DUAS COLHERES DE SOPA E MEIA

Duas pás de neve açucarada
uma pá de açúcar de coco
Suam na bunda da panela
Transmutam na lava dourada
fumaças doces arrotam canela em pau
Os cravos são fossilizados
As duas bananas nuas enfatiotadas
As quatro partes do tempo descascado
duma maçã
E o coração despetalado de um
caqui rubro maduro

---

[33] plantas aquáticas, trevo d'água. Marsílias.

Uma lua de gengibre
Mergulha nesse estuar
A colher de madeira gira
a derrama de duas colheres de lágrimas
O relógio amolece o sentimento
Chora uma pitada de canela
Um caramelo frutal
como o coral do céu da tarde
avermelha
A uma compota se resguarda
Numa caneca de vidro as colheradas
submergem o leite puro
E às colheradas se come ainda
morno
O amor torrefato cresta
a sensação doce desse enganar
afável que resta

COR FICUS MATURA

|05 Setembro 2021 23h |Quarto do Mezanino | Áudio 20210905 *Poema| Coração do Figo maduro

As dunas cortaram em minhas mãos [34]

Amor de você

Azul do céu leste

Ainda proferi o cajado do seu nome

As plumas escreviam nuvens

Um espelho cortou uma parte do Sol

Voaram o gosto palatal de céu e

céu inventado numa gruta

Ninho de ínfimo passarinho

Sem borbulhas decantavam

aramado balbucio de seu coração[35]

Sua promessa olhava fiel na janela do avião

Seus cabelos revolviam a ventania

trancada nas turbinas de vazio

Insosso rosto imaginado em meu passado

rosto do osso transformado

reafirmado noutras visões embebidas

de sangue doce que dança

nada

e se afoga embriagado

---

[34] Minhas rugas

[35] Os frisos da boca.

e cora o gosto

do poro colhido

sugado pelo desejo e realidade

de sua carne mordida

aos ventos cálidos dos lábios

estranhamentos hálitos sábios

dos amores flores

.

Flores restam em alma de

Sol poente espelhado[36]

em brilhos orvalhos derretidos

em uvas liriais

Ecos Ecos surdos insensatos

Do borboletear desesperado em teias

Teias de beijar

O pingente do tempo que se despedaça

Eu presa numa rede de pesca

no navegar de pálido céu

dos sonhos incendiados

Num balão rompendo as linhas do meu foco

Seria ilusão? Uma recordação? Estaria lá?

Flores imortais rastejam nas sombras

Salvam-se para um velho sonho

uma túnica de Céu Sol coroado de pétalas

---

[36] O reflexo do Sol no avião que passou no Pôr do Sol.

borbulhar das uvas e

o mel de figo a derreter na língua

de um momento uivante

seja do mar ou do amar

Flores estavam e arvoreciam

as luzes unidas de conjunções[37]

das cinco horas

Floresciam o cio no pio do uivo e silvo

As flores invertidas do figo

imersas no beijo sentido do lírio

dormido na minha face lirial

.

Como luz de sorrir de anjo

Como paz de conseguir o âmago

Como ida de chegar ao ponto

Como sal de adocicar seu corpo

Como mal de abençoar o entorno

Como meu de tocar a alma

.

Flor de trevo Flor de assopro

Flor de sorte Vento de arrasto

Meu amor profiro em voz dos ventos

Redemoinho Torvelinho Corrupio

Da pele ao curtume de todo feno

---

[37] Refere-se à primeira estrela vista em 5/9/21 que a visão induzia a crer que tinham duas estrelas juntas. Podia ser ou apenas visão fraca.

Do trigo aos cabelos do milho

Do fogo cortante às cinzas

nas baforadas da destruição

Flores petrificam

E nós como pétalas condenadas

.

Flores silenciam Flores adormeciam

Bebo o vinho do sumo

Engulo o ozônio e seu zircônio

Engulo o pingente e a estrela efervescente

Espumo as escumas das ondas bravas

como constantes tapas do limpador de para-brisas

nas lágrimas de chuva esfaqueadas por luzes de freios

.

Meia-noite encanto

Transformo seus cabelos em mel de lavas

como vulcão extinto extingo em minhas salivas

em polens o Sol pipoca amarelecido

a carne branca mastigo

os sóis da meia-noite explodem

flores de pólvora no céu da boca

A tempestade despetala

Voraz te engulo

como fumaça de estio

nebulosidade

uma tormenta de causar medo

de deixar sem chão no escuro

Flor do obscuro da gruta

da noite na nascente do hálito puro

Flor de amor

em coração

em duas mãos

Flor esta

Drink O gosto do Vento

Dois figos perfeitamente ametistas

Em flores desabrochadas partidas em coração unido

Taças abertas

Vinho Castillo de Liria branco

Pasta de açúcar e sumo de romã

para a beira e fundo da taça

Vinho refrigerado a dezoito graus

Chuva de montanha e Pôr do Sol

Celebração de encontro na vista prateada de mar

Vento de brisa marítima após chuva de

anúncio de primavera

Os figos imersos são comidos com

mel do Sol apagado ao acender da

lamparina

O verde revelará a flor do figo

Bromélias da mata entre samambaias

Tudo se transforma em renda negra

da noite com o céu que profere

Profere seu nome

Auríferos
DIÁFANOS

|09 Março 2021 14h Nihil 18:20 incrementum e momentum |Série *Devaneo*

Tímido lúgubre cristal, sempre em sempre cumpre, trajetória aspergida rasgando as fendas da janela, das horas inebriantes como luzes empoadas de sonhos, sonhos multicoloridos de ti, como um *engrave* na alma, na face gélida de longos vidros nesse acachoeirar-se alvo purpúreo de um ar que a mesa decanta essa espreita. Adivinhada. Os diáfanos evaporados emanados entre uma vestimenta telada em fios de seda das nuvens, abertos, enquadrando brisas do encanto como vapores manuscritos em devanágari[38]. Um sino debanda os pássaros e em voz percorrida nos fios, repuxa o gradil envolto em sinuosidades abre a ti o sésamo e o dourado trigo para as rodas trilharem sendas derramadas em carmim cabelo das nuvens de fim de dia.

Aguardo numa colina, um balcão concretado que se projeta para um vale atapetado da maciez dos outonos, como revoltas ondas amarrotadas de um leito, um correr líquido híbrido de faíscas que se transformam em bandos de beija-flores minúsculos, beija-flores diáfanos que vêm beijar os brilhos floridos em um chuveiro de luzes em anel triplo, em flores esculpidas, em luzes amorfas no cair do murmúrio das águas, entre pedras e dícrano esparramado de amor renascido.

Tímido andar entre as vestes espumadas das águas de banho, o escritório se projeta pela colina, sob o dólmen, uma janela longa ao solário de clareira, a claraboia perfura o teto, nos corredores que fazem a espalda do refúgio, oculto abaixo de uma erigida morada dos ventos, Sol, envidraçada Lua e poente, tanto quanto nascente, sobressaltada na garagem subscrita, entre telhado amarronzado e modernas caixas concretadas incrustadas de pedras, rodeadas de um gramado precedente de um arvoredo ciliar nos olhos umedecidos da nascente, a vertente, enfim como lugar que agasalha o tempo escolhido nas penas de uma caneta sobre papel, no tampo, na madeira aparelhada da alma, nesse *engrave* que se revela claridade sombreada na mensagem.

Esperança de cada minuto voejado, flanado, pairado no cumeado de nuvens, deslizado nas arestas da brecha do céu como um nascimento de dia apropriado para aquela sensação morna na pele, uma memória de ti, uma memória das

---

[38] Devanágari – escrita dos deuses, escrita utilizada para o sânscrito, o hindi.

texturas do desejo, como lembrança dos fios precipitados em brilhos da entaipaba, grunhindo e sussurrando como voz que guia tua vinda. Guia tua linda imersão nas cores translúcidas de nuvens halógenas de sensações e estremecimentos, o caminho das partículas vibra nas raízes do teu cabelo, como um choque, felpas que enternecem a abstenção desse rever.

O rever revestido, sorriso mínimo, dedo mindinho, que gesticula calculado, que tira os pés do veículo, no final das linhas na garagem, que abocanha o vento, em dança enlouquecida do passo no peito aquecido de curiosidade e receio. Os passos lentos sob o gorjeio latejado, entre a nébula nascida da entaipaba que estrela as frondes de um mar de diáfanas luzes, baforadas pela sua profana boca quebranto da razão, cadenciada em passos, em busca. Busca desse rever o jamais. Olhar os olhos do súbito e não ter formulado uma molécula de água.

A silhueta vestida de um camisolão cambraiado se apresenta com as ondas marcando minhas mechas raiadas de cores furtadas, faceada de expressões cristalizadas do magmatismo, fazendo os olhos proferirem douradas emoções sem ação mutuamente esperada.

A ti cabe esse avanço da perna direita, o bico do sapato desponta o círculo da proximidade, teus braços arcados envolvem-me os anos. A louca frisada entre sombras e risos, sela um calor adesivo na penugem de meu rosto. Rostos que se perfilam entre ângulos dançados em contra movimento e os olhos se derramam como líquen, percorrem o desequilíbrio nos brios.

Olhar teu venta, como mãos que se entrecruzam em meu coração. Eu te recebo como saciedade.

As luzes empoleiradas nas tantas lombadas da biblioteca, cujos dedos lúbricos tocam todos os títulos até adentrar o atelier avarandado como essa cristaleria de brilhos rendados com o descabelar e os ouros polens do reencontrar.

Estender-me-ias as mãos e no contorno do afago, entrelaçastes como hastes, como flores diadelfas que da floreira, derramassem-se encaracolando os arrepios de nossos eletrodos.

Eu pude te enxergar através do escalpo entre as fendas dos cabelos em contornos finos de gravura cercada de branco por todos os lados, como um sonho degustado, a rega foi cristalina, sem pedidos e sem embaraços, como frondes que não estão parasitárias de barba de velho. São braços que entrecruzam as salivas da compreensão.

Por tantos momentos mudos eu interrompia, para que esse beijo fosse diante de um manancial puro, um cristal especial, uma luz de clareira, mas tudo aqui era esse lago etéreo de uma catadupa diáfana.

E os dedos de vento, os dedos da água morna, os dedos cristalinos de orvalhos, os olhos da chuva, os dentes de leão, os capins dourados, as raízes de nossas vozes - Entre mim e ti...

Uma dança muda envolta em táctil nos sentidos cegos nos sabores que tatuam as línguas dessas palavras, que em ti eu sinto, a pele desse tocar, como sinetas que tilintam, como pingos que se quebram caídos nessa banheira de cristal, como elementos secretos que deixo como sigma dessa marca, de uma ligação indefinível, magnífica, enquanto um som forte nos sacode.

Os acordes da contração maior, de um salto além, de um cantarolar acutíssimo angelical, um ardor misto a um existir, o existir desse pulso, que percorre todo o corpo entre os perfumes adivinhados e os sabores a serem inventados, em dicrotismos no pulso do curso dos ares dos ventos das auroras e ocasos e das floradas secas para sempre, sempre-vivas, centesimal e milesimal, do senso das pontas dos meus dedos tocantes nas seivas dos teus lábios decifram os balbuciares pálidos, tímidos e lúbricos.

À delicadeza da tarde, o lapidário da mesa é lido às cegas, aos trancos, aos pares cada letra, perpetuado um beijo labializado no amor, enquanto o Sol se pôs.

Então, tu te afastas, com a cabeça dentro das minhas mãos, com o sorriso dos olhos me dizes:

Enfim eu te encontrei.

Como eu quis que o tempo voltasse e tivéssemos todo discorrer da órbita solar para vivermos e sentirmos nossas mãos nas horas dolorosas e nas orlas marítimas. Por que demoraste?

Eu vivi contigo no meu coração nas tuas palavras capazes de me extasiar.

Por ti eu tudo.

Eu sei teu amor, seguro a crina da liberdade pelo que não pude antes e tudo faz mais sentido agora. Escureceu e necessitei da tua luz de amor.

Teu amor se fez em líquens e luzes mornas diáfanas que me permitem o todo da visão. Estou feliz sentindo teu abraço dentro do meu peito.

As sombras do prelúdio do inverno anunciaram a chuva, abri os olhos de minha solidão na tarde do tímido sentir, ainda esvaíam as notas

das músicas, o murmúrio da vertente, os beija-flores mínimos, as cobertas de dícranos[39] verdejantes revoltas acobertam meus ombros, nas lágrimas que não choradas porejaram o rosto. O frio não teve poder, como se eu sob esse dólmen, tivesse minha mesa e as tintas da ilusão indissolúveis, a pele sentia o arrepio como orvalho de um nirvana ainda possível. Bem hoje, dentro desse hoje, embebido de releituras singelas da magia da arquitetura desse amor, dentro dessas estruturas, entre sombras e luzes o amor me fez dona da montanha e dos ares, deitada nas nuvens da sublime felicidade. Eu te descrevia entre os traços da tez e a arcada da face, a boca em florada, o peito em temperatura e os olhos diáfanos.

[39] Dícrano – (gr. dikranos - bifurcado), gen. Dicranum, musgo que forma um tapete contínuo no solo dos bosques.

IGNIS POGONIAS INFRA CALICEM ANTIDOTI RUBI PIPERIS ET COGNACI[40]

|27 maio 2022 19 – 20:48 | Estudo e idealização da percepção do voo sobre o Barathrum em mesma sensação das visões noturnas do livro 'Terre des Hommes' de Antoine Saint-Exupéry| Sentimentos complexos: sobrevivência sentimental, salvação da vida mediante Exuperismo em transmutação do ser em ser, um ser dotado de intrínseca liberdade e pureza, e a sublimação do álcool como no cognac a profundidade de maturação, purificação e essência de si próprio em prazer do par | Elemento: Topaza pella e Astoding flowers of sparkling mesolite sprays originário de Poona – Índia41.

Como um dedo aceso sabático

que apropinqua ignífero em flâmulas plumas

Através do báratro do contempto

nas cores sangradas da madrugada tempo

Eu recitava uma cantiga simples anabática

Eu apenas as cenas de que te amo quadrática

entre os riscos sem granizos de flores-sprays mesolíticas

florescem dentes-de-leão e pimentas

enodoadas entre amoras do meu premente

tudo que reacende da noite a semente

---

[40] *Ignis pogonias infra calicem antidoti rubi piperis et cognaci* – Lat. *Pogonias* ignífero abaixo da taça de antídoto amora pimenta e cognac (*sublimatum*).

[41] Referência do 'Amazing geologist' portal, a imagem das flores de spray mesolítico, brancas de alta alvura.

Eu sei o lume bifocal desse *pogonias*[42]

das monções ululantes de alguns dias

Eu entre os gizes e marquises atípicas

que a luz ígnea desse rubescer

Cara cintilante de pipilo em delgadeza!

Cometa *sublimatum*[43] desse báratro

rasga a noite no bico de pena

em tinta ultramarina como lamparina

Tudo se desenha em marca d'água vinho

como andar de frufru de seda cintilante

A flâmula trêmula sob o *pocillum*[44]

Dessa pirofobia tua que seja o desentaipar

lumiar capsular sobre cabiúna

Abraço como heureca a entropia amante

nas cores cetins da suntuosidade *cognac*

Como difusão sangrada da amora

e as adagas da pimenta *Exuperrismo*

.

Acordam teus olhos na camuflagem

das asas do voo cortês

Folhas de cabiúnas dos abismos

caem em movimento de bambolês

A trajetória do fogo aquecido

---

[42] ***Pogonias*** – ae Lat. – Um tipo de cometa.
[43] ***sublimatum*** – Lat. – foi a tradução encontrada mais simples para conhaque.
[44] ***pocillum*** -i Lat. – copo pequeno, taça.

faz dos gelos os esporos mágicos alvos

das flores de sprays mesolíticos

que degelam o contempto disjungir

que Voa Plana Flana no frondoso

como um pântano que depreende plangente

quente férvido contrito mítico

asas de fogo aromático

Acta[45] as marés cíclicas

Acta[46] voo traçado em nuances campanuláceas

Suntuosidade do ancho do pequeno pássaro

de estola dourada de cometa e*stagnário*

e peito aberto de coração ígneo

Topaza bella [47]Amor singelo signatário

Livre Livre e*svoeja* amora horas

beija-flor-brilho-de-fogo ancho *Exuperrismo*

Aquece o amor licoroso em prelibar

Fleo ad te suaviter[48]

---

[45] ***Acta*** -ae – Lat. Costa, margem, praia, prazeres da praia.

[46] ***Acta*** -orum – Lat. (n.) Coisas feitas, atos oficiais, ata.

[47] ***Topaza bella*** – Beija-flor-brilho-de-fogo, pescoço dourado e peito vermelho.

[48] ***Fleo ad te suaviter*** – Lat. *Fleo* -es -ere, fleui, fletum – ato físico de chorar, derramar lágrimas. 'Eu choro por ti docemente (suavemente). A suavidade do encanto do voo e pipilo do beija-flor, que neste caso, traz a chama ao cálice que aquece o conhaque com gelos insólitos, dessa imagem poética das flores de spray mesolíticos, de cor branca contrastante com a sublimação vinho, em perfeita maturidade composta por elementos sanguíneos que são a pimenta e a amora. A amora no símbolo do ato de sentimento do coração e a pimenta, o atrevimento do sentimento do coração. A libertação sensata, com a transposição do abismo pelo voo sobre as árvores, é a ligação pura e perene, que colhe a

sensação do sobrevoo das frondes iluminando com o fogo do pássaro. As lágrimas são da emoção ébria do reencontrar, sob a luz mais pura da vela que aquece a mão no inverno e que supõe o nível de afeto permitido.

AUREUM MULTIVERSE

|11 julho 2022 19:22

Uma incidência em trinta graus do dourado raio

Eu encontrei a voz rouca do tempo passado

Mas o que adentrei parecia mais do que um submerso

Tergiverso espelhamento dos cômodos do multiverso

Andavam as pessoas vestidas do parentesco do amor

Elas me recepcionavam

nos ângulos hexagonais

na sala de estar

sem lugar de sentar

Duas pessoas eram distintas no vestido e no chapéu de usar

Eram a mãe do Amor e espreita do meu pai

O Amor ali chegaria ou nalgum quintal arvoraria

A lanterna O lampejo Amanheceria o cortejo

Uma menina pegou minha mão

Em sonho eu me sabia sabia que sabia

o Amar que me douraria

Duraria? Alfaiataria? Carpintaria? Ventania?

Eu que não acarvoasse que sobrevoaria

As meninas Mulheres Suas saias e sinas

Eram todas fazendas coloridas de sua família

Rodeavam Falavam com boca emudecida

Olhavam com olhos orvalhecidos

Sua mãe me distinguia como um pássaro

tingido em dourado no meio de uma horda

Uma nuvem esfumaçada que revirasse voo

em todas as réguas da luz cadente da homilia

A criança que gingava desse a outro lado

deu-me mão com seus aneiszinhos de cristais azuis

tinha jeito singelo e me rodeou levando ao quarto

dava a outro quarto e um umbral dourado

cheio de luz intensa que reacendia nas prateleiras

todas laqueadas entre asas angelicais de dourado

com inúmeras lombadas coloridas da biblioteca

Uma mesa alta ao centro focada pela janela

que assoprava um facho pescado d'ouro empoado

Um castiçal ardia as velas Uma luminária antiga

Escadas deslizantes nas altas prateleiras de livros

E uma pena dourada com bico esguio

Um grande caderno aberto cuja página esgrimo

letras escritas sem sentido sem tinta mas cristalino

A menina não passa da porta o batente

A menina não chora não sorridente

Apenas me segura com a mão na pena de escrita

Eu pedia Perguntava Por você Amor

Eu navegava Imergia sobre as sombras de você Amor

Eu segurava a espera da sua mão de Amor

Os dedos que eu sentisse destemor

Eu seguia nos corredores entre pessoas sem calor

Roupas pretas e blusas vinhos assoalho em primor

Eu olhava as faces desconhecidas como alguém caro

Perguntava por você *douror*

Perguntava onde encontrar

Perguntava sem dizer

Nos escritos dourados

de tanto te amar

Então adiante de muitas adjacências

Entre as janelas que cruzavam com brilho

Os cabelos diferentes de convergência

Eram encaracolados em seus trilhos

De longe um enorme retinido do seu sorriso

Através dos vultos Sombras Espadas douradas

Caminhamos de encontro seu rosto magnificente

Nos abraçamos como nunca

Da boca meio ouro meia hora

meia noite como hora de ir embora

me beija arrebata nos ventos que sacodem

a musselina de uma bata

Da boca o brilho a chama do fogo apagado

a queima dos fogos queimados

uma nuance riscada em cola verniz

como gosto alcoolizado de anis

Um Deus que dispara um raio

As penas verdes do papagaio

Mas o riso era pranto

Como um doce sabor sentido

Sentido impossivelmente dentro do sonho

Ardido e ouvido da abelha o zumbido

Na meia-noite manhã com as horas acordadas

De verdade eu concretizei Sonhos dormidos

Os desejos de encontrar amistosamente

O abraço espontaneamente sincero

E lá estavam vultos espirituais singelos

O Amar e Amor juntavam

Amar o amor amavam

Ouro do mar

Verdadeiro

flutuar sonhado

Verso da Página Aureum Multiverse

Baseado no sonho em que cheguei na casa familiar de meu amor, lá eu buscava esse reencontrar. Havia pessoas diversas que nunca vi, mas eram seus parentes. Falei com a mãe dela. Esta senhora se destacou das demais pessoas, e estava apenas sorridente. Essa foi a conversa. Uma apresentação. Eu procurava pelo meu amor nos corredores de sombras entrecortados por luzes angulares das janelas. Os vultos eram mulheres e meninas. Somente um homem trajava terno, chapéu cinza escuro, blusa vinho.

Uma menina me guiou por um corredor até a biblioteca, um lugar de uns quinze metros por dez metros, era alto, tinha prateleiras douradas de livros grandes coloridos. Duas grandes janelas de vidraça. Uma mesa grossa alta no centro. Tinham vidros de alquimia, livros empilhados. Luz de uma luminária tradicional antiga, de corpo dourado, e um castiçal de três velas.

Havia um livro aberto onde escrevi com uma pena antiga, sem tinta na ponta, mas a escrita se formava por mágica.

Reencontrei com um sorriso muito branco, mas muito branco mesmo que abriu, ao longe, nos reconhecemos e andamos ao encontro do abraço. O amor estava radiante, diferente, seus cabelos, tinha cabelos encaracolados e nunca esteve com este sorriso que vi e senti no sonho.

Eu dominava meus atos no sonho. Eu agia por algo que queria que era encontrar. Por fim, nos demos um beijo. Segurei sua mão. As mãos estiveram no meu rosto. Senti esse calor quando acordei. Amei, eu sei.

Percepções

CLOROFILA

| 28 Abril 2020 16:11 |

Fenestre-me de caules e pecíolos

Turbilhe-me de canto e percussões

Mãos que se assepsiam

Luvas e laços em aventais

Ferocidade do vento no esqueleto

Amanhece alento Clorofila

Beijo do Sol e fótons

Clorofila abre o mar da água

Clorofila o mistério da vida

Síntese do dia e noite

Crescer do tempo em fototropismo

Corredores ecoam alarmes

Correria da salva de tiros

Ruas seladas Ar estanque

Clorofila asfixia

Asfixia incontida

Cai Clorofila opaca em finidade

Folha que cai não decanta

Fóton que alimenta

Síntese que elabora

Noite carbônica

Dia respiração

Balões de oxigênio

Enferma folha precoce

Vírus outonal fenece

As folhas que o vento colhe

A vida que o turbilhão recolhe

Clorofila que amarela e morre

Pigmentos carotenoides

das energias extinguidas

sozinhos se despedem

Clorofila sem adeus sem hora

Resfolega e rumina

sabor seco da impotência

Fenestre-me de janelas a agonia

Festeje-me de ar sem vidraça

Voeje-me de leveza às memórias

e vozes familiares

Clorofila roupagem de luxo

Folhas da sabedoria

Sacrifício da estiagem

Empenho da enfermagem

e moribundos entregues aos seus braços

Aspira Respira Expira

Ar Mar Ventanias

na manivela do respirador

a luta incessante da folha

nos últimos dias de verão

Entre escafandros protetivos

vergões do trabalho infinito

na avalanche de enfermos

Sacrifícios martirizantes

Contaminação real

suprime

a Clorofila da vida

Sem ela a finidade

da vida e não da realidade

Clorofila emana oxigênio

Perece a uma ferrugem

e das noites infindas

Freima e ilusões da noctiluca[49]

A fosforescência decadente

Médicos Enfermeiros Socorristas

dentre o fumê das folhas abatidas

Fenestre-me e umedeça-me

em flumíneo e luminosidade

como fototropismo

Engane-me com sóis noturnos

Regue-me em nova folhagem

Clorofila Clorofila

é ar que respira

Vale o ar que respira

a responsabilidade que não se cega

E a responsabilidade não furta

fotossíntese de seu viver

Crepúsculo reflorescido

---

[49] Noctiluca – 1.lua. 2. fosforescência-do-mar, mesmo que ardentia, seres bioluminescentes do gênero Noctiluca, família dos noctilucídeos, protista dinoflagelado.

entre foturos[50] que cintilam

a janela inexistente

do intensivo cuidado de existir

Bailam alvorecer dum baião

entre máscaras acrílicas

no aplaudir de milhares de folhas verdes

no desabrochar da corona das flores

em cores de florencita [51]e clorofila

|FOLHAS VERDES DA MEDICINA AO VENTO. DEDICADO AOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE E TODOS QUE ENFRENTARAM A PANDEMIA. AOS MÁRTIRES DA SAÚDE.

---

[50] Foturos – Photurus greeni, inseto coleóptero que apresenta aparelho luminoso de grande potência. Ocorre na América tropical, da família dos lampirídeos.

[51] Florencita – fosfato natural hidratado de alumínio e cério.

SENHOR ARACENA – CÁRTULA CÂNTICO DA RAVINA

|04 Maio 2020 | Honra a Antonio Pavòn Leal |
Sentimento de respeito

[illustratio 2]

Línguas cortantes engalfinham-se

Frescor trincado do fugir das folhas

Árvores anoiteciam pelas frinchas

O confim das suas palavras

escritas à ponta de jarina

no escrínio vento dos lumes

Seu arnês dourado de mel

assobiava em minha nictofobia[52]

Semblante afável da pluma

das plumas perenes de pavão

Caro amigo no enquanto

no enquanto no pranto

ouço suas palavras

como desenho em cártula

gravura de seiva

nos papéis de seda que grasnam

cântico da ravina

voz sublime da poesia da floresta

para sempre gentis olhares

o tonante brado das cachoeiras

suas páginas de nuvens

sorriso tímido e fulvo sol

singeleza do mel de seu reconhecimento

Cântico da ravina em segredo

erode fronteira de Bosque e nascente

Amigo terno

---

[52] Nictofobia – (do gr. nix, niktos – noite; phobos – terror) Medo mórbido da noite, da escuridão.

em herbário do coração

será eterno nepentes[53]

amado como irmão

no cântico das frondes

seu escandir perspícuo de luz eterna

| EM RESPEITO AO QUERIDO ESCRITOR, POETA, FOTÓGRAFO, AMIGO DA LITERATURA EM PACTO DE AFETO. `AS SUAS MESURAS E EMBEVECIMENTO PROMETI UM DIA CONHECÊ-LO DE PERTO. FICA AOS CÉUS NOS DAR AS MÃOS E DE PEITO ABERTO PRESTO SENTIMENTOS AOS SEUS PRÓXIMOS.

ESCRITOR DO 'EL BOSQUE SILENCIOSO', COMPANHIA DE LEITURA, CONSELHEIRO DE MINHAS POESIAS, DE QUEM CONTEI COM AFETO E APOIO CARINHOSO E SINCERO À MINHA LITERATURA QUANDO QUASE NINGUÉM ERA CAPAZ DE MANIFESTAR EM MINHA JORNADA DE SARCÓFAGO LITERÁRIO.

ARACENA É TÍTULO DE UM LIVRO DE ANTONIO, ENTRE DIVERSOS ELEMENTOS QUE ELE TINHA DELICADEZA DE CITAR E OBSERVAR EM SUAS FOTOGRAFIAS.

---

[53] Nepentes – (do gr. nepenthes – sem dor) Antiguidade grega remédio mágico contra a tristeza. Epíteto de Apolo: 'Aquele que dissipa a tristeza'. Arbusto trepadeira das regiões quentes do velho mundo. As folhas apresentam urnas ou ascídias, que pequenos insetos penetram em busca do néctar, não conseguem sair e são digeridos.

AS ROSAS PERPÉTUAS

| 9 maio 2020 20:11 |

_ Quem vem lá?

_ Intina[54] desnuda do pólen

_ Com quantos lábios fala a rosa?

_ Com a constelação rubi

Em seu profundo desejo

branca rosa

queria todas as curvas da nuvem

para si

Como paz do mármore

sorriso de eternidade

aleitamento da maternidade

Sua pureza paregórica[55]

nos seus passos ao jardim

do profundo céu os cristais das estrelas

em grão a grão polinizado de abelhas

Minha lembrança eterna

Em seu profundo desejo

vermelha rosa

---

[54] Intina – Membrana interna do grão do pólen.

[55] Paregórico – que suaviza e acalma as dores.

queria ser magnificência do parélio[56]

a mais ignescente[57] curva

do fogo em chama

como curvas de todos os lábios

encerrasse os mistérios do beijo

congelado em seu passo percluso[58]

No seu acordar do alvorecer

o amor a nunca esquecer

Queria em si rosa vermelha

todo veludo do corpo da abelha

o seu veneno do ferrão

e ser paixão de arrebatar

Em seu pólen ter comido o sol

não sentir a dor de seu próprio

queimar

Em seu profundo desejo

a rosa rosa

doentia queria ser pôr do sol

pular o inverno e verão

dominar o tempo e voz

impor as regras de doar seu sorriso

---

[56] Parélio – (gr. Parelion) Fenômeno ótico atmosférico devido à reflexão da luz solar sobre pequenos cristais de gelo presentes em certas nuvens e que se manifesta por manchas iridescentes que surgem ao redor do Sol, à mesma altura deste, nas proximidades do halo de 22 ou 45 graus.

[57] Ignescente – que está em fogo.

[58] Percluso – privado no todo ou em parte do movimento.

exigindo a água da terra

véus do mar que recobrissem

jamais permitissem geadas da memória

Exigia as curvas das frutas

em liras que cantassem seus perfumes

A rosácea cor de seu amor

pétalas fechadas do medo

germinação que acaba como desenhos esfumes

_ Quem vem lá?

_ Filha com braçada de flores

Em seu rotundo desejo

azul rosa

queria todo anil do céu

como sereno e orvalho

nascido e criado em devoção

Sua alegórica glória

majestosa intenção

de amor filial e orgulho

E toda sua impossível cor

na sua impassível dor

trazia oferendas de veludo

para a queimadura do coração

Suas pétalas eram traços

de todos amores constelações

Já em seu ambicioso desejo

prata rosa

queria todo brilho da emoção

lanceava sofrer de amor

cortava fatias da luz na água

colecionava pétalas do dia seguinte

como inoxidável sentimento

deitava sobre o encerado ébano

e esperava ser servida

com uvas transparentes

das salivas do gozo

com suores do intenso

com a exaustão do êxtase

E reluzia

reluzia

o amor contorcido

encolhido em seu broto

jamais desabrochado

a chama ígnea

guardada no seio de sua oxidação

| À minha mãe, à mim, à minha outra, à minha filha, e para a impossibilidade.

CARTOGRÁFICA

|16 Novembro 2020 14:33 | Livre | Mezanino

Nunca foi tão abrasador o calor. Os dedos que degelam em abrasivo desaparecer,
entre as linhas que perfazem os níveis
da sinuosidade
do nosso lugar. A mácula cinza anêmica queda d'água
se avizinha, entre um rufar dos tambores
do empalidecer, entre sua ausência,
querido, que nas curvas das luzes traseiras do carro,
freava e nos ventos prometidos
saía das folhas seu tegumento. A saliva moscatel
em um dínamo circundante, das marchas e engrenagens
do seu dia, em seu rosto dissolvido
em água. Não adiantava entender e estender os dedos
dessas estalagmites de solidão,
caminhei errante,
nas curtas distâncias do meu envergado,
entre dores que espanto como migalhas. O vento
combinava com minha sofreguidão,
entre uma pele escamosa, sorriso escamoteável,
lustro desvanecido espalmado ungido nos olhos da cara.
O pássaro que me observa. Depreda meu assobio.
Ele avalia o tamanho da presa. Então, eu varria.
Varria as falhas das folhas e estocava a argila encrustada
preparando um tipo de reflorescimento, desses que não seria
capaz mais de crer poder ver. Queria os amontoados das nossas folhas
em veludo esmeralda,
para caminharmos dentro dos seus olhos. E sabia
que desse perfume, aquela estupenda dor exalada,
aquela morte amortalhada, ela assim se achegava
aos meus distintos braços, que em mínimos movimentos dançavam,
correndo,
apressando-se em tropeços, da vida, da alma,
desse sofrer dobrado e guardado entre nossos dedos,
entre nossos segredos e desgraças.
Assim estava no capacho do café, sua borra salgando minha língua

em solilóquio dessa sordidez,
do mundo, da tez.
De cada mudez
encortinada entre a tora de água que desabava
os elefantes das nove horas, das suas presas,
como corrida de rinocerontes perfazia a montanha,
como uma água escorrida de banho, tão rápida, tão surpreendente.
A gata bateu as patas traseiras, saltou tão veloz,
desapareceu antes que eu varresse jogado as últimas sementes,
desse cuidar inútil e desgastado,
carcomido do estio, rasurado das raízes obscuras,
enquanto a chuva plangente engolia tudo. Completamente.
Corri também. Para bem junto do peito dele, do coração ainda quente,
um bife frito recente,
um olhar arranhado e um riso delgado efervescente,
digno dessa visão,
a paisagem cinza, sem carvão.
Entre as estacas dos espinhos, o passarinho me respondia com grunhidinho.
Eu sentei e pendi nas tábuas amarradas de uma espreguiçadeira,
mas me encolhi, o sentimento que não podia exprimir.
De algo que termina quando começa,
e que como ato de uma peça faz sorrir a tragédia,
e arranca aplausos das lágrimas que se empoleiram nos fios do poste,
enquanto subitamente,
meu coração se regala com voos festivos em ciranda,
dentro da cortina de água
da chuva. Que ruge. Ruge tão completamente
forte como a jaguatirica que dessas matas não sobreviveu.
Rugia enquanto entre as lágrimas do sentimento,
misto de cada pingo de tudo, as... talvez andorinhas,
pensava, recolhida nos joelhos meu queixo furado,
olhando atentamente,
penetrando os meus passos nesse metralhar mortal da água, que somente
aqueles voos de mãos que costuram, davam esse bailado penso,
de equilibrismo equidistante.
Davam os bicos e as fantasias ao mergulhar das águas, alvejando
as cores imperceptíveis desse frio esporte de um verão que escorregou
na esquina que levou você, e sua mão me fazia falta, como tanta coisa fazia
em palavras de amor indizíveis, como esse engano,
essa folia que não era assim libertária,

havia uma porção de seres, que bebiam todo sentimento pária.
Pequenos seres voadores, agora sim percebi, de quatro asinhas pequeninas,
que lhes davam um evolar contínuo, diagonal, acima,
eclodindo entre as covas que fustigavam o gramado lima
dessa ilusão.

Dirias-me, o que de ti
abreviam minhas
palavras?
Abraçarias-me? Condensarias-me?[59]

Subiam, como tropa de assalto e de frente,
cujos passarinhos abatiam, imediatamente.
Esse chover ao contrário, uma voz contralto ou nasalada, fazia ironia, dessa emboscada.
Eu observei-me, um chofer perdido,
mata que estrangula senda abandonada.
Era eu mesma, mas tinha morrido em parte, tinha demudado, estava alterada.
E de mim,
a vida subia no voo dos siriris, entre os entrelaçados das fitas,
das cores apagadas, escondida nos olhos desse molhado.
A montanha derreteu embaixo desse edredom de nuvem,
e como um mar a tivesse nos braços, nada se ouvia, a não ser
o encaracolar dos leites derramados,
rasgando as rugas e sua cara amassada.

Volte. Perca esse momento nesse anel enterrado.
Perca o giro, atrase, e esqueça entre antigos
calores arrebatados.
Esqueça-se de não dizer, me diga em beijos,
me diga em todo verde daquela antiga esperança
de prazo vencido. Erga-me
entre as cordas firmes do ímpeto
e na dolorida força da incompreensão.
Mas dessa força amarra-me entre o fogo,

---

[59] Um dizer ressaltado para tal pessoa, existente, distante, não como adiante personificada feito montanha como ela própria. Por isso esse dizer que omite o pronome.

entre lembranças do passado,
entre as cores de antiga aliança. Tudo que me amansa e me atiça.
A sensação de que as mesmas horas,
as mesmas folhas, os mesmos pássaros,
as mesmas águas e nossas mesmas faces
ainda não sucumbem, nas mãos gramíneas
entre as flores minúsculas que esfaqueiam
_ as doces verdades.
A dor da madeira empurrava-me as costas, e tinha você saído,
eu regelava
entre cada engolir, pensando, se ainda estava mesmo ali,
entre a chuva e o limiar de outra cidade,
uma pedra, um caminho,
um embuste do sismo,
a altura do cimo, a inclinação angular,
a cor do ocaso
e o vigor, esse que tinha toda vivacidade e jovialidade,
enquanto adivinhava, os mistérios.
O que me diria? O que sentiria? Que temperatura havia
de ainda ter nosso encontro, e qual dor poderia ser anestesiada,
entre o calor, o calor ainda tão abrasivo, do esquecido
e calejado viver, entre nossas diferenças,
nossos corações, a sensibilidade que
se tem capacidade de perceber e assumir?
Entre a chuva e seus trovões, a pancada que se intensificou,
das águas que caíam, as pérolas que desprendiam
de cada galho, de cada fio, e o desaparecer dos pássaros
e todos os mínimos insetos bombardeados
em suas frágeis asas de insolência
pela maleabilidade bruta de cada pingo.
Brutal. Entre todos tecidos grossos e leves,
molhados em brilhos, aquela textura e
temperatura ainda que convidasse
para nossos arroubos, estávamos
paralisados como estátuas
dos parques inimigos.
Tanta sensação, a doce ácida queima de sentir um sentimento que
passasse através da pele, como UV.
Entre as marcas mutáveis da estrutura,
a queima do acaso, e todo significado.

Pois havia uma mensagem que não poderia traduzir,
era como um tiro que ricocheteava
entre corpos, tirando as lascas e ferindo aos poucos.
E por mais que isso se encolhesse no passado, tinha
uma crucial malignidade.
E toda solidão rugia,
corria
pelos veios de sarjetas entre as matas destruídas enquanto havia esse rasgar
do céu, esfaqueado
e abrupto, calando a precipitação
com sua mão,
e uma peça única do quebra-cabeça, azul,
sem nenhum ponto de definição poderia realmente encerrar,
mas afinal eu sepultava, sepultava
a exata grama de carne, o exato monódico dessa fé,
que abraça dentro do peito, a sensibilidade
contra o peito de mesma seda mulheril,
de mesma gravura que espalha
cores que não mais se resumem a uma ossatura,
e que por um átimo,
milésimos,
os segundos fazem esse recostar, puro, cristalino, ingênuo, espontâneo,
antes que como afogamento, o fogo
se extinga com a água. Perseverando
entre raros espaços oxigenados.
Como uma semente prestes
a quebrar a dormência,
permanece oculta, inerente,
consequente, renitente, emitente,
todavia não nascente.
Desde que enfim a nuvem desaguou nas paragens (a)diante
de mim, eu viveria, como tivera vivido,
em você
tinha um tipo de ajuda, infalível, porém espinhosa, um veludo de cacto,
esquecido sem intenção,
nas tantas táteis constatações,
tantas decepcionantes retiradas,
costas das pedras aos prantos relegados. Era
difícil esse estrepe nos calcanhares de
cada hora.

Era e é,
uma conversa que não tem voz [60]
entre as artes e as cores da minha casa
de fitas, diante do iglu de vento. E
mesmo assim, desejaria, só para esquecer. Esquecer aquele
mar.
Esquecer tanto naufrágio e minha
sobrevivência. Queria
ter um braço forte que se abra diante daquele cume, e que nas
pontas dos dedos tivesse o
calor de um.
Não quero me quebrar nos destroços
da incapacidade,
corações ressecados em
vergonhas a que se outorgam
em soterramento. Não quero
continuar arrancada. Não quero!
com raízes que sangram. Não quero!
sangram até a morte por toda a vida. Não quero!

Vem, me dê sua mão. Não quero!
vamos subir a trilha da serra. Não espero!
entre as cascavéis petrificadas,
no veludo que gruda as cores
das flores e o sangue
da terra.
Rolar na relva de nossas descobertas,
entre os céus que tinham estrelas que não morriam.
Um beijo do Sol que não mate.
Um sopro de vida que desenrole em brandura.
Carinhos que elétricos não matem e não morram. Não te amem. Amem.

Uma nuvem para deitar e embrenhar, dentro das chuvas
mornas e doces, assassinas, dentro de filamentos de ouro,
que toquem, uma sina,
um prelúdio nas curvas do mapa

---

[60] Começo o texto falando de olhos verdes, H, mas que transmuta, montanha, o sentimento desconexo. Aqui, retomo H, como o diálogo impossível para o sentimento impossível. E tudo acaba se velando em duplo sentido.

cartográfico
dessas linhas, invisíveis, entre os lugares
amontados entre nossos corpos,
na vibração das cordas
elétricas da música que ainda
podemos ouvir (ou não), entre o céu e
a nossa esperança nas paredes entre as frestas
das ruínas dos rebocos,
dos ocos
entre as vozes e nossas incertezas,
e todo o tempo cerveja que
trilhamos perdidos. Tudo se perdeu, percebo, a velha promessa
parece envelhecida, como louça lascada,
como livro perdido, receita aviada e consoantes
demais impronunciáveis.
De volta ao interior da casa,
o piso escolhido entre o amor cor verde e bordô, entre os batentes
que envernizei,
e as trincas de nosso insensato (infernizei),
penso - sensibilidade, errôneo e fato.
Rosa dos ventos,
redemoinho das águas,
braços das árvores,
e amores de mágoas. Graveto
monóxilo à combustão
de nossos braços dos tempos
revividos e valias perdidas
de percepções.

TROPAK LÁGRIMAS DA FACA DE GELO

|22 Dezembro 2020 21:39 23h | 35,2 entrando em hipotermia | Fechamento de escrita. Sentimentos de desgosto, abandono, desesperança e desafeto| Dr. Jivago imersão de sensibilização. O duelista. Duelo entre forças e resistência. O eu lírico assume por vezes 'O poeta' na casa congelada em meio a nevasca, a faca assume as armas de ferimento e por último a pena de cristal, quebrada no ferimento final do coração. O eu lírico duela com a dança que desfere sucessivos golpes de navalha sobre sentimentos, sonhos e caminho. Menciona sensações de sentimentos mistos de estar como expectador de fora de um reino, o olhar distante para a paisagem sem rastro, pesadelos recorrentes da procura sem encontro. Uma despedida das plumas. | Referência ao romance de Boris Pasternak

.
.
.
Ah Era um cinza ceifador rodopiante
Quisera o simples rastro congelante
O que via o poeta através vidraças?
.
Do meu coração pulso estrondante[61]
a corcunda de um girassol transpirado
em céus seus absorvidos em desgraças
Em qual pluma rasgada uma pena de vidro?
.
O ar e o dançarino cossaco duelam
as cores dessa matiz branca brilhante
E porque em dardos fractais flutuam
Uivos da solidão dos gelos triturados
O campo abraçado do meu peito
- Condenação em neve condensação
.
Do sentimento em rodopios à adaga

---

[61] Estrondante – neologismo a partir de estrondar, estrondear. Ocorrência de som grande e prolongado, ruído intenso. N.A.: O impacto do pulso do coração, em sua batida mais intensa não em frequência, mas em força. Por isso uma palavra que tenha algo maior.

As fatias de unhadas sangram a lágrima gelada
tombam os cabelos de antigos brilhos
tombam sangue de cerebelo em cortante ventania
.
Areias translúcidas de sentimentos *emoldurantes*
Manuscritas caligrafias em lágrimas de tinta mágica
apagam os íntimos lampejos da vela acesa ninfomania
.
Os braços girando em frenéticos saltos
trazem estocadas ferindo os olhos do tempo
A espera infinda A boca seca Esquelética baioneta
A esfera linda oca engasgada
em acordes de um *gusli*[62]
faca feria cicatrizes de nãos
nos saltos de *Tropak* ou *Kalinka*[63]
.
Olhava inerte a discernir o que me feria
Agonia de mãos estendidas em neviscar
Vultos irreconhecíveis estampados em folhas
Notas estridentes que assustam a noite marimba
Penumbra de ausência que regela passos
Sombra do emaranhado dos cabelos
nas tempestades em que os galhos açoitam vidros
As pegadas dos cavaleiros dissolvidas
Ruínas do rosto e olhar Omar Sharif
de renegada dor purpúrea morte
e da caneta no papel de gelo o corte
.
Rasga a jugular de um céu prometido
Rasga a saliva do amor escafandro
Rasga o gelo cristalino de um lago dragão
Rasga o peito sensível lácteo do abraço
Rasga o apito da fumaça sinuosa da lareira
Amarga o bolo de vinho e glacê laranja e amêndoa[64]
Amarga o que se recorda O gosto do toque encordoa

---

[62] *gusli* – instrumento musical de cordas antigo russo.
[63] *Tropak*, *Kalinka* são danças folclóricas russas, ucranianas.
[64] Conceitua uma receita hipotética entre um bolo francês das mães e um torta de receita familiar.

.
Perfura a própria aniquilação do frio
Perfura a dureza do gelo do vazio
Perfura as mãos que protegem um pombo
nos átrios incinerados dessa lúgubre ilusão
Que se pode sangrar nos cortes das lágrimas
do derretimento indesejado do coração congelado
Que se pode amar dentro do coração em segredo
na luz cessante e vibrante
de um desejo expresso nessa lâmina
que perde forma nas gotas do sangue dissoluto
.
Era um ceifador dançarino saltitante
em perna que chutava e esquecia-se
a si mesmo em mesma cisma intrigante
.
O que escrevia o poeta no luar da nevasca?
Olheiras amortalhadas do caminho perdido
A florada desaparecida no gelo brando
Os amanhãs fractais não permitidos na ginga
entre os dedos e os cabelos chorados da sina
.
Olhava sem defesa os cortes abrirem
Asas do esterno e as costelas de cada não
Como uma prisão engaiolada se debate
a pomba de amor no sangrar do meu coração
.
O que o poeta faz dos papéis endereçáveis?
.
Lambe nas lágrimas de gelo
nas flâmulas cianóticas da luminária
recorta em cinzas as iniciais acrósticas
.
Dançarino traiçoeiro de verão a inverno
Decepa as fotografias hipotéticas do eterno
como bisturi extirpa pelos poros cada molécula
a ternura transpirada em gestos acrobáticos
a ternura despetalada nos céus submersos
de corações conjugados que cisalhados
pelas nuvens de plumas

quando do último alento
nas pontas dos dedos sente-se a borra
e as palavras não fazem sentido
.
O que o poeta enxerga através da borrasca?
A pena de cristal tinteiro que neva
O amor que se leva Rodeia Um turbilhão
Cega o espadachim numa estátua que se congela
.
E o delicado instrumento fende na carne
Arranca o suspiro do batimento
Esvoaça em derradeira desgraça
O desencontro O medo No silêncio da *balalaika*
.
Enterra em si a caneta de vidro
E saltitante rodopiante amor se esvai em paixão

LE SANG DES LAMPADAIRE[65]

|06 Janeiro 2020 12:06 | Comemorativo 6 anos de Blog wordpress

Sur l'ébène vitreux du bureau
rubis manuscrit sur papier froissé[66]

Os calores dos dedos secretos se estendem
Os mistérios da flor ereta se distendem
Sua pálpebra *mediterraneia*
Alma dourada pavoneia
O sono sutil que observo reticente
Decifro sonhos que emanam do calor adjacente

E toco nessas poeiras que revoam
Revoam como máscaras desfeitas
Embebidas em mágoas das poças
De um desfiladeiro gravitam vertiginosas
Enquanto a chama das lamparinas
Recendem a ânsia desse toque
Entre uma porta secreta o fantasma pressagia
Nas frestas o ar de bondade derrama Acaricia
Como festa fitas de cetim pendem ramalhetes
Como delicadeza de paixão a cor rubra em sangria
Das rosas que enfeitam esse porão
As luzes trêmulas dessas lamparinas vermelhas
que acendo uma a uma em coração de paixão

Rosas vermelhas que fazem roda
Sangradas em pétalas de lábios secos
A noite bafeja o ar musguento do lugar oculto
As cavernas em candelabro e lamparinas atadas
Uma luz magenta Uma luz tangente Uma luz cetim
Uma dor abrangente

---

[65] Le sang des lampadaire – Fr. – O sangue do lampadário, no sentido de muitas lâmpadas, lamparinas.
[66] Sur l'ébène vitreux du bureau rubis manuscrit sur papier froissé - No ébano vítreo da escrivaninha manuscrevo rubi no papel enrugado.

Amor! Eu cacheio seus sonhos nos cabelos
Eu margeio o perfil que imagino
As imagens passando vertiginosamente de um deserto
A sua face ourivesada lampadejada contornada
por um fio de Sol de alento
As imagens das ondas do mar como um navegante
A sua face prateada contornada das espadas de uma estrela
Amor! Eu cacheio os carinhos mortos nos ombros da distância
Na fresta de uma porta secreta
Deixo rosas em fitilho negro de orvalho
Deixo brilhos anis dos sorrisos do carvalho
Deixo aromas doces inventados pela boca secular de amor
Amor irreparável nas tremulações desse infinito

Eu colho os seus hálitos de ilusão adormecida
Recolho as pétalas rasgadas do perfume
Dessa paixão inventada nas ventanias
Nas ramagens que se curvam por mania
Nessa vontade profunda de um abraço de agonia

Amor! Ao luar eu atapeto os passos da sua vida
Sem que me veja Sem que me sinta Sem que me toque
Eu amo mesmo assim
no sangue das lamparinas
das noites sem fim
E a sua voz espreito E seu despertar eu recolho
feito uma cor divina irradiada na montanha empedrada
um crepúsculo das plumas que espelham minimamente
como gelo esculpido em devoção
em lágrimas pêndulo em pássaros de emoção

Amor! Estou! Repouso o amor no peito do seu coração
E cuido! Cuido as águas das rosas imortais
Nas fitas das luzes bordadas irreais
em cada vez que a meia-noite bate o átrio dessa iluminação

E tudo fica para mim, entre as sombras
ventadas como capas derramadas pelas costas
tremulantes para trás dos meus passos
orientados pelos caminhos entre lindos adornos

termodinâmicos[67] carrosséis trotando cavalos de ouro
girando nas chamas das velas acesas
na solidão desse silêncio doloroso

Eu rezo sua felicidade
Eu prezo sua imortalidade
Eu revezo a nostalgia e a música da poesia
num *terrarium* abandonado aos suores do tempo
em floração anêmica albina em luz
que me concede na caligrafia tinteiro
a mágica das palavras que invisíveis se recitam
como um tilintar de uma caixa de músicas
ou o rodar do carrossel das estrelas
Solares e luares respingam em minhas mãos
Eu espero sua dança de andar até esse encontrar
O sangue das lamparinas em meu coração

Ardor! Calor é o ventre de uma garça de sabor
Pavor! É um rosto tão lindo como *grâce d'or*
Amor! Com amor é sempre uma carta de amor

[67] Termodinâmicos – refere-se a abajures de cinético movimento giratório pelo calor, neste caso, das velas sob uma hélice, que promove o giro com o calor das velas.

505

|0:00 27 janeiro 2021

Estrela indizível ofegante
O gole sangria da maestria
Pele macia nos areais diamantinos
Uma cortina vitrificada alegria
Dizia murmurado código Morse pulsante
Ao meu piscar de olhos
eu discorria meu olhar noite-dia
o toque de amor no frontispício
do seu vocábulo petrificado
.
Como peito aberto um calor aveludado
nascia todo o *fog* da noite
acobertava de cetins os *enfins*
nos maremotos de cabelos encordoados
.
Nasciam riscos de céus revirados
nos areais pantanosos de azuis
aos quais eu bradava os 505
os acendimentos apagados
queimaduras respingadas
em um aro de luzes sofridas
_ de seus bonsais
.
Minha pálpebra desmaiava
Minha álgebra recalculava
as estrelas-margem do solstício
como uma fala borbulhada do início
como uma flor quebrada de olhar fenício
como moedas vagando em míseros 505
o sono me engole na asfixia
o sono me apaga o tempo na intermitência
a ponto de perder a mensagem em cripta
o fio de corte tangencia os lábios do meu vazio
desatam o tecido na lã solta em fio

em minha pálida taça trincada
nos pingos de um sangue resvalo súbito
cristais guardados da próxima chuva
de pedras que caem dos meus olhos úmidos
.
Estrela indivisível brilhante
Meu amor endereço ao negrume
de enleio sublime bruma
de um monólogo de mãos absorvidas
na panela da lua acesa em lume
.
Toco com mãos Toco com emaranhado
das linhas advinhas dos precipícios
Toco papel amassado em veludo
Toco a cama de fofa fuligem
Toco o perfil de sua origem
Toco o contorno atravessado da ruga
Trago o coração espraiado
no riso escorrido dessa vertigem
.
Acarinho nas mãos da noite
entre céus chorados em véus
entre palmeiras e troncos espinhentos
nos guizos de cascavel
bebo derramado de cabaças águas
bebo beijos derramados segurando crinas de éguas
bebo os jeitos absurdos e clamados
embriago do amor em mil 505
vezes dos traços traçados entre luzes
e sinto seu grunhido arranhando no zinco
.
Estrela invisível aconchegante
Como um manto de calor
sacia com sua voz de amor
todo um hemisfério de desespero 505
e se há algo que peço é
Estrela indizível ofegante
nos frios céus de cada (a)manhã

ALTAR DE PEDRA

|02 Fevereiro 2021 | 10:55 | Lishma, e ao meu amado milagre

Aos ventos a ruga se perfazia de grânulos

Eu não ousaria tomá-los à mão

Como uma voz sábia tenho certeza de que

naquelas alturas de minha inocência eu abriria braços

à cantiga sempre continuava enquanto confiava

entre as sensações de viver e ver

Entre meu assento e aflições deposito as areias

que vertem do aclive da extenuação das chagas

E recorro às antigas músicas de alento

na frigidez que o dia se impõe

tentando conter o terrário dentro da palma

em sua mão que me abrace pleno desse curar

Esse que propriamente eu desejaria

derramar além das pradarias sobre a alma

de cada um desconhecido como um manto

dessa natureza viva de encantamento e perfeição

a cicatrizar toda nossa pobreza e ignorância

Ainda nas luzes e nos piados eu me enrolava

nas madrugadas das sombras mortais da insônia

sentia que esse momento aflito encostava

Eu parada congelada pela minha impotência

me torturando do que nunca quis

ver meu milagre arrastado numa vaga

ver meu brio e todos valores caros naufragarem

E esse então teria sido o maior eco ensurdecedor

Então escrevo subscrevendo meu amor a ti

como pedindo a tempestade para mim

como colocando no altar meus sacrifícios

sem compreender o que realmente queres me dizer

e sabendo que me toco de toda cor do crepúsculo

o alvorecer que permitas seja íntegro em ar

em sentido em carinho em completude

E foram sacrifícios tantos e dores e perdas

Dor lancinante do vazio maternal

E foram ventos que galguei essa montanha

E foram sementes que plantei

Enquanto arbustos se combustam

Enquanto espinhos arrancam a gota rubra

Ao rolar das folhas em palavras

que desejo em esmeralda uma salva

uma paz uma vida

e no entanto recolho minha cabeça aos braços

a saber que as palavras nesse momento

ressecáveis são de todo inverno dos corações

impronunciáveis como amor que pensei cantar

e sem humildade eu agora firo meus joelhos

nessa pedra bruta da vida enorme

nesse descampado das chuvas de raios

no gelo imenso desse lutar nas forças de antemão

nos desígnios mais incongruentes que

calam as vozes sofridas entre gemidos

para um sentimento terrífico

daquilo que se aproxima

Martelas em mim todas a teclas e luzes de uma ribalta

Gritas as forças de meu braço

Carregas-me Carregas-me

Pois não saberei nenhuma palavra mais

Quando esse mar enfim me levar tudo

Eu não saberei o tamanho mais de minha invalidez

.

A manhã surge e eu peço aos grânulos

das dores desse ajoelhar de minhas preces

Verei teu sorrir manso e sentirei o acolher

Verei desaparecer essa implosão do meu coração

Dentro dos instantes de brisa que reaparece a luz

Naquele instante puro e ingênuo

Nas nuvens, chuvas, orvalhos, polens, voos

No crepuscular amanhecer da tua força

Cada ser vivo me encorajará

Abençoas dentro todos a minha pepita de ouro

Abençoas e deixas de lado essa minha falha humana

De querer manter para mim essa luz que agradeci

De querer que nesse momento tão duro

Eu pudesse das minhas areias fazer o vidro reluzente

Eu pudesse dos meus carinhos impedir o silenciar

Eu pudesse conceder o infinito do teu eternizar vivo

Mas apenas em míseras letras pronuncio

a mediocridade de minha aflição

CARTULA AD BONUM FRATERNUM AMICUM

| 04 Jan 202110h | AO BOM E FRATERNO AMIGO

Imaginei tantas sombras de macieiras

que pudéssemos sentar em aprazível

na murada da cumeeira de nuvens

Imaginei o olhar que transpassava

não como costura de juta

Era o bordado daquela cambraia

Eu houvera pisado na voz da beira-mar

Mas nunca imaginei que saberia assim

Meu bom fraterno amigo

Naquela singeleza dos bons tempos

Saudade que ecoava voz animadora

E daqueles sentidos que faziam em nosso

Faziam tremular o tecido da nuvem iluminada

Vazia pois sempre notei nas janelas que abri

o seu rosto que não surgia

Ao último telefonema sempre meu conselho

Sempre seu ar de desafio

Sempre o desalinho daquilo que faltou fazer

E tinha uma desculpa implícita que eu sempre

sempre mesmo entendi

Nada do que tivemos embates pode

jamais apagar o fraterno abraço de amigo secreto

nas músicas que admirava entre o brilho

de um alento dentro do furdunço de seu contentamento

e o jeito das marotas cambalhotas de suas

suas frases que abracei

Abracei sinceramente e nunca essas lágrimas

serão tamanhas porque teci o mar de linho

nos tempos de gestos perfeitos

mesmo no pão sem vinho

E se sobrou o sacudir das mãos da amizade

Sei Sobrou sempre a sua

que guardo no envelope especial

dentro do meu coração

Árvore Centenária

|02 abril 2022 10:46 Itapetinga, São Fernando Valley

Entre barbas-de-velho e musgos e fungos na face voltada ao Sul.

Pés enormes de raízes que se agarraram ao chão; nos dedos do vento um balanço abandonado dança tímido o mansinho do silêncio dos homens.

Vozes abafadas entre um sonolento reclamar dos grilos.

As cigarras e as formigas começaram suas invernadas.

O outono se anuncia em nuvens de algodão, vento amansado e amasiado com uma garoa prometida à noiva.

As folhas esticadas em véu verde rendado me saúdam.

Pequenas brechas de azul sorriem o frio rasgado de uma geada antecipada.

São dezoito graus do próximo inverno.

Escutei o estrilar da minha pequena moenda dos grãos de café de Minas. Seu aroma me encorajou preparar pequena mesa ao fogareiro. O vento não foi vigoroso a ponto de apagar a chama restante do bojãozinho de gás.

A borbulha se anunciou no pequeno singelo silêncio de uma solidão menos melancólica do que as flores do mato amarelas.

Pois a nova mochila oliva pesou enquanto pedalava minha bicicleta Caloi Aluminum de trinta e um anos. Pelas sendas da escapada do asfalto o mato cortado dava vistas ao riacho purificado da chuva noturna de paz.

Senti vontade de descer até o grotão, mas lembrando a fauna me mantive no caminho para vencer a experiência do joelho ralado.

No charque palude havia inúmeras flores brancas. Lírios. Lírios do pântano ainda vivo. Elas agitavam seus braços e conversavam entre si sem me notar.

Um carro se aproxima.

Já é tempo de voltar.

Resta Sol e movimento de sábado.

A árvore tem braços abertos, que caberia uma casa dentro. Daria até para sentar na sua mão de bondade.

Aranhas desceriam em paraquedas de seus coloridos guarda-chuvas.

Voltarei para sentar mais no balanço de tranquilidade ainda possível.

Especial

UM MINUTO

|10 DEZ 2021 TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO IMPROVISAÇÃO INSPIRADO EM ROBIN WILLIANS

|20180910 ÁUDIO

Eu quero gravar um minuto

Um minuto é suficiente? Seria? Trinta segundos? Não, não, um minuto!

Quantos segundos tem lá?

Ai, nem sei fazer essa conta, eu não sou muito boa.

O que eu diria em um minuto?

Acho que eu não sei... o que eu diria em um minuto.

É! Eu gasto um pouco mais de um minuto porque eu não consigo dizer nada em um minuto.

E, não consigo ser também em um minuto. Nem pentear meu cabelo em um minuto.

E quando eu pensei em deixar um recado em um minuto, eu não deixei nenhum recado. Ah, eu não consegui falar com as pessoas em um minuto. E...

Nem consegui ouvir. Em um minuto.

Ai eu fiquei pensando hoje quando acordei tantas coisas que eu queria fazer, e eu queria contar tudo isso num minuto mais eu não consigo contar.

Eu fiquei pensando em escrever uma crônica, poderia ser uma crônica. Ia ferir muita gente. É eu pensei em escrever um conto, não deveria ser um conto. E me acabei em sessenta palavras.

Não ia ser também possível que eu colocasse hoje, porque algumas pessoas talvez estivessem doloridas, inclusive eu; e aí eu pensei que eu deveria pensar muito mais sobre o que eu fosse escrever. Eu deveria falar bem depressa para caber tudo. Em um minuto! E eu fiquei pensando que seria o radar da minha semana; não deveria ser radar, não deveria ter nada; não deveria existir nada, nem um compromisso e eu mudasse minha vida completamente a partir de algum minuto passado.

Aquele minuto que eu não sei, não vi, um minuto que eu não vivi, um minuto que não me ouviram; e desse minuto, eu queria que ele acabasse antes que eu chorasse. E que o Sol aparecesse do jeito que eu gostava, mas ele não estava igual; e que eu visse o amanhecer que não vi porque eu não tinha coragem de acordar; e que eu escutasse a minha filha sair para ir trabalhar, que eu não conseguia porque estava exausta.

Um minuto não cabia não cabia em um minuto. O minuto estava desligado. O relógio não estava soando.

Eu me sentia incomodada pelo tique-taque ao mesmo tempo que eu queria que aquele tique-taque me dissesse o que estava acontecendo, o tempo em que eu tava bem viva e que eu poderia fazer todas as coisas Num Minuto! E que eu conseguiria ser um minuto Eu Mesma!

E que as pessoas olhassem para mim e eu não estivesse só. É que essa sensação de que ao mesmo tempo que eu estou aqui, e que eu sou tudo isso, há uma sensação que não há ninguém, não há nada.

E aí eu nem sei! Se eu estou realmente aqui. Eu não queria ir para lugar nenhum. Que nenhum lugar viesse até mim. Porque aqui já não era nem exatamente como eu me sentia em lugar e eu queria esvaziar essa sensação. Eu queria esvaziar...

Eu tava aqui assistindo o Robin Williams contar... contando; as pessoas contando sobre ele, cenas e coisas interessantes, não cabia também em um minuto, ele era expansivo, e ele tinha aquele mesmo brilho de exultação, de uma coisa louca, que quando você cria alguma coisa, você chega no ápice de uma montanha que não existe e rola pra baixo imediatamente depois, eu sabia exatamente isso. Mas eu nunca me compararia, eu não seria, eu não conseguiria todas essas coisas e as coisas que não sei sobre mim em Um Minuto.

Eu não consegui dizer pras pessoas que eu tenho falta num minuto. Eu nunca não consegui dizer na vida inteira o que eu deveria dizer Em Um Minuto.

E, essas palavras todas certinhas, tão resumidinhas, essas pessoas lacônicas são o tipo de vida que eu odeio, como a folha que cai com certeza todo ano, como a árvore que é cortada todas as vezes que eu olho para ela e desejo que não morra e não saia dali, mas ela é arrancada, com certeza Em um minuto, ela caiu, os pássaros e tudo que estava nela não existe mais e aqueles micróbios e aqueles fungos vão morrer, vão para uma fogueira, vão ser cortados, polidos, lixados, e virar alguma porcaria pra alguém sentar aquele cu fétido ali. E não adianta, eu acordaria, continuaria a ter meu bafo, continuaria a ter minha ruga, continuaria a ter meu cabelo branco, e meu olhar, meu olhar indefinível a cada momento de um jeito que em um minuto não pode ser definido. Não há verbos suficientes pra poder dizer.

E o minuto passou e eu extrapolei, que eu extrapolo. A minha vida não vai ter um minuto a mais, nem um minuto a menos. Eu não poderia multiplicar e fazer contas e escrever o texto matemático que eu inventei e que eu critiquei todas as métricas, todas as exatidões, todas as medidas perfeitas. Não.

Eu não era nem uma dízima periódica. Nem mesmo a minha menstruação poderia ser. Também parar em um minuto, nem minha dor, não parava. E aí eu fiquei com essa semana pensando todos esses momentos, e falando errado, porque minha mente vai falar uma coisa e eu já inverti para outra em uma fração de segundos que muito menos eu poderia dizer, se não consigo dizer em um minuto.

E das palavras que eu escrevo, eu tenho que escrever senão eu morro. É meu sangue que tem que passar por uma alça que não coube na minha artéria. Artéria que estava abaulada.

E essa corrente sanguínea vem daquelas letras ali, invisível que ninguém entende; é ainda a única, única coisa que me mantém. E olha! Eu me senti dolorida, eu me senti triste! Angustiada, eu me senti de arrancar os cabelos de tanta dor por tanta coisa que eu ouvi, porque na verdade não ouve, e não é houve com h. Sem o h. As pessoas gostam muito do h. Eu não gosto tanto assim do h. E eu gosto do m. Do próprio nome que minha mãe me deu, me batizou assim.

E eu fico pensando se eu conseguiria pronunciar uma coisa bem rapidamente, tão rapidamente, que minha mente pudesse proferir rapidamente em um minuto e que dissesse para você tudo que eu queria dizer, que dissesse tudo quanto eu desejava e que isso pudesse se transformar em realidade.

Não vai poder.

Num minuto não vai ter resposta nem responsabilidade, nem realidade, nem o compartilhamento de nada e nem a droga de um 'Alô'.

Eu queria talvez receber uma carta, que eu não quero ler em um minuto. Eu não recebi essa carta. Eu não recebi essa carta. Todos os minutos que eu gastei procurando uma carta dentro da caixa postal, não havia. Eu queria que ela fosse de papel, queria que ela tivesse letras, queria que ela tivesse dobraduras, eu queria que ela tivesse cheiro. Que ela tivesse uma cor de tinta que eu nunca tivesse tido, e eu queria que tivesse uma figura, tivesse um desenho, tivesse uma foto, que tivesse uma cor de batom colada, que tivesse, digamos, uma lágrima! Manchada. Tivesse os cantos corroídos de um fósforo que queimou no canto, mas que não tivesse desistido e tivesse escrita e que tivesse sido enviada. E que mesmo que demorasse muito mais tempo, que me chegasse. E que eu gastasse mais de um minuto para ler.

Eu queria que eu gastasse mais de um minuto para ler, mas meus olhos iam correr por cima e eu ia ter que reler diversas vezes depois. Tão rápido, tão rápido que não caberia que nem está sendo dita aquela frase que falam quando, correndo, que você apenas sabe o que diz nos anúncios, nos anúncios da televisão. Você sabe o que diz, mas na verdade, você nem escuta direito, você vê um atropelo de sons que estão todos enrolados como se fossem uma corrente que foi toda enrolada, emaranhada, de uma correntinha de pescoço dessas que você não consegue mais desembramar aquele nó que foi feito, porque tá aquele som das palavras todo amontoado, tão falados e proferidos tão rápidos que a mente acelerada por um gravador digital, mas você sabe o que diz.

Que em um minuto, o que mais se sabe sobre alguém, sobre a solidão de alguém é como se fosse um conselho, um conselho que vem carimbado nas pessoas, um conselho pra ficar longe. Um conselho para ficar bem longe, bem longe, bem longe. Esse é o conselho. É um conselho (risos) que, ninguém nem pensa sobre ele, porque ele é dito bem rapidamente.

Eu não sei se eu consigo dizer tão rapidamente em um minuto o que o minuto me diria o que o minuto me soa, me tira e me devolve e não me devolve, e leva e existe e vira uma página que pode ser escrita ou vazia.

Eu não quero página arrancada. Eu não quero página arrancada (noutra entonação).

Eu não arranco página. Eu anoto. Eu anoto uma coisa que talvez tenha valor.

E não importa! A palavra importa cabe num minuto, as palavras de dizeres esses que já são conhecidos de todo mundo porque são ditos de boca pra fora, cabem em um minuto. Mas não significam, não duram a fração de segundos,

eles não se perpetuam porque eles são falados em vazio. Porque eles não param na boca, eles não brilham na boca, eles não entortam aquele cantinho da ruga do lábio. Eles não mudam o ângulo do olho. Então precisa gastar mais de um minuto para dizer qualquer coisa. E eu digo uma abundância, aí ninguém consegue ler a bíblia, mas não importa.

Há que se ter tempo no tempo que não existe, pra se saber o que se sente.

Em um minuto não cabe o aviso: Não consuma esse medicamente se tiver suspeita de dengue. Ah-hahahahahaha.

Eu não consigo dizer. Há quem consiga, imitar. Não consuma esse medicamento se tiver suspeita de dengue. Não escute essa pessoa se tiver a suspeita que ela não é pessoa.

Se aviso fosse outro. Ouça. Ouça essa pessoa se desconfiar. Ouça essa pessoa quando você estiver sozinho.

Os avisos podiam ser outros.

Os amigos que criam e sucumbem, aí no outro dia eles reflorescem. Mas há sempre essa seringa que suga. Isso sempre existe. A gente tem que apenas... repor, colar umas coisas nas coisas que estão faltando pedaço. Para fingir que elas estão íntegras. É como obturação de dente. Tem que colocar, todo dia e tentar não sentir a dor do nervo, do nervo que passa através do olho que passa através do fio do cabelo que passa através do cérebro porque passa através do pulso que passa na unha do pé naquele arranhão que passa no meio das pernas que passa na axila no bico do seio dentro do umbigo e aquela dor que passa que vai que ela vai cortando como algo que queima como algo que corta como algo que arde e que daí ela se torna como um pedaço de gelo que expande dentro do coração em dor.

E é isso. Um minuto. Esse é meu minuto. Eu queria vendo isso que eu vi aqui hoje, eu queria que tivesse a Sociedade dos Poetas Vivos. A Sociedade de Leitura dos Escritores Vivos. Essa era uma coisa que eu queria. Que em um sarau viesse uma pessoa comum, um lavrador, um lixeiro, uma dona de casa, que viesse ouvir, sentar e ouvir uma poesia e ela pudesse perguntar sem sentir medo de perguntar, saber da sua ignorância sem ter vergonha da sua ignorância. A ignorância não é uma vergonha. Eu não sei muitas palavras. eu procuro saber quando consigo.

Mas que as pessoas pudessem perguntar. Levantar o dedo. O que é isso?

E que pudesse ser falado. E relido.

E que essa pessoa pudesse sorrir. Um sorriso... de um minuto.

ADVENTSKALENDER

|30 Novembro 2020 21:57 | Concepção 10 dias |
Illustratio em um dia, 30 Novembro |

[Illustratio 5]

Entre os dedos a folha e o lápis caíam. As gotas soavam o violino da chuva evocando os últimos doze avos, de uma provisão restante. Ela olhava aos lados nos ecos rodados da desertificação, enquanto as enxurradas se formavam e engrossavam. Entre os brilhos e o ocre da água, os olhos eram lavados, aos goles e

goles de água de um saltitante tiziu. Dos bolsos os dedos tateavam a busca de um lenço, que enxugou a face de uma comiseração. Os pingos jateavam vidraças enquanto ela sentou-se com uma caixa no colo de seu apreço.

Mara relutou entre o encaixe da tampa, a poeira grossa de sua solidão, e um certo receio brotou aos olhos, que pesados se fecharam, diante de uma TV irradiando um la-la-la-la-la infindo de jargão natalino, entre comerciais de fritadeiras ou cintas milagrosas de emagrecimento. Um café repousava na mesinha entre seus vapores mortificados. E mais do que nunca, centenas de dias sem abraçar um rosto manso, um sorriso bom, com lugares falhos, algo que nunca mais reintegrará grandes momentos. O peso dos chumbos recolheu seus braços para um sonho brando. Um disco do passado girando na vitrola, enquanto o assoalho estava lustrado.

Ela subiu lépida as escadas de mármore de caquinhos. Ela pendurou a mão na maçaneta e entrou na varanda. Virou para uma porta verde sempre aberta com os dois postigos sempre fechados e nos passos do corredor ecoava forte um luar do piano. Enquanto os vapores da comida enevoavam os corredores longos em tábuas de assoalho. Ela tocava os minutos da tarde, como um ato especial, uma cortina que se abria ao céu, e lhe dava direito àquele espetáculo dela e mais ninguém.

Mara parou tomada de paralisia vendo sua mãe concentrada na partitura, com os cabelos pretos lisos roubando a cena de uma dança de elegância. As notas mais baixas sacudiam as veias e a sensação de que assim, poderia quase tocá-la.

Ela se voltou com um sorriso vendo-a assistindo da soleira, disse:

_ Se fosse afinado, ficaria ótimo. Essa tecla falha um pouco. Vamos *magricelinha*, venha me ajudar! – Aos corredores das portas fechadas, do quintal falido e repleto de folhas acumuladas aos cantos junto ao canteiro, elas chegaram à sala de jantar. Uma caixa estava no chão.

_ Posso ajudar a montar?

_ Sim, exceto as bolas.

Mara acocorada quebrava a cabeça com as hastes de arame grosso que se atravessava os furos do sustentáculo, um pau prateado, que dava emenda a mais outro. Cada haste era franjada de um celofane maleável cintilante, e na ponta tinha um nó com o papel alumínio espontado entre um cacho arranjado. Ela espetou, de cima-abaixo. O disco tocava na vitrola, por vezes pulava um arranhado.

_ Espera filha. Vou empurrar a agulha que está pulando.

Ela correu junto à sala de cara para a praça, a cortina balançava como uma dança pirata. A capa do disco tinha cores vermelhas em desenhos de natal, plastificada. O rosto de Bing Crosby estava desenhado em contraste. Tocava '*Here Comes Santa Claus*', e na flautinha arranhava e repetia o 'Santa Claus'.

_ Onde pegou esse?

_ Chiu! É do seu pai.

_ Veio da arca, velharia. Se continuar vai querer que a gente cante em quarteto.

Riram. Riram de novo.

_ Podem fazer com pente com papel de seda. Fica engraçado.

Os irmãos por vezes duelavam um guizo assoprado em melodia através de pente com papel de seda, e parecia um sintetizador.

A árvore na sala era ajeitada com as mãos, a pentear as franjas vermelhas da árvore, enquanto ela pendurava com máximo cuidado bolas vermelhas de vidro finíssimo que eram metálicas. E aos pés, trazia então a manjedoura vazia. O menino, só na meia noite.

Mara sentia a fervura das comidas, como perfume que tocava seus cabelos, ou o que restou deles. E tinha capacidade de derrubar qualquer pano do varal com sua magia que imediatamente se transformaria em um pombo branco imaculado, que junto a ele carregava essa aura de luz. Luz dos anos passados. Muito longe.

As bicicletinhas escondidas no porão, um disco voador que acendia e girava movido à pilhas, bola de basquete, um fogão de brinquedo, um tico-tico, um boné *pied-de-poule* de abas vermelhas de sua avó. Os brinquedos coloridos de seus irmãos e seus. A algazarra dos papéis rasgados, no dia vinte e cinco que amanheceu.

Havia um ar límpido. Havia uma rua dourada das águas que espelhavam os paralelepípedos enquanto as cores da congada em fitas coloridas batiam o bumbo.

O roseiral era perfeito de rosas em meio desabrochar. A vizinhança corria pelas calçadas da praça, ainda com a voz da neblina levantando preguiçosa. Ali Mara descia com a *berlinetinha*. A curva não sabia fazer.

Abriu os olhos e lembrou os passos da avó Íris, com as mãos carimbadas de pequenas sardas, carregando diversos envelopes todos gravados com o nome deles, e que os olhos arregalados esperavam o sorteio. Dentro vinham notas novinhas. Alguém tiraria sorte grande, o prêmio máximo. Quem seria? Nunca foi ela. Mas a bandalheira de confusão, a cada um que abria a aba da sorte e depois fazia planos do que compraria.

O piano ficava repleto de cartões abertos de natal que traziam selos em vermelho e verde. A termo do natal ela respondia gentilmente a cada um com uma mensagem particular, dizia que dava tom de importância, assim devia ser, nada comum ou corriqueiro. Tinha que dar o prestígio. A mãe de Mara também preparava gratificação às pessoas que trabalhavam na casa. Eram anos setenta e tantos. Cada um ganhou uma calça tergal de uma cor, boca de sino. Mara quis um mantô roxo, tal batata roxa, na caçoada geral, que combinava com o tétrico de togas, ou de pároco de extrema unção. Ela dava de ombros.

Na Kombi todos se apertavam, e nos destinos as estradas faziam aventuras.

Mara acordou e abriu sua caixa de enfeites. Enxugou suor e lembranças. Segurou um enfeite. Fechou os olhos. Pensou no menino Jesus de sua mãe, afinal ficara para sua irmã. Mas o calendário não foi celebrado, apenas cada enfeite.

Durante anos ela fez-se um desafio. O de comprar enfeites que significassem ações reais daquele ano. Sempre foi comedida, mas eram reais. Tinham um gosto especial. Cada papelzinho ela ia a uma loja, um ano foi o Mappin, depois lojas de bairro de São Paulo, lojas sazonais de natal.

Os anos escuros tinham preços especiais -Ter alegria. Naquele ano dos anos dois mil e quatro, a loja tinha os enfeites transparentes. Foram comprados dois. Um cavalinho de brinquedo e um anjo. O anjo quebrara. Ela nem o procurou entre as cousas. Lamentou. Outro ano, o de noventa e quatro. Ela comprou a rena dourada. Nascera sua filha com saúde, era tudo.

Os bonecos de um brinquedo. Eram bonecos que tinham carimbos? Eram uma tampinha para lápis? Já não sabia. Era uma camponesa de azul e um soldadinho inglês vermelho. Eram sua filha mais velha. Era a linda infância dela e momentos tão ricos que puderam passar com os avós. Tanto na casa dos ladrilhos como na casa da sogra. Eram mágicos. Cada um entrava e as crianças saíam correndo para dentro da casa, repleta de primos, de guloseimas, de encontros e abraços. Risadas.

_Tinham risadas! Posso me lembrar!

Mara desde que casou elaborava cartões de mensagem de natal. Cada ano seu esposo imprimia e ela colocava no correio, para as pessoas da família e amigos. Ela por vezes recebia. Quem gostava disso era a irmã mais velha, que agora está nas estrelas e de lá certamente manda ainda. Ela espera, mas geralmente fica sem retribuição.

"Que falta faz essa cordialidade elegante de primorosa educação." – Ela assente e olha os desenhos minúsculos que sua mãe fizera, sem imaginar quando teriam sido. Há mais de sessenta anos com certeza, imaginava.

Deu uns goles no café e ajeitando a simples árvore verde, já encurtada e falha, ela ficava contente de não cortar uma árvore, que era mesmo um tipo de capricho desrespeitoso com o ser, o pinheiro e por assim pensar, tinha plantado dois pinheiros no jardim, um quebrou na ventania, o outro cresceu. Ela nunca os iluminou como pretendia.

Lembrava as idas ao Rio de Janeiro, o cheiro da casa da avó Íris, sua comida primorosa, sua maravilhosa fé, nos corredores de sempre alegria. Naquele ano estava com dor de dente, e nada parecia bom o bastante, apenas olhava as nuvens nas montanhas nas cercanias da Barra da Tijuca, olhava as estrelas que rasgavam essa carapuça. As luzes de natal estavam pelos dias de reis, as missas eram pelo casamento dos avós, a dor de dente cantava estridente, na viagem de volta tormentosa, as luzes ficavam como boas lembranças. Uma cidade que exibia a velha magia, e parecia que sempre teria bandolins e bolos da Colombo.

Aquele vento dava o senso da hora, e Mara pendurava um saco vermelho, como um enfeite de boa sorte, fartura, havia comprado nos velhos anos antes de todos seus infortúnios, olhava e calculava de quando era... As bolas brancas já não tinham mais, ficaram as vermelhas de cetim. Elas eram do primeiro ano de casamento, quando compraram um pinheiro em vaso e este morreu depois para tristeza.

O advento tivera sido um tipo de andança em passos alegres esperançosos, nos dias que ela vivera dos rostos memoráveis dos grandes natais da família. Mesa farta. Seis quilos de bacalhau. Diversos pratos de cristais que levavam as receitas da família nas mãos de Myriam. Mara refletia quantas vezes pudera ter feito coisas assim. Nem sempre. Mas as ruas da cidade na juventude de andar pelas noites com a amiga, escolhendo lembrancinhas aos amigos, aos irmãos, tinha um pacto. Ainda sabiam. Percorriam as três ruas principais. Sempre dariam o abraço de natal e no tempo de advento tinha que ser multiplicado para

toda pessoa com quem encontrassem. Era divertido. Sapateavam aos pulos pelas calçadas em cores e fitas em vermelho e verde. Mara sempre alertava sua mãe para não esquecer da amiguinha. Sua mãe fora a alma mais generosa que conheceu. Tanto que dava pratos aos necessitados. Era sempre motivo de olhar intrigado porque eles não comiam as passas do arroz. Então nas piadas da casa diziam que a mãe dela gostava de fazer risoto de carrapato. Pura implicância com as passas e as maçãs na maionese.

Entretanto os tarteletes nunca falharam. Todos ajudaram. E sempre acabou no minuto. Mara sorria e celebrava sua mãe, sua avó quando assentava a massa e enchia as forminhas. Sempre elas salvaram com suas almas as comidas que a depressão não a deixava fazer. Elas salvavam as receitas que davam errado. Eram infalíveis, como se qualquer pedido pudessem conceder.

Mara parou e olhou a caixa da guirlanda, lembrando os filhos que amarraram balas para uma guirlanda que deram ao pai dela. Esta tinha sido presente pelas mãos de sua amiga de infância, cheia de dons para o artesanato. Ela dera há diversos anos. Sempre alegre ela colocava como guardiã da casa. Como uma lembrança do abraço, algo que este ano foi aos milhões impedido.

Um ronco de motoneta riscara a memória. Ia um papai Noel suado montado em uma vespa. Parava na frente do apartamento. A filha pequena e o bebê ficavam abismados como tinham um papai Noel na noite de Natal. Era só o cunhado, tio deles, mas nunca desconfiaram.

Aos poucos a árvore simplória era ajeitada para avidez das gatas por destruí-la, ficavam sob os pés, donas de sua iguaria, enquanto punham luz.

Enquanto colocava as coisas nos armários lustrados em perfumes, celebraria porventura uma esperança, apenas uma seria linda e suficiente para tudo, como um broche de valor a que recordasse uma força sobre-humana.

Delicadeza em movimentos tinha que ter com os minis presépios peruanos, que uns anos pra cá não queria ver, pegara birra dessa época, tanta falsidade, tanta hipocrisia, gente pobre sofrendo e tanta mesa de orgia. Não admitia que papai Noel roubara lugar do menino Jesus. E por tudo que lembrava de uma amiga, era de amargar.

Os globos de neve. Os globos feitos de lâmpada, supunha. Eram pares idênticos. Cada uma tinha um. Mara o dera. Anos depois o seu quebrou-se. Achava

que ela também havia quebrado o seu. Azar, pois eram como um fio conector. Brincava com isso, mas no fundo desejava que o advento tivesse mesmo essa estrela como um cometa que chega e celebra a bondade e realiza milagres.

Ela olhava com essa simplicidade esse tempo. Mas demorou a entender o que era cada janela a se abrir no Advento.

Chegou o tempo que o pinheiro era o presente vivo, pois era impossível para Mara presentear quem quer fosse. Mandar um simples cartão, mas nesse caso se justificava que não vinham cartões nem de agradecimento. O mundo acinzentou. Ninguém sabia a história da vendedora de fósforos. O disco de Bing Crosby não sobreviveu, deve ter virado fantasia de carnaval. A árvore vermelha que achávamos cafona, virou um objeto *vintage* e não existe. A fábrica nas cercanias de Atibaia há muito que fechou.

O filho do meio trouxe quando voltou da Alemanha uma bola de neve, com a catedral de Dresden, Mara ficou maravilhada. Foi como receber de outra forma, de outra pessoa algo em troca. Ela toma seus leites na caneca de natal das barracas enfeitadas que ele pode ver por lá. Foi um momento exultante.

Quando ia se pensar que ia acontecer tanta coisa?

A vida vai ceifando e trazendo outras semeaduras.

Então, pela sua avó, olhou com amor o amor que ela dava, ao jeito de caneca de chopes com tampa ornamentada ou um canecão, mas silente no eu-te-amo que devemos proferir, era jeito dela, de mostrar em atos diferentes especiais seu afeto. Não dizia essas frases prontas. Era filha de alemão e só trazia para dentro da casa, amigos que considerasse verdadeiros. Era um ato de selar essa lealdade para sempre.

De um lado surgiu um enfeite dado por sua filha, de outro lado surgiu um papai Noel que comprara. Era objeto dos seus anos de chumbo. Era presente para dar a tal amiga que se afastou, quebrou para sempre a amizade, mas ainda assim Mara escolheu o papai Noel com seus esquis de madeira, no casaco com barrado branco, cara marota, pontos pretos que davam um ar de majestade. Era para levar e entregar. Naquele ano recebeu um telefonema bem rude, nas vésperas. Tinha até motivo, mas não o direito de se interpor sobre o problema que era entre a amizade delas. Guardou como troféu invertido de Natal. Por anos ficava nas sombras do armário, até que adotou a alegria dele como intenção nata do Advento, e que mesmo sendo impedida de dar, não apagaria dela nunca sua intenção.

E nessa representação materna tão significativa, o calendário para o Advento, uma alegoria divertida de contagem até o dia do natal, tinha para Mara algo a mais. Tanto quanto os preços que tinham seus enfeites, caros, e por isso sempre eram os mesmos. Estava atraída pelo Adventskalender mas não possuía jeito como sua amiga de infância, então resolveu retratar os elementos do seu Natal como um desenho com as janelas e obviamente a casinha herdada de sua Mãe era ideal. Ela tinha escolhido durante o bater perna do Advento essa casinha que podia se colocar lâmpada dentro e ver as janelas acesas. Então, ela tinha que ser os dias finais para o natal. Dias que passeava de bicicleta sentindo o preparo da ceia das casas. Dias que visitava os irmãos. Dias que preparava as receitas de família.

A pintura de um dia, a quem teve os problemas que ela então foi como a tinta certa para cada coisa, embora sem grande precisão, tudo ficou no entanto retratado. Apenas as janelas não abrem, não como um cartão que fizera no passado. Nem tudo pode ser perfeito. Nem tudo pode ser exato e reto.

Emparelhou as três velas, velas da Unicef que comprara nos anos dois mil e três, talvez, ou, adiante. Sempre acendia no dia vinte e quatro, durante a entrega dos presentes. Era a prece. Algo que nos anos todos de reflexão religiosa deu. O sentido máximo que a natividade deveria ser essa parte de nós mesmos, a luz da bondade solidária, da amizade incondicional, dos sentimentos de afeto invencíveis, do amor pela sua essência, viva e válida independente de qualquer coisa, e preservação da Terra.

A manjedoura vazia era esse colocar da criança, do colocar no nosso coração a verdade da fé, a luz da escolha por esse coração irrestrito, a luz do amor que vem como uma criança de nós mesmos.

Tudo passara no pensamento, enquanto empoeiravam as caixas com os enfeites de natal e das coisas realmente importantes que ainda podemos celebrar como viventes neste caos de planeta de terra arrasada. A pensar que atos que salvam podem ser cada janela que se abre e qual ruga abriremos mão para fazer algo a quem amamos, a quem não amamos, a quem precisa?

Quando abriu a caixa para montar enfeites do natal cristão que abdicara em prol de ter espiritualidade dentro do seu coração como algo que somente a si devia explicações, e que os pequenos gestos se tornaram as suas moedas da

sorte. Mas quando se deparou com a caixa, o primeiro enfeite era um papai Noel magro. Foi incapaz de não vê-lo e relembrar que tinha sido presente da amiga do desafeto. Diferentemente, o colocou na árvore, porque os gestos não morrem nunca.

Então, foi desenroscando os demais gestos e colocando na árvore.

A árvore foi acesa. A árvore irá crescer sem corte. As estrelas que deram amor na vida no céu resplandecerão. E a criança celebrada deve levar para o coração as verdades que temos que ser cada dia.

TWEE NEDERLANDSE TUIA

|16 fevereiro 2021 16:38 | Duas tuias-holandesas

Meus olhos procuravam o rendilhado da seiva furtada. Um pequeno pinheiro que a maldade havia despedaçado e corrompido os olhares dessa esperança. Tantos anos dos vazios dedos que não tocavam o serrilhado do verde galgando o céu, uma dupla *Pinales* foi semeada no ápice do barranco. Esguios em seu prelúdio cresciam nus às chuvas das manhãs de prata e guardavam os cristais ocultos aos bicos de casais que aninhavam.

Uma noite o vento assobiou e como um infortúnio um deles derrubou, nem mesmo sua raiz ficou. Entortado à esquerda, aquele que chamei de Castor crescia desafiando o ângulo, equilibrando os ciprestes em rendas nos braços da perseverança.

Um dia com as queimas do tempo maculou com o relógio da morte para meu chorar de prece, para que mesmo que restasse um cipreste verde claro em seu perfume de tuiona, eu resistiria às dores. Eu tocava sentindo o estado debilitado consumir com angústia e reviver cada dia.

Nas primaveras eu media com dedos do olhar notando crescimento, pequenas rendas verdes ganharem os ares de sua irreverência do estado. Ganhou metros acima da linha da montanha, ganhando misteriosa festa em seu entorno.

Pássaros de estação que vinham e duelavam com predadores.

Pássaros e passarada que até brigavam no seu torreão como um castelo de ilusão, perfumado em cítricos sabores de uma fruta inexistente. Um sabor etéreo de renovar.

No fim do verão um ruidoso barulho ácido. Um festejo como uma estranha ladainha, um arrulhar fino intermitente. Os dedos de meu esposo apontavam. E um pássaro garganteava no galho espinhento das flores carnavais. Era um festejo de nascimento. Um piado de estola e cartola. Ele voava em diminutos pulos. Das folhagens do maracujazeiro trazia no bico o alimento para o guizo pueril.

Sumia nas sedas altas da tuia, entre a suntuosidade de um ninho em cestaria de jardim. Nossos olhos sorriam sentados na manhã de uma vida prometida que nos entregava esses nascidos no pouco que se podia notar das esperanças vindouras.

Como euforia que se come com algodão doce, adoçamos os brilhos de nossas bocas silenciando diante da avidez recém nascida. O dia inteiro o pássaro pai guardando de galho em galho o maná da vida em olhar de proteção, nos poleiros inusitados que nos convidasse o respeito profundo.

No terceiro dia não amanheceu o quarto. A madrugada esguichou os antídotos do saruê em esgrima de unhas e dentes na disputa com um guincho de gato.

A ninhada silenciou nos primeiros orvalhos que arderam a antiga mão que me arranca.

Nossos olhos se encontraram entre nossa conclusão de que um predador havia assaltado a vida nova no pinheiro sobrevivente.

As velhas tempestades vencidas pelo adernar de um exalar manso de esperança.

Então fevereiro chegou em sua dor. Tocou meu coração com os espinhos e sangrou. Inflamou cada momento destrutivo, cada vala, cada ausência, cada instante da absurda ansiedade do medo pendente, algo pungente que obstrui os alentos. Cada manhã seguiu-se de um silenciar que quebrei com assobios chamando o pássaro. Uma última vez ele pousou no galho, olhava para mim virando a cabeça de lado com olhos piscantes em desproporcionais pestanas de um piado de desespero. Nítido vidro partido. As lágrimas por tudo embalsamaram a manhã, afinal Castor se revirava nas mãos do ar se vestindo de novo tempo.

Eu acreditava.

Fiz meus braços respirarem tudo que eu pudesse sentir, um fino filamento dessa transpiração de vida, entre caules queimados, no dorso reequilibrado diante das cores enegrecidas da Pedra Grande.

Fui tentar salvar mais uma vez os fios do cabelo nas curvas de cada desafio, fortalecendo meu olhar adiante, enfrentando meu coração miúdo, ouvindo o rasgar de suas folhas em mudança de cores para o outono vindouro.

A chave trancafiada nas portas do carro, as nuvens revoltosas, revoada dos ciscos e dejetos na rua, os galhos menores se partindo, em cada deslizar estranho daquele instante.

Ao cimo das ruas iniciais do vale, via-se a cortina branca amortalhada avançando o vale nordeste lambendo a montanha com suas presas brancas em gelo aparente. Lembro-me do espanto das curvas aceleradas da pressa impune. Lembro-me das folhas dançando a rua vazia. Os pares de maritacas sumindo no morro. Lembro-me a velocidade que se fazia inexorável a cortina nos alcançar antes dos poucos metros do portão de casa.

A beira da chuva era cortante, inoxidável, gélida e atirada com rispidez, enquanto corria abrindo o portão, as árvores se contorciam uma dança que não parecia nada mais do que um verão.

A chuva virou-nos sua capa, viu-se um rosto tirânico e suas vestes acima de nossa casa era a melhor seda roubada de um buraco negro.

Encolhemos. Lembro-me, muito bem, pois eram quinze horas do dia dez de fevereiro. As gatas pressentiram a fúria da tempestade esmagadas como tapetes perdidos embaixo da cama, ou abaixo do tilintar das xícaras reverberando um rugido premonitório.

Nas primeiras sedas do *penhoir* da chuva, não tivemos clara noção. Não coube nenhuma interjeição, nem balbuciar, nenhum contragolpe dos neurônios, nem a visão de um relampejar. Nada.

O súbito, nefasto fato. Ao dizer 'granizos!' com roupas molhadas colhidas do varal, como fechar do estojo, desistindo ante as pedradas que pulavam no quintal.

O grito dessa escopeta atingiu a vidraça frontal.

Um uivo espumado dos fragmentos dos gelos partindo-se no vidro, como uma rajada metralhada sem fim, as ondas primeiro com a fuligem argilosa escorreram no primeiro beiço da água que invadia a janelinha, no segundo lento, interminável seguinte, na minha voz congelada, a avalanche de granizos bombardeou ensurdecedora. Crescente. Lembro-me de me encolher porque as vidraças se partiriam.

No céu rasgou um enorme raio. No belvedere a cissura para outro mundo gritou. Nada se via. Aquele jorro de gelo e água tomou as vidraças por tantos segundos e força como um rebanho estourado. Como o vômito da destruição.

Ouvia-se as telhas e dejetos se desprendendo dalgum lugar. Ouvia-se o silenciar mortal inexpressivo. Ouvia-se a agonia desses tantos enlutados chorarem mudos. Ouvia-se o fim do rugido e o cuspir na cara da chuva entrando como uma ressaca, como um mar inventado no meio do nada de uma montanha engolida por essa voracidade.

Assustador. Mortificado. Quando as gotas se fizeram em mercúrio na vidraça, transbordava a calha, caíam coisas, folhas, galhos, tudo macerado como uma vinha em praga.

Os olhos arregalaram. A luz apagou. Do quarto saiu com gargalhada nervosa minha filha, que teve sua reunião invadida pelo despedaçar das pedras no vidro, a água se derramando, o mundo acabando e ela suando frio na *live* da empresa.

_ Ai! O pinheiro se foooooi! – Berrou o marido.

A garganta entalou-se de um granizo e como pele granítica, eu ruí. Eu despedacei. Como desespero inútil, engoli as lágrimas ante a visão.

O corpo da minha amada tuia, 'O Castor', jazia quebrado a dois terços, sobrando a menor parte disforme. Enquanto esticamos os olhos notamos os mochos em cor de madeira viva e sangrante.

Ao terraço saí diante dos raios, da chuva me esbofeteando a olhar ao morro, e notei dezenas de árvores capadas.

No telhado do vizinho adiante, as telhas reviradas, boia de criança no meio da rua, meio braço da árvore da frente subindo no portão enforcada entre os fios da rede elétrica. Então, a chuva caía pesada, e vi os rebocos que caíram, o verniz da janela esfarelado na escada, o piso que se soltou com a saída da calha, e o ninho que inexistia.

Quando me aproximei, o tronco esbeiçado do pinheiro, exalava meia morte enquanto eu pedia que sobrevivesse. Um mísero galho de sua tuiona, não conseguia partir e me dei conta de sua real altura. Sua perda estirada em muitos metros.

Olhei para o Retiro das Fontes e me dei conta das vidas perdidas. Lá era um carvalho centenário. Entre as lâminas que choviam saímos aturdidos andar no bairro. Quase todas casas estavam com os telhados avariados, portões, calhas retorcidas, se fossem de madeira, nada restaria em pé, num rastro assoprado

que caiu daquela nuvem escura e se irradiou pelo vale, escalando a montanha com seu facão. Downburst.

O Retiro. Que visão mais triste com as árvores maiores quebradas e o chão amontoado dessas vagas.

Quando a defesa civil chegou, bombeiros, a sinfonia de motosserra invadia a alma. Ele sem nenhum sentido, fatiou o pedaço do pinheiro, enquanto um vizinho implorava pelo ninho. Não aguentei. Entrei para os portões de minha tristeza completamente serrada.

A vida é esquisita. A varredura, os amontoados ressequidos, as faces da destruição, dia seguinte, a passarada que chegou doutras paragens revoavam em acrobacias desafiando o espelhamento da minha vidraça, caçando os insetos e pirilampos que saiam do meio do gramado, o formigueiro fervilhante arrumando a casa, e o resto do pinheiro mais verde que o verde.

Como uma visitação, primeiro a borboleta azul espelhada desfilou. Depois a branca já encorpada de seu voo harmonioso, repousou sobre as flores do dente de leão, ali ficou fazendo gestos e reverências. Era linda. Asas de anjo com um lenço negro.

Surgiram outras mais. Uma amarela como flor. Não me atrevi dar braços abertos. Respeitei a recriação da natureza. A transformação que recomeçava quase no minuto seguinte.

Olhei minhas células que mudavam, as forças que eu teci em pulseiras para me dar sorte e um sorriso entre lágrimas, como um incompreensível pesar sobre os passarinhos desaparecidos na crueldade da vida, assim como meus queridos idos na pandemia e os ventos da ameaça duradoura que nos exige. Há poucos dias.

Foi-se Pólux, foi-se quase todo Castor. Foram-se eles e meu amor. A árvore do cerrado nos renovos entre os seus mochos, depilada de suas flores rosadas, depenada de suas folhas se exibia como músculos frente à deriva.

Aos braços das horas foi dormir entre o perfume esquecido nas ramagens da tuia no vaso da vida e morte, eu sonhei que o *Pinales Cupressus macrocarpa* cantava para mim com uma voz de cor maçã-verde, no aroma de limão, maçã e um veludo de seiva, dizendo e recitando, um carinho de existência ao qual sou eternamente grata, mas que na minha energúmena vida, nunca pude retribuir a altura.

Ten slotte wordt er altijd iets van ons afgenomen.[68]

[68] Por fim, algo sempre é tirado de nós.

GERMINATIONES LIBERTATIS

|12 Julho 2021 11:28 | dicata est amor liberari F | Germinações da Liberdade| Abstração para a liberdade de amar, na imagem poética da subida da montanha, caracterizada como ser etéreo amado, nas alusões da emanação primordial do amor puro, até o encantamento desta descoberta do horizonte desse infinito, na concepção do distanciamento tocável através do etéreo (cabelos) e a literatura (plumas) que se esvoaçam sem destino, considerando os arbítrios de decisão de quem ama e de quem não corresponde ou apenas não se liberta. A montanha baseada na serra do Itapetinga, Atibaia-SP, donde da Pedra Grande alçam voos os parapentes e asas através do céu desse encontro imaterial. O coração que se fecha, o amor que enraíza, a dor e o êxtase, o existir e a germinação dessa interpenetração das mentes que (se) amam em formas de nuvens indefiníveis, inexatas, inigualáveis. Clamor do amor na pureza de sua essencial liberdade que tem inúmeras possibilidades.

.

I - Rosa Folliculos Germinaret (Broto Rosa)

.

Aranha tece o tegumento da montanha

Na borda da mata o gingado do babado da saia

Tremeluzentes cores da tocha acesa em lantana

.

Salivo seu fascínio Vesúvio

[Nascimento fez clamor da vertigem tez]

.

Rosa silvestre de lantejoilas

das pétalas brancas das águas

da Leda cachoeira[69]

em lagoa seca de suas clavículas

donde lambo méis de sua floração

.

[Nascimento fez o amor penugem da tez]

---

[69] Nome de uma antiga cachoeira da região de Atibaia-SP-BR. Lembranças da juventude.

Germinação despetalada na vertigem da voz

[Nascimento em Oz da paixão em peregrina foz]

.

Mãos coração aninham o buquê labial

[Tremeluzente paz no amor na penugem da vez]

.

Tocha tremeluzente adentrando os seios e veios

da montanha em matagal lirial

.

[Nascimento em noz amor nuvem desfez]

Lantejoilas carmim capim doirado

Sangrando seu suor jasmim libertado

.

∆

II - Aluminis Caelo (Céu desfiado)

.

Aos meus pômulos os fios roçam

Dedos que se destrancam abraçando

o muito o súbito o alento

o cabelo veludo plâncton

Dançam entre os meus dedos ao tear

O assopro arrelia o sombrio

Embrama os fios em lantejoilas furtivas

Sigo a plumagem do rabo do esquilo

nos hexagonais mistérios da colmeia

.

[Multicoloridos cordeletes do liciatório[70]]

[Esquipação [71]prontificada de minha devoção]

[Esquipação súbita às subidas

nos passos das idas flâmulas do oratório]

.

Aos meus braços toco as neves descabeladas

nas brechas da bruma do seu abraço

Sem você os fios dos brilhos inerentes

Diluem-se no assopro do cansaço

Diluem-se em tempo de tempestade

Lacrimejam granizos prometidos à tarde

Os passos ressoam o solo e pedregulhos

entre as sendas do capim carmim

.

[Multicoloridos cordeletes do introdutório]

Como canção das campânulas do santuário

nas mechas escorridas entre o pulsar libertário

na dança perfumada tremeluzente do rosário

.

Sentimento germinado nas raízes da terra

trançam-se nos rodopios dos cabelos

aveludados ao vento

∆

---

[70] Liciatório – pente do tear por onde passam os fios do urdidura.

[71] Esquipação – esquipar. Conjunto do que se necessita. Nav. – provisão do necessário para uma viagem naval. – No texto, a provisão.

.

III – Pinnarum (Plumas)

.

Espaventam-se? Rodopiam? Derramam cores?

Sóis dos céus dos méis das suas fácies

Gestual letal dos corações do fogo

Brumas plumas do redemoinho do cenho

Vozes roubadas no assopro que margeiam

os parapentes coloridos decadentes

No serrado cortante da montanha ferrenha

.

Cobres acesos nos contornos das nuvens

Arrepelam os cabelos

.

Exegese como faceto das pétalas transformadas

Exegese do amar Amaretto da embriaguez

Andança nos fios coloridos das trilhas incendiadas

no seio das gramíneas do estio das flâmulas

.

Sangue gotejado do bico do tucano

Sangue esvoaçado libertado dos canaviais

.

[Chamas livres desfiadas tatuam suas fácies céus]

[Letais féis-da-terra azulam em amarrações]

.

Voo plano na térmica dos dedos de Zeus

Entrelaçar dos dedos seus

Estridentes trinados dos acordeões

Em sete piados dos urutaus

nas suas fronteiras tão brutais

entre as linhas dos cantos do mausoléu

.

[Chamas pulsantes acariciam as madeixas dos véus]

Fetais espirais enredam os caules do fel-da-terra

Em lantanas que renovam esperanças

ocultas amarílis do voo longo e profundo

do amor moribundo

.

Sangue germinado

Amor propagado

∆

.

IV – Prospectus (Horizontes)

.

Ululante sibilo do guizo cascavel

Dor fulminante no peito Maquiavel

Tantos matos embebidos de ventos

Tantos medos embebidos de pedras

Tantos sentimentos embebidos em querosene

Tantos olhares dos teares em liçadas

Tantos brilhos inerentes do seu cabelo eriçado

Fronteiras perdidas sem passadiço nem porteira

O lirial olhar fecundo desse voar

O lirial brilho do lábio sedento de amar

O lirial castiçal de vela em pranto

O lirial do toque veludo do amanhecer

Lirial estelar crepuscular do amanhã

Libertista aos sentimentos das echarpes flutuantes

Libertista dos fótons prótons

Movimento gestual do plâncton

Silhueta sensual das algas

Ondulação labial do vento

Seu olhar fecundo como delírio de um drink kiwi

Dos gritos de paixão do Sol

Dos uivos ruivos do lobo-guará

Dos ruídos sentidos dos tremores de amor

Filamentos de cobre acesos em archotes

Sangrar groselha das fronteiras do dia

Germinação Esquipação Perfuração de arpão

.

O dorso do contorno dos seus braços

em tango dos amáveis gestos

Grito da ventania!

Você viria?

.

[Gaiola geométrica do confinamento

Langoroso archote vagueia

rizomas nas veias pulsantes

Liberdade sangra groselhas doces

transpassando fronteiras

do lirial coração

em caules amadurecidos

em licores de rosas vermelhas

do nascer de você Meu amor Meu Sol]

Membranula

Carta ao poeta da neve

|9 Março 2020 22:39

Senhor do pensamento guardado, um dia li linhas de um poema seu perdido, tão encapsulado, que rolou pelas ruas das ruas ocas. Eu olhei o viés da esquadria da janela, me questionando sobre as lágrimas de vidro, quantas pessoas mais notariam.

E nessas ondas gama, eu esperei pensar que você me insiste, que sem conhecer seu perfil, sua hora, imaginei os degraus a que abraçaria, aqui nada seria parecido.

As lamas que os pés consomem em chutes de risos dos dentes recém-nascidos das crianças, num campinho cuja bola rolava, e foi tudo sepultado de construções de grandes contraturas.

Caro estranho, eu confiaria um barco que nos refletisse num lago nunca, e ali nos conheceríamos, eu me apaixonaria novamente pelo seu poema, e eles seriam o sabor derretido do vento nos rios de saliva.

Gostaria da escrita que tecesse cortinas que abrissem a janela à grande lamparina acesa lá no horizonte, como um eclipse de cada um dos meus olhos e essa dor de cabeça escorresse.

A maioria das coisas que poderíamos, não sei ver, talvez pragas, talvez espelhos das ruas lavadas. Conte-me! Como vão seus cabelos brancos, como os guarda nas páginas assentadas dessa biblioteca de livros encapuzados?

Eu perdi no palheiro, fiquei com míseras lembranças do eco da sua poesia, eu queria ler as minhas, mas nossas línguas não se conheciam, eram rostos virados como copos emborcados, repletos de uma poeira e um inseto apagado, dentro de uma brincadeira de redoma. Eu não poderia encontrar nessa noite meus livros que encaixotei e dei, a uma livraria desértica, pois meus passos eram em bengalas, depois vagavam nas distâncias de destroços. Eu guardei feito uma espécie de aroma, uma profunda recordação, que traz pássaros a voar os céus que se abrem em guarda-chuvas dentro de um mundo próprio.

Confesso. Ando meio perdida, lamentando os melhores livros que perdi e invejando a suposição da vida que sua divindade teria, completamente temerosa,

pelo monstro do aspirador, aquele ser obsoleto que uma faxineira demente liga, e passa sem consentimento sobre todos meus manuscritos, varrendo cada letra. Eu nunca acordo desse pesadelo, do medo de um comprimido para pressão alta envenenado, e um convite para a vida que não comprei ingresso, e um maquinário reluzente de um relógio que imagino, que ressoe as paredes da sua biblioteca. Apego-me que me salvaria.

Querido, venha me fazer dormir, em cobertores que tenham leite de lua, doce e quente. A sede mente. As areias esconderam-se e nesse datilografar, durante o surto de um sentimento. Olhei para mim e senti, que enlouqueci. Já sentiu isso? Suponho que tenha como salvação um globo do mapa-múndi, cuja gaiola dele sejam estruturas de filigrana de ouro, com reflexos que acendem no escuro.

A música abraça com bafejos de fogo, as pestanas queimam, nessa hora que os sentidos costurados se invertem, e que as mariposas derreteram.

Por onde anda sua mão? Eu sonho colherar as linhas da vida no volumoso cabelo do rio, caudalosa risada de bolhas, um gelo cortante me acorda com receio que tenha insônia na mesma hora.

Por onde anda sua equação? Todos esses símbolos mártires que em si nada resolvem. O processamento algorítmico sismático do caos e todos os carunchos do sistema apodrecido.

Andei escrevendo. Minhas personagens não fugiam, não morriam, e não sorriam. Eu teria que sacrificar, mas não podia, era água fria, tempos gastos em demasia, e livros que não torno livros, e ao conduzir essa fala, sei a razão, o nada e o que me torna inválida.

Até me perguntei, porque não me debrucei a olhar as entranhas da máquina de escrever e achar a letra a que se despregou, há vinte anos atrás, talvez menos um tanto de dias entre o marco zero e o cubículo. A vontade de conhecer o seu personagem abstrato, me deu uma espécie de ânimo. Um encontro onde eu me apaixonaria, por centenas de dias viveria com olhar delirante contente, por amar uma criatura incompreensível e desconhecida.

Bom, de mim, se olhar o espinheiro dos cabelos, as farpas das palavras, o riso embriagado, e a metralhadora de pensamentos, desistiria; mas a boca, essa estranha flor de poesia, as cores antigas do amor rasgado nela, como ondas de mar que me evolaram. Poderia supor um balão, até um dirigível. Raro, mas eu sorria.

Queria sentar e contar longamente, entre xícaras e fumaças de cigarro que esqueceria na queima espontânea, a história infinda que conto em fragmentos das

lembranças que ainda imaginarei. Eu iria contar aquilo que provavelmente ficará pelo caminho, deixando alguém se perguntando afinal que final deu.

Quando conheci sua hipótese, eu desenhava com dedos a gelatina de vidro, uma nuvem que eu moldei e inventei, e das cores apenas meu segredo se instilou, como um sonífero sabor de nada vezes nada, que é igual ao tempo que não se aproxima. Um lago à espera da água, uma panela à espera da comida, à espera da espera da mãe, criança à espera da esperança, o chão molhado à espera dos raios do sol, a praia ocultando os cernambis à espera da espuma d'água. Queria saber como adivinharia sua voz, a combinação de um abajur por debaixo dos seus óculos. Algo que me escavasse. Algo que me tocasse.

Lembrava a melodia, desejava suas estrofes, imaginava os detalhes do santuário da sua mesa, e um caminho de mapa aonde fugiram as estrelas. Séria eu pensava, do amor às palavras, não tinha o direito de citá-las, a tradução jazia vazia, eu precisaria me certificar em seu rosto, que (aqui caberia um pronome, mas prefiro ambos) entenderia.

PS – Imaginei, como um cordial beijo, os afetos dos dígitos iguais da hora, um sabor de gelo, neve iluminada no pômulo da primeira manhã, um sabor de sorvete. Sobreviveria.

PS2 – Eram 23:23 àquela hora eu me iludia sobre o poder da minha sinceridade, no entanto certos orgulhos querem falar mais alto, calar-me, ferir-me nessa hora minha da desnutrição, ou sempre me achem inferior, apesar de cansada, eu prefiro a estridência da sinceridade que a falsidade macia. O depois é sempre mais uma adaga.

EXINDE LETTERA – EXOPTO[72]

| 'A partir deste momento, por conseguinte 'carta – 'Desejar ardentemente | 19 Março 2020 12:00 | agendada | Carta futura 1, amanhã

Atibaia, para as três horas da madrugada de 20 de março de 2021, dia da felicidade, equinócio da Tempesta do Phasma, amanhã; à ti

Exinde este lindo momento equinócio

a madrugada que se apresentará

as sedas que lamberão como chamas

a pele de qualquer aflição

como as montanhas cumeadas

as costas de minhas mãos deslizarão

entrecruzando os portais da saudade

nas flores de umbral resplandecidas

tocantes ao seu lado direito do rosto

de cima abaixo como gotas de chuva

.

Exoptavero[73] teus sumos tuas brisas

Exoptavero teus rumores tuas sinas

Exoptavero lábios de língua proferida

---

[72] *Exinde Lettera – Exopto* – Lat. – Carta a partir deste momento – desejar ardentemente. Carta futura – Ardentemente.

[73] *Exoptavero* – do Lat. – forma 1ª pessoa do futuro perfeito, seria como dizer 'arderei' ou 'desejarei intensamente'. Um verbete que detém dois significados.

Exoptavero o corpo morno margarida

como abanos de álveas[74] pétalas

como abrigo corona almofada

.

Nos hálitos cantarolados do sono

mãos catadoras de conchas

Pentearei sonhos abraçando as memórias

Brinquedos e espatifar dos pés

n'água de tua criança

Sorriso puro Olhar ingênuo

Exinde eu envio a passarada

a sobrevida renovada

as nuvens sublimadas

.

E te girarei nos braços do meu carinho

como um tremelicar de passarinho

Enquanto a chuva celebra as partidas

o Sol que virá iluminará

um rubor um sabor Este amor

contornará cada definição de teu contorno

Exinde estarei em fé a ti

Linda flor única que do Oeste

vieste nos encalços inconscientes

Polinizar de brilhos minha vida

---

[74] Do termo álveo – leito de rio, como uma qualificação feminina das pétalas brancas da margarida.

Exinde sorrirei o infinito ressecar

Permanecerei como visões inventadas

como se asas voejadas

como se fosse uma pessoa amada

Exinde o beijo marcará tua face

nos vidros em inverno embacem

nos frígidos medos que eu abrace

Em respeito de amor dentro da alma

abrirei horizontes livres nas sendas de Granada

Exinde confortarei no peito qualquer frustrar

Dar-te-ei as mãos de ternura

a abrir teus cílios em

espetacular nascer do dia

.

Em sempre meu amor é o que não deixarei de ser

Exoptata de corde meo[75]

---

[75] ***Exoptata de corde meo*** – Lat. – no particípio nominativo feminino, a pessoa desejada do meu coração.

EXINDE LETTERA – *OMNĭA*[76]

À Atibaia 17 de fevereiro de 2022.

|29 março 2021 8:42 | Mensagens e cartas ao futuro, minha cápsula do tempo.

Omnĭa Omnis Omne

A ronceirice do Sol

A noite que me abraça insone

O choro dourado do orvalho iludível

Os acordes olfativos das pétalas descarnadas

dormem teus gemidos lourejados

dormem teus fremidos passageiros

.

Omnĭa ingenŭe[77] *primum*

A ampla ondulação em filigranas áureas

O vogar sem adentrar o infinito marear

Uma rota Vela *purpurissata* [78]prenha de destino

Caminho conseguinte tempo

Buscando os fios sedosos tremulantes do achegar

.

---

[76] *Omnis, Omne* – Lat. Todo, toda, cada. De qualquer espécie, qualquer. (omnĭa = Tudo; todas as coisas; omnes = todos, todas as pessoas).
[77] *Ingenue* – Lat. De homem livre, liberalmente, francamente, sinceramente.
[78] *Purpurissata* – *Purpurissatus* –a –um – Lat. tingido com *purpurissum*, tonalidade mais escura da púrpura.

Omnĭa quantum [79]*merĭtus*[80]

Na meia-noite do dia seguinte

No açoite do lombo cavalgado

Na liberalidade da dança trançada

Nos lábios das linhas das palmas

Nos sábios e rainhas sibilantes

das abelhas fazendo o vinho

das flores sorridentes do figo

.

Omnĭa amatĭo[81] *quoad*[82]

Navegações nos cumeados da cerração

Navegações nos contornos das almas

Navegações nos sangues sofrido dessa latomia

Circum-navegação pulsante na derme ideoplastia

Nave brilhante da Ursa Maior coração

Exortações dos passos intratelúricos da tua nitescência[83]

Omnĭa Uertex[84] Tripudĭum[85]

---

[79] ***Quantum*** – Lat. I – quanto, que quantidade. Tanto quanto possível, o máximo possível. Tanto que, tão grande quantidade que. II – Na medida que, à proporção que, ao passo que.

[80] ***Meritus*** -a -um – Lat. Merecedor. Que serviu como soldado. Merecido. Justo, justificado.

[81] ***Amatĭo, amationis*** – Lat. Manifestação de amor.

[82] ***Quoad*** (quod-ad) – Lat. Até onde, até que ponto. Até quando, enquanto, até que. Com relação a, no que diz respeito a.

[83] Nitescência – brilho, esplendor, luminosidade intensa. (do lat. *nitesensis*).

[84] ***Uertex, Uertĭcis*** – Lat. redemoinho, turbilhão. Abismo, sorvedouro, voragem. Cimo da cabeça, de um monte, cume, cimo. O ponto mais alto, polo. O mais alto grau.

[85] ***Tripudĭum***, -i – Lat. Dança ritual (dos sacerdotes Sálios e Arvais). Dança, salto. Augúrio favorável (quando as aves comiam com tal voracidade que deixavam cair grãos).

Como entrebater do meu coração em lapidário

Como líquens esquecidos no emaranhado

As corujas do alvorecer trinando as verdades

O santuário meléfluo no estúrdio do sentimento

Gira que gira que dia que inverte que orbes

Revivencia e tonifica em heráldico mantelete

Aos ventos se pronuncia críptico reluzente

Excele Antolha Circunflexo do amplexo

Esporeia-nos olfativa mosqueta

em arresto de idílio na introjeção mútua

arrancando-nos rebotalhos da pele nua

Como confetes que planam esses *orgalhos*[86]

Como sinetes cintilam essas lágrimas

Como perfumes na rebentação complexa

Vagalhão estrepitante fremente escuma

Encantos de deleitamento nas íris derramadas às planícies

Luar renitente chilreia as minúcias das ternuras

Opalina luz nas nossas mãos tripudiam no vértice

Desprendem-se Reencontram-se nas rajadas dos tempos

No olho do piado oculto em embaúbas

Doendo o tempo perdido na picada de saúvas

Sempre em meu amor haverei de vetiver

Adejando os sonhos nas plumas *Vertex*

Siderĕus Semper

---

[86] Um trocadilho.

DIARIUM VACUUM – INOSPITEZ

|Atibaia 12 maio 2021 11:40, mãos imobilizadas

O dia acordou aliviado e nebuloso. O frio entrou rasteiro às minhas janelas.

Eu desejava escrever sobre o que gravei ontem. Mas para não profanar deixarei para outro pôr do Sol.

Os acordes do Phasma ainda reaparecem como melodias que impregnam de suas sensações.

Eu sentei ao jardim na tora. O celular se recusou. Eu vi o beija-flor pousar. Lindamente percorreu as flores. Eram como filhas da manhã sob cobertas da névoa.

As coisas caíram das minhas mãos.

A Ártemis fugiu barranco acima.

A dor existia como fato coexistente aos barulhos ensurdecedores e adentrei ao cantinho verde do café.

E comigo o jardim dela morava em meu lugar antigo dentro dos limiares das luzes desse hoje. Estava em franca mutação.

Como roupagens ao inverno. Secura e folhas oxidadas. Estava como espinhos sangrados coagulados.

Mesmo assim, o sentido desse coração persistia, sorrindo, como a possibilidade mesmo que minhas mãos parecessem caules quebrados, mas não partidos.

Uma ranhura dolorosa e fresca como a ida. Ida a um lugar verde e murmurante. Doía essa cantiga ao ouvido. O chamamento não atendido de minha inércia.

Meu congelamento.

O inóspito do súbito do voo e guinada da águia. O sussurro de socorro da vertente inexistente soterrada.

A voz lembrada do brilho do sorriso das possibilidades da amizade. Eu queria. Eu sentia a saliva que me sacia.

Eu ouvia o agasalho do outono nos braços amadeirados de carinho.

Sentia presente o vento do cabelo despentear o furor de toda confusão do pleito do sentido dos sentimentos dessa flechada. O dedilho examinando a ponta da flecha no guisado desse veneno viscoso que lacrimeja as linhas da vida enterradas na palma da mão que espalmam os sagrados segredos da palma de sua mão e alinham os mistérios de amar o inamável.

E percebo esse todo que sou, soa-nos, soar-nos-á as cantigas da florada beijada pelas mãos nossas que dobram seus sinos em spray de encanto e perfume dourado.

Como prumo e centro de uma ampulheta. O tempo nos demarca em algo inseparável. Espuma e azul do mar.

Castanho do córtex e caule, a força da madeira e todas suas nuances do tempo circundado.

A cisão não mais pode interferir.

Não haverá nenhum momento que nossos corações não se interpretem, se desejem abraçar estando abraçados.

AMORE LITTERAS – MATURA RUBRUM POMUM EXCORIO

|23 Maio 2020 12:29 | Outono, nublado, 23 graus.

Não me importei de me revirar nos ganidos da madrugada, uma estrada de céu roubado. Pude sentir naquela cegueira o vapor condensado na casca vermelha da maçã. Nenhuma cor era perfeita dessa forma nessa cegueira da noite. Eu apreciava aquela película que detinha as nuances da *insinuância* parcialmente fundida com a inocência da beleza nata, aquela qual se nasce e acostuma-se a ignorá-la em si mesma.

Quando aves de verdade se atracavam nos regaços da palmeira, o vento revelava o pranto que eu não podia ver, os pingos quebraram sem querer o estio da solidão, enquanto dentre os véus da madrugada eu imaginava as cordas vocais doces que jamais esquecerei.

O dia nasceu *extruso* em sabores insensíveis, como eu tivesse me perdido nas cores brilhantes de um lençol desfeito, das mãos que sonhando estendi, desfiz desenhos de areias finas em minha boca úmida de amor.

Como queimando pela pele arrebentada, encolhi nos seios do desejo, nas sensações vivas que em igarapés davam a dança verdadeira da vida, sem resíduo algum, sem disseminação de opressões que talvez encolhessem essa plenitude de amor. O espelho d'água preenchia os meus olhos, mas na pele eu podia sentir nos meus braços, nos carinhos infinitos que ali podiam declamar e se perder, sem se machucarem.

Quantos beijos de brilho, quantos beijos rodados entre as fendas da tempestade que descrevei nas histórias que nos faz realmente pessoas unidas em sentidos marmorizados, mas que possa ainda dizer a irradiação de momentos assim, que está em meu tato, que sinto a reação nos traços que amo no rosto.

Aquele calor tomava a superfície e inundava os espaços além de mim, liquefeito de um prazer e aconchego, na isenção mais pura de tudo que pudesse ocorrer no mundo, no gume da realidade. Essa manhã aquele terror que feria os olhos ao abrir, relembrar a realidade de tudo, não fez essa circuncisão da íris. Não fez porque mantive você em meu nadar de amor, nos movimentos inertes dos meus braços. A única coisa que poderia nos permear, eram as águas infinitas do que sinto, e nascentes que dos olhos que não mais pude olhar, vertem. É dentro de um correr de fio de água silente, muito tênue, tinha em minha percepção a dança dos seus dedos. Os gestos brandos que só a invisibilidade do ar adivinharia. E eu me desmanchava dentro desse manto de encontro, recriava

um simples abraço do meu sonho que esperei ter durante as décadas que couberam em cada dia de vinte mil anos. Assim sentir a pele do rosto banhada do perfume, meu pensamento tentava recriar uma imagem impossível, que preenchia a perfeição.

Amava. Amava esse momento somente porque te amava.

Por mais que tudo isso se derretesse na aspereza do linho de um travesseiro, permaneci com a cabeça deitada sobre o seu ventre, sentindo o batimento do coração nos vasos sanguíneos da orelha, e meu coração parecia ter iniciado a bater àquela hora, completamente forte, tão forte que eu esqueceria do trovão, nunca mais ouviria.

Os pássaros fugiram do meu dia, depois de longamente regurgitarem-se entre eles juras de amor que eu cogitava, enquanto perdida nos movimentos inventados nessa paralisia, eu podia tocar o céu da noite de dia, e derrubar todas essas estrelas caídas que desenhavam a sede constituída desse tudo, nos brilhos das ondas espraiadas desertificadas pela minha solidão e longitude de você.

Compreender o amor que tamanhamente tem tanta coisa, em um momento coagula um colo, e beijos de desejo, nas caldas da foz. Reúne a vestimenta dos fios do tempo, nas sombras do vazio, mas que esvoaçam belamente pelo vento ou o hálito da ilusão em tanta maciez de algodão. E a incandescência desse vermelho no toque do dedo dessa maçã.

Resguardada nesse casulo do clímace, dentre tantos momentos assim durante esse amor, esse amor de eu saber, senti uma emoção profunda. Não sei dizer; naquela hora eu engolia o sabor das palavras, naquela cor perfeita da casca de uma maçã perfeitamente madura, que não tinha gosto nem ácido nem doce, tinha o equilíbrio da maciez e textura, e primazia de entrega profunda do coração da alma.

Enquanto me ergui, revesti minha nudez, o dia de outono colhia-me, não envelheci naquele instante, uma magnificência me trajava no avesso do tecido colorido decotado do meu coração, com a elasticidade me apertava no braço forte dessas cordas. Estive por você, estive para você, de todas formas senti fortemente sua falta, e desejei que estivesse na perfeição da felicidade.

Tanto desejei, que criei o melhor que eu conseguiria ser, ou escrever, ou pintar, ou passar meu amor nas cores do seu rosto; e fiz isso, a cada vez, a cada dia, uma elaboração que emanou meu amor, que traduziu uma onda capaz de vagar o éter. Assim tenho nas mãos a sensação de ter tocado a estrela do céu, a luz de um amor que eu sinto vir compreendido de você, e não penso em restringi-lo nas cápsulas tão insignificantes de um comprimido. Sinto iluminar a

cegueira e me embalar em um sono embriagado no calor dos braços que não estão aqui, mas sinto essa ilusão e me perco nesse depois.

Um perder que boia na oclusão dos sons pela água que encobre os ouvidos e a visão do céu transforma todo algor em manso frescor pálido de calor.

A cada dia, os passos que se esgueiram entre as ramagens espinhentas da minha vida, atravessam em ferimentos e as lacerações vão se curando lentamente enquanto novos arranhões inflamam, nessa estrada de tentar tocar sua alma e suportar a real distância.

E apesar, no fundo essas ondas insaciáveis de você continuam e continuam quebrando e dançando as estrelas caídas, nessa alvacenta manhã, como espumas que se movem no céu escuro, como dança de um bando de pássaros brandos. Assim transpiro meu coração na paixão dessa cor de lábio que os dedos da memória sempre delicadamente tocam, na imensidão estética que paira entre a visão de cores e brilhos.

Ah amor, anjo dos anjos, nunca poderei traduzir essa verdade para os olhos inundados. Nunca poderei traduzir, a música que o coração estrangula com cada aperto de viver com isso.

E deixar nascer algum dia, não faz parte de meu poder, porque a sinfonia é a beleza do conjunto de todo esse revoar, a liberdade de ser verdadeiramente. Em visões que atravesso os vácuos, andando as lacunas da vida que não pude viver. Qualquer detalhe que eu note, faz parte dessa gratidão emissora do amor, construindo mundos paralelos que penetrem os espelhos da impossibilidade.

Ah amor que amo, que também confesso, me fez sobreviver, não para honrar um reencontro, mas honrar minha vida mesmo. Essa força, talvez nem eu mereça. E mesmo com os portais perdidos, endereço a minha ilusão, que eletricamente somente seu eu, pode sentir. E sente.

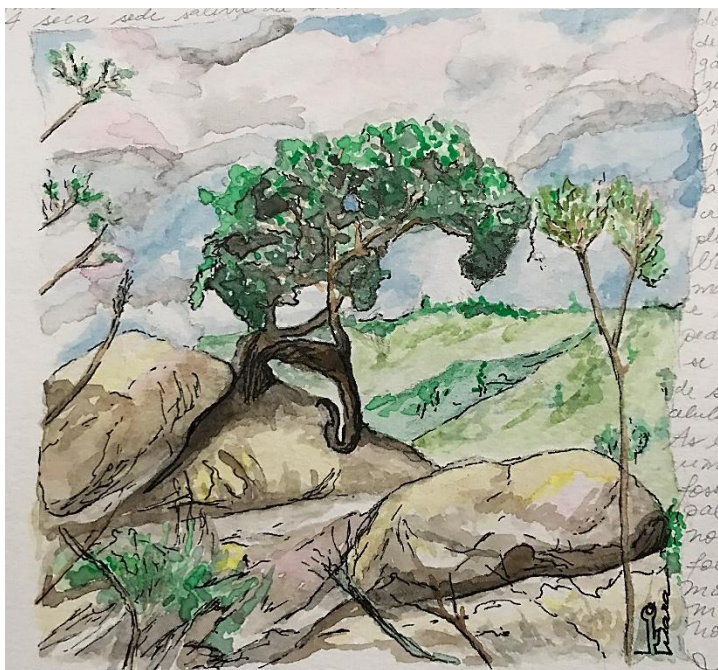
Minha flor de ilusão de acordar e viver, com amor eterno, sempre há de enxergar no brotar do mar. Reencontro.

TEGUMENTUM

I Tegumentum Temperantĭa tecum

|Para Membranula, projeto de vídeo imersivo sensorial de materialização do pergaminho.

8 Junho 2021 10:30. Jardim, toras, coqueiro, 18 graus, formação de tempestade, céu totalmente encoberto. Atibaia.

Acreditei nas forças que tomariam meus braços e pernas, no embrenhar dos caminhos de ataque à montanha, acolchoada desse destino cinza, entre as impressões sacramentadas pelo meu tempo, numa eterna saudade, desse ponto de busca e encontro. Como andarilhas feito formigas de outono, minhas mãos se alternariam no galho de apoio e meus pés fincariam com o contorcer dos dedos esse equilíbrio.

[Illustratio 7]

A seca sede saliva da seiva da selva da relva alva como um batismo gélido das sendas dessa ida, do galgar as alturas sem degraus entre espinhados galhos no sussurrar dos zumbidos dos zangões de vagalhões e trovões dessas nuvens de sedas de prantos guardados dos orvalhos silentes | do silêncio adormecido entre novos crocitares entre novas plumagens sem plumas das brumas envolventes da madrugada áurea cálida e sedenta. Sedenta e pedinte de nossas mãos que se deparassem e se despissem de suas peles encruadas e células mortas das desilusões. As linhagens dessa textura umedecida do que a boca fosse incapaz de dizer, das palavras que encolhessem no cerebelo desse dossel de folhas de uma clareira para montar essa tenda nas marteladas dos ventrículos.

No amanhecer desse SolCoração do tamanho enorme que não coubesse nos invólucros de um saco de dormir na tenda da solidão em pergaminho entregue no marril afixado nos gadanhos dessa coruja em voo prometido da lua através dessa coberta | de amores existenciais que constelam o lugar, a fauna acuada, a fome e os grotões ressequidos das emoções de uma avalanche prestes a precipitação das gotas da chuva que cantarolam batidas dedilhadas de um flamenco[87] sobre a cobertura dessa tenda da clareira de um dia caminhante sobre o cumeado da montanha.

Eu sei que teriam breves adormecimentos, providenciais esquecimentos, do vapor que aquece das chamas de um bom fogo, de um rosto que poderia ver com as linhas digitais incandescentes desse trepidar e demarcar cada relevo e projetar a decifra de seus dizeres em aninhar dessas mãos que invadem o espelho e transgridem as fronteiras da distância.

Por um instante um grunhido | salivaria dos seus olhos brilhantes, acuados diante de um balé de sons mistos do deitar da ventania, um cortante raio que partisse um arvoredo seco do que se fenece e do que acaba nesse instante de acontecer e ficar acontecido.

Acolheria o rosto nas minhas palmas com o braseiro que ficaria oculto entre os movimentos sombrios desse acalento de aquecer na proteção dos meus braços.

---

[87] Música – Capote de Seda – Daniel Casares.

Como se eu pudesse alimentar e dar colo a uma jaguatirica, em forças que se embatem e se anulam e harmonizam nas sensações da pele entre o chão das estrelas, a terra ferida por esse todo não vivido, por um acolhimento nas sedas dessa cobertura | de nuvens emendadas.

[Illustratio 8]

Meu coração então se embriagaria dos sons e sentidos, dos significados de suas palavras aguardadas com a fome dos dias entre luzes que rasgam a noite em faíscas de amor.

Eu sinto no piado urutau, eu sinto nas minhas inúmeras madrugadas dessa lucidez que me acorda, com devaneios das possibilidades desenhadas como esperanças vindouras no clareamento do céu em cada novo dia, com a promessa cumprida de uma nuance diferente e indescritível.

Então espero e enfim encontro seu abraço, nos mesmos lugares dessa descrição e demarco esse x no mapa de nossa conformação.

Ah minha flor desses amanheceres, como um vento brando morno, como recordação do sangue que pisa as veias e o coração | que respira seu perfume esvoaçado na hipótese do seu cabelo tremular essa liberdade pura e isenta de qualquer outra pessoa.

Entre apenas nós, as salivas que encantam vertentes de ilusões que se acenderam no SolCoração desse manto de amor que assopra e dissipa nuvens densas e os rostos pairam acima ao céu desse acaso.

Sendo o que fosse a abrangência dessa visão e o tempo de tomar café espremido em espumas perfeitas na transparência dessa âmbar manhã, com as irradiações transpiradas pelas narinas da mata virgem de uma clareira mais altiva desse brilhante dia.

Uma brecha se perfura de uma luz dourada que derrama um morno encantamento | em meu dia cinza, na pluma desse vinho embebido de um coração de uva, doce ácido transbordando essa saliva de néctar em meu dia cinza real.

A montanha me espera com um bimotor pousado numa estrada aberta, um avião de dupla asa, pequena cabine e um manche desenhando em minha mão como pincel de cores desse sumo do rumo do céu azul acima de tudo, que toco nas asas dessa decolagem, em nossos olhos de espanto e deleite dos horizontes não cativos e visões inimagináveis.

Então você me diz Eu te amo porque lê escrito no papel de carta, sentindo que o vento primaveril e nas horas atrasadas desse fuso horário promove fortemente o colher da visão, da visão da tez da boca raiada como Sol de verão.|

E que indiscutivelmente comprova a confiança cristalina em saciedade, na sede desse néctar que toma seu coração de percepção e um desejo real de que poderia ser real, verdadeiro e isento. Poderia ser imediato tanto quanto pleno. O motor do bimotor vira as pás das hélices, comendo o espaço do céu lambendo beiços e você sente despentear desse tocar.

O tocar de amor conceitual; como a abrangência do espaço voado entre terras, matas, lagos e mares, nos brilhos eternos desse renascer do Sol, continuamente. Como uma possibilidade, como uma verdade. Como uma degustação. Como uma promessa de amor, unida entre a noite e o dia em perfeição de continuar. |

Como a amizade inviolável da resistência do ar e da habilidade de voar o avião amarelo deita nas nuvens nossos cabelos de amor em marcas geodésicas de ventania amumiada.

Assim como o viver o trajeto deslizante atravessa a distância sem fazer dela essa separação dorida.

Ah minha flor que decanta pântanos!, queimadas que se afogam, pássaros que migram e o amor sobrevoa a tudo no todo desse reencontrar.

A razão e coragem de deixar ser o que for.

| Tegumentum Temperantĭa tecum – traduzo como Abrigo temperança contigo.

Tegumentum – Lat. Cobertura, revestimento, vestido, abrigo, proteção.

Temperantĭa -ae – Lat. Medida, proporção, sobriedade, temperança tecum – Lat. Contigo.

Também pode-se entender como pele, vestimenta dessa medida, a medida aqui poder-se-ia figurar como o conter do sentimento para a proporcionalidade desta outra pessoa a que se refere. Ou seja, a escolha desta em dar o tom desse reencontrar. Contigo é ter-se com alguém, é esse adentramento do coração e fazer das ações suas mesmas participações conjuntas.

O tegumento além de pele, pode ser a roupagem desse elo entre o autor e a pessoa amada.

II Vox Cordis

28 Junho de 2021,17:27 | (adendo Tegumentum, subcarta)

[Illustratio 9]

Como encanto da harpia[88], imponente, as cordas de uma harpa do Éden e as flores que espalmavam aplaudir de cores de um rastro de polens, como o dia que começa e se come entre os dedos de um toque de um raio faiscado no magnetismo do estio.

Um encanto sapateado das garras rasgando o céu em papéis picados, como confetes que derretessem a sede em neve impossível que o azul colorisse em fervilhar do formigueiro do umbigo.

Aquela voz melodiosa dos âmbares inquebráveis derretia e libertava os seres cativos.

Aquele timbre dançante e urgente,|em sua própria definição de razão hexadecimal em equações de resultantes da tangente do infinito.

Eu vi o caminho. Era você. Era você e o tempo. O tempo era você.

Todos acordes da montanha detinham o ar sinfônico como prelúdio do que eu podia sentir como esperança.

---

[88] Harpia – gavião-real, *harpia harpyja*, gavião de penacho, uiruueté, uiraçu, uraçu, uiracuir, uiraquer, cutucurim, uiraçu-verdadeiro. Tamanho 2,5 metros, doze quilos.

Como um voo árduo e vigoroso da harpia e sua visão perfeita, como adaga do fogo, como portal da fenda do mistério, dizia. Dizia muito a cada vislumbre de você. Um ser que transpirava a emanação além dos poros e o vento do inverno me detinha em seu poder de uivo, como lobo em matilha caminhando a trilha de caça.

Eu sei. Eu sei. Como se eu furtasse os olhos da harpia, como se eu invadisse os seus sonhos dos seus paraísos da memória, da posse das terras de sua segurança ruindo. Arruinando a calmaria dos lagos frondosos. Ventania das areias que guardava como brilho de algum lugar como relíquia.

Eu precisei. Queria a voz do seu coração e por esse eco percorri todo arabesco que coubesse nos céus do tempo. Não me pertencia. Apenas flutuei na voz do que essa alma ardia, ardia e dela fiz candeeiro, fiz pluma de sustentação do ar, como amar pudesse soerguer seu corpo nessa primazia.

Perdoe essa rapina. Perdoe os arrulhos incongruentes dos girassóis de bolhas de sabão. Os assobios da magia desse meu grande coração em sua vida de amanhecer. |

A linha vermelha parte a

nuvem da página

A linha azul dá a você o céu

do anoitecer estrelas e renascer ilusão

Eu prometo a cúpula do céu

na rosacea de transformação

da luz do Sol nesse carrossel

poeticamente incorreto do coração Kaos Australis

Eu digo ao galope da distância

Eu digo ao fenecer da pétala

Eu digo à palha do mato

Eu digo aos poros da madeira

Meu amor nas mãos congeladas

Eu ouço os braços do coração

eles tocam os ombros da sua bondade

eles sempre dizem, leia-se

Eu te amo

Não te firo. Refiro. Você é referência

desse leste como mestre que pulsa

a vida

Eu te vejo. Revejo como magnificência

como pulso da tolerância

Illustratio 10

III Sacra Cor Forium[89]

|29 setembro 2021 1 às 2:21 |Aberturas e entrada do coração sagrado| Foris Forium - |Membranula – Tegumentum |Músicas: Divine Love – Lemongrass, Stood in Highland winds – The american dolar, Miss Sloane Solo – Max Richter, Sehnsucht – Thomas Lemmer, A song for the lovers, Medianoche – Airstream, As you are – Daughtry |adendo Tegumentum, subcarta de Vox Cordis.

Dissonante *aster* [90]da luz do cálice

Asas da lágrima vibram na ponta indicadora

Semisomnium da meia-noite

do sangue lunar mareado em açoite

Curvas de cetim dos olhos

semicerrados enlevariam nas labaredas

como auge de um *lekking*[91]

como um suspiro das tremeluzentes penas

Bebo da água da meia-noite em ânforas

Flor do fogo

Cores de faiança de Delft

assobiam os estrepitares do mandolino[92]

.

No *forĭum* a cor rebate

dentre um caleidoscópio aspergido

---

89 Sacra Cor forĭum – Portal dos corações sagrados, abertura dos sagrados corações. Fores, forium – Lat. porta, abertura, entrada.

90 Aster, asterĭs – Lat. Estrela, astro.

91 Lekking – pássaros, significa comportamento de arena, exibição para sexo oposto. Abertura em leque da plumagem.

92 Mandolino – Alaúde de caixa muito convexa.

nos xistos dessa porta

como um gesto de Viola tricolor

tintura dos rostos pintados por Ticiano

o frescor revolve meus cabelos como

pontas de dedos amarelos violetas

como batimento das asas da ânfora

voejo ao cerne fêmeo *aesterno*[93]

Rumo ao meu *secretarĭum*[94]

a sinfonia da ironia da mania

amor em flor de auge

Os passos cadenciam tamborilar áureo

nos *xistus* [95]- *Thesaurus*

como flautear de *kerygma*[96]

benevolência da dileção angélica

.

Cinzas das asperezas Voo do Silêncio

Pórtico da união

Repouso as têmporas no seu esterno

no profundo enlevo do luar

.

---

93 Aesterno -is -ere – Lat. Estender perto, esticar-se, deitar-se junto.

94 S*ecretarĭum -i* – Lat. local retirado, afastado.

95 Xistus -i – Lat. Pórtico coberto onde se exercitavam atletas, rua arborizada, aleia.

96 *kerygma – em grego – quer dizer Querigma, anúncio, anúncio do evangelho.*

Lacrimal candura de Àngel[97]

nos relâmpagos terríficos de amor

O *defrutum*[98] no voo áuspice

Gosto do fogo dourado

Cores cerâmicas de Andújar

Asas do coração sagrado

Ticiano amor profano

Àngel Miguel

Queremel[99]

Conflagro - Sagrado

Coração uníssono amado

dentro das minhas mãos

floresce o *stemma*[100]

arabescos na faiança

o *shemagh* [101]da esperança

desnuda o rosto da pupila

ao acalento harmônico adamantino

brilho de olhar de amor

Conflagro - *Affabilitatis*[102]

---

97 Àngel – Queda d'água venezuelana considerada a mais alta do mundo, no maciço Auyantepuy. [Ref. LR]

98 defrutum -i – Lat. Vinho cozido, mosto cozido, espécie de vinho doce.

99 Àngel Miguel Queremel – Poeta venezuelano, adepto do ultraísmo, autor da obra 'Tabla'. Viveu na Espanha e teve influência de Federico G. Lorca.

100 *Stemma, Stemmatis* – Lat. Guirlanda, árvore genealógica, pedigree, nobreza, grandeza, elevação.

101 *Shemagh* – ar. – o mesmo que keffiyeh or kufiya , um lenço ornamentado, usualmente feito de algodão, usado no deserto para se proteger.

102 *Affabilitas, Affabilitatis* – Lat. Afabilidade, cortesia, acolhimento.

No estuário descalço aos pés da verdade

como divina estrela

cálido toque da lucarna

nos braços de abraços da alma

o *secretarium* adormece em

embriagar doce de mel

à porta do coração sagrado

asas perfeitas de pétalas

voo noturno adágio

viver *diletus* [103]amor sublime

no cântico da ave presságio

.

Da queda de pura água Àngel

Véu que sangra relâmpago

Véu que amorna sonâmbulo

Semicírculo da fenda atrial

Simultânea voz

dos grunhidos das flâmulas

Banham torrencialmente as águas

como oferenda de

nossos corações sagrados

---

[103] *Diletus* – Lat. dileto, querido, amado.

IV Nympha

|25 outubro 2021 20:12 | Sentimento de tocar e solidão de amor, amar o lado feminino

[Illustratio 11]

Atônita Acônito

Era um néctar de estrela

A tua embarrigada lucidez

esgueirava Vê por ti mesma

Esgueirava alongando flauteado o dedo

Dos bosques um mistério

um rio oculto

riso que *obduro* [104]

percorro entre vãos, arestas, brotos

---

[104] *Obduro* -as -are -aui -atum – Lat. Sofrer, persistir, não desanimar.

Despedaço e reúno

Cigarra que emite o último grito

Galho que rasga e parte

Obliquamente opacidade decantada

em riscos de giz do vago

entre córtex e tez

.

Sombras da manhã

relembrada ao tremor da vela

Incenso abrasado em cinzas transformado

Dançara com todos os dedos do cotovelo

Dançara os ventos assoprados nos cabelos

De teu murmúrio prometido

como abraço da saliva melífera

do torpor da madrugada

como *orsa*[105] da minha idade de amores

Ah eu estou só

somente sinto esta luz oblíqua

que corta os poros dos gotejos

que lambe e morde as uvas das lágrimas

Ah a solidão canta com *odoratus*[106]

---

[105] *Orsa* -arum (ordior) – Lat. Tentativa, projeto, empreendimento. Palavras, discursos, obra literária.

[106] *Odoratus* -a -um (odoror) – Lat. Perfumado, aromático.

Nas gotas se tornam uma

a luz do nascer

como *ostentum*[107]

junto ao piscar da última estrela

nasce o fulgor

como as teias sob a língua

como nascente de fundo de gruta palatal

Unem-se mãos Ninfas

no manso bafejo ao nascer de

cinza primavera

.

A ponta de meu dedo colhe

como uma pétala impossível de cristal líquido

como sangrar de uma ponta de conluio

como a ponta de pena afiada

de adaga turca em aço damasco oxidada

feito jeito feito espinho

que se camufla de pingo molhado

fatalmente *osculabundos*[108]

.

Da ponta do dedo solidão

Silente levo à boca a mão

como sedenta nômade

.

---

[107] *Ostentum* -i (ostendo) – Lat. Presságio. Prodígio, maravilha, milagre.
[108] *Osculabundos* -a -um (osculor). – Lat. Que enche de beijos.

Comendo da água sua luz

Bebendo-te o suor verniz

Amêndoa do cristalino que

a ponta da minha língua

efervescente em erupção de lava

fumegou

.

Bebendo-te a cor profunda

das palavras desse silêncio

como vida

como álcoois do degelo

como cabelo da luz da estrela

como o virar de rosto

e jogar das pestanas

e toda poeira da Via Láctea

.

Ah meu cristal enigmático da manhã

da primeira hora até *occiduus*[109]

Esquecendo-te

nos braços liquefeitos

nas ondas das espumas

no marejar distante

na restinga desse nunca

com meus dedos à nuca

---

[109] *Occiduus* -a -um (Occido) – Lat. Poente, ocidental, localizado no ocidente. Decadente, declinante. Perecível, que caminha para o fim.

"E esse outro você sabe

já advinha o gosto da sede"

.

Ah como asas que flutuam

e cabeça que reergue

do pingo de uma água azul[110]

Ouves? Tu me umedeces a visão

na saudação de uma promessa

dessa atmosfera que aparafuso

aos brados de exultação

te amando enquanto deleto

doce *odoratus* do orvalho

minha *amatorĭe*

no *aesculetum*[111] de espantalho

.

Como filetes se abrilhantam

em dourados fios de cabelo

de elos do filamento de uma pulseira

um raro bracelete

que enseja desenhos de oásis

que respinga o tórrido sobre a imensidão

evapora para o ouro da precipitação

.

Ah meu filamento íon

---

[110] Referencia a música Água azul de Aukai.

[111] *Aesculetum* -i – Lat. Bosque de carvalho.

Sou toda a indefinição do vácuo

um átomo apagado

na *orsa* do mel da minha vida

.

E esse âmbar é o que teu dedo toca

colhe e engole

.

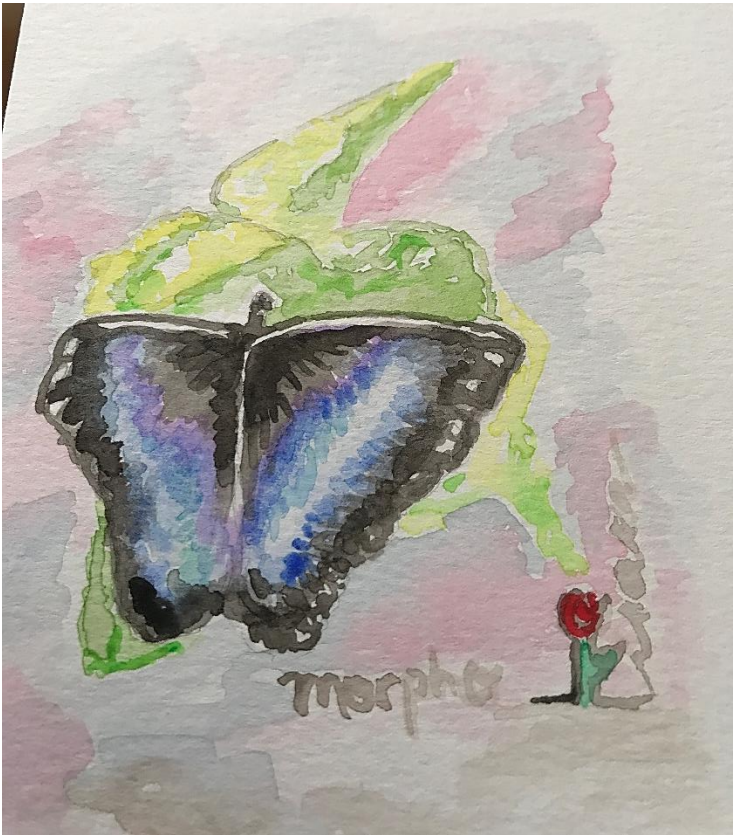
Como ninfa dentro do orvalho

na árvore do jardim que somente eu vejo

Olim [112]*amatorĭe*[113]

Nympha[114]

---

[112] *Olim* – Lat. Outrora.
[113] A*matorĭe* – Lat. Apaixonadamente.
[114] *Nympha* -ae – Lat. Ninfa. Semideusa que habita os bosques e as águas. Água. Fonte. Esposa. Mulher jovem, moça. Crisálida.

[Illustratio 12]

V Miracula[115]

| 26 outubro 2021 00:11

Tocado por um anjo

O espelho intocado

Eu vejo essa imagem que consome

quando as cores evaporam

E se o anjo das letras não

Não esteve no meu alento ilusão?

A ti inquiro Daqui se ouvia

ora foi um piado

e do ninho o ruído quando caiu

Eu ia dizendo minha querida das rosas

o contraste amarelecido no azul

E se o milagre não viesse?

O anjo tivesse fugido a cavalo?

Eu teria rezado em vão?

Por vezes eu andava por estas bandas

imaginava a que horas chegarias

Se em teu seio o coração eu ouviria

e do meu gingado adivinharias

as curvas tortas de minhas bengalas

nos sorrisos que eu descreveria

e nos tantos medos implícitos

---

[115] *Miraculum* -i – Lat. Coisa admirável/extraordinária, prodígio, milagre. No nominativo plural.

que das águas os frios não me restariam

contanto que possas enfim experimentar

tarteletes que nem mais tempo os faço

mas naquele dia próximo nos aproximaria

como um anjo que me acordasse

como se a flor não perecesse

e porque minhas palavras grafadas

em seu âmago dos olhos

abarcarias... Eu aqui seria reticente

Que das leituras as âncoras não

roubaram as fronteiras desse todo

A ti queria Por ti nas faces de tuas

unhas foram lidas (nuas)

Quase me cegou a ausência de céu

que sorveu dum gole o mar completo

nos oceanos dessas pequenas marolinhas

da letra e tinta (luas)

Leste Não em meio oeste Leste

Cada página que de um título

de um verbete e uma fotografia

ou a magia dos espelhos dos nossos

olhos (circuitos impressos)

Se meu anjo não salvar o texto

É porque meu milagre foi este

dedo que percorreu minhas frases

a cada dia

Então meu milagre estava nas

tuas mãos (túnicas)

que seguraram protegido meu coração

Assim meu anjo foi tua devoção

VI Veritatis

| 5 novembro 2021 | Música Only sky – Conjure one

Inoculável vasca

Somente o céu

Quietar do Sol derretido

Indecoro do amor dissemelhante

Bambual assassinado cantante

Afogo incoercível (Fogo incomensurável)

O estridulante da Macau[116]

Não tão condigno do teu corpo

Xiu Amor Ouve

o auge da astrolatria

Esse nímio

na gomagem permanente da minha

face na boca Gapel[117]

Exorno com minhas mãos no ar

Sentidos mortos vivos em Quelonite[118]

Eu não tive voz

perdida em riz[119] desatado

[116] Macau, arara-macau – s.m. Ara macau. ave psitaciforme que tem corpo e cabeça vermelhos, asa barrada de verde, amarelo e face branca nua.
[117] Gapel – orig. ar. Ghazal; Poesia amorosa geralmente erótica dos persas e árabes,2. Melodia árabe que se caracteriza pelo frequente retorno do refrão.
[118] Quelonite – fóssil de tartaruga. N.A.: longevidade inerente a duração tanto quanto da conservação fóssil, também pela beleza ornamental de seu casco.
[119] riz – cada um dos cabos que prendem a vela do navio. N.A.: a propulsão e a amarra.

com o vento que engana o *rictus*[120]

na riba imaginária de um grotão

do dia que nossas verdades fundissem

.

Os frutos secos da roseira silvestre

não pararam no vale das rosas

no dia que nossas vontades fugissem

.

Infundi essa moscatelinha[121]

porque me descabelei tentando entender

.

Infundi a tatuagem desse mourisma[122]

porque amei na combusta

do MontGolfière [123]na mortagem

do teu seio

.

Os brocardos não me dizem mais nada

como essa dança *Amarilia Leucogaster*[124]

---

[120] *ricto, rictus* – abertura da boca, ricto bucal, trejeito de contração que dá um ar de sorriso.

[121] Moscatelinha – Adoxa Moschatellina. Erva de pequeno porte europeia com leve odor de almíscar.

[122] Mourisma – Os mouros em geral, 2. sua religião. N.A.: A herança dos traços mouros na pessoa abstrata deste texto.

[123] Montgolfière – aeróstato cuja sustentação é assegurada pelo ar quente, balão. O ar armazenado no invólucro é aquecido por uma fornalha ou queimador situado sob o balão. Este sistema.

[124] *Amarilia Leucogaster* – beija-flor-da-barriga-branca. N.A.: Voo do anjo, esse beija-flor.

Abtruso[125]

mas eu com Deus sei que

não é agrologia

eu disse no alabê pulsante -

O coração rubi do Algarve

agraz e espumante corrosivo

.

No aceder do cantarolar

leviano e tímido

O sorriso

mesmo com a exuviabilidade

navega o falucho

e chegará no centro da exúvia[126]

.

Amo-te

sem ter morrido envenenada de *Anqil* [127]

No escuro da cafua oculta

Um *cafarnaum*[128] sem pórtico

Eu galgo os gumes de Caraparu[129]

---

[125] *Abstrudo* – is – ere -trusi – trusum – Lat. Impelir para longe, empurrar. Ocultar, esconder. No particípio e dativo, impelido, ocultado.

[126] Exúvia – restos do cálice ou corola que ficam na parte superior do fruto, parte de insetos que ficam deixadas nas mudas. * Exuviabilidade – capacidade de certos animais mudarem o tegumento. N. A. - O tegumento neste caso, a pele, como referenciar do Tegumento no sentido de abrigo e proteção, que ao trocar essa armadura, liberta-se. Ato e capacidade de renovação.

[127] Anqil - quechua – Angel, anjo.

[128] *Cafarnaum* – 1. Lugar em que se guardam muitos objetos desordenadamente. 2. Cidade Galileia, porto de pesca.

[129] Caraparu – denomina serra de Roraima.

e o que conto são os cêntimos vívidos

dos dias em que a vela apagou

Sem ter citado Bubastis[130]

beijo o ventre em verdades sutis

Eu avisto nos acordes harmônicos

Clarificar

O mar

no farisco do teu êufono[131]

despertar em olhos

na moquenquice do anjo dessa

molúria[132]

.

Serei sempre a inequação irresolvida

áuspice das penas do voo dessa ida

nas mensagens de garrafas caídas

---

[130] Bubastis – cidade do antigo Egito e delta do Nilo. XXII dinastia, em honra de Bástis, Bastet, deusa com cabeça de gato.

[131] Êufono – a que tem voz melodiosa, 2. espécie de harmônica.

[132] Molúria – o mesmo que moleza, 2. orvalho, relento copioso 3. homem tímido. N.A.: Refiro ao orvalho, seu brilho preguiçoso e faço uma referência ao poema Mãe em orvalho, que traz de certa forma a emoção verídica de amor filiar, nessa pura oferta de um novo tempo, 'o dia', para o viver, no amparo da existência da maternidade, do amor amplo e emotivo.

VII Deamantium[133]

|21 novembro 2021 22:53 | Música: Waves – Sten Erland Hermundistad | Enxaqueca e crise depressiva

Comprimia a arritmia

Se tua mão me tocasse

Sentiria o calor

Águas cálidas no rosto

como as asas que viajam

e pousam a borboleta no meu pescoço[134]

Teu sopro de voz

veio enquanto eu tamborilava

os dedos no marfim da tua blusa

Tua hortelã me tecia

Tua lã me envolvia

na calda de saliva

que a boca rasgasse

---

[133] *Deamantium*, Lat., Particípio presente ativo no genitivo plural, em ambos os gêneros assume essa conjugação do verbo *Deamo* -as-are -aui – atum – gostar muito, amar, acolher com amor; de acordo com dicionário do Latim é fácil significa: Amar ternamente, estar apaixonadamente/desesperadamente apaixonado por..., estar encantado com... . *Deamantium* seria 'deamantes', no sentido mais sublime de amar ou amantes. N.A.: neste poema há sempre a conjectura materializada desse ser amado, vindouro ao momento cálido, fazendo isso como uma cura, o amor de sensações etéreas, através desse dizer, talvez interpretado da língua no ato de beijar, que abstratamente faz essa comunicação silente, e faz um paradoxo entre o momento e a permanência, a finitude e o infinito. Muitos verbetes foram cogitados para o título, entre eles Mysterium e Supernus.

[134] Elemento real, ocorrido de a borboleta vir a pousar no meu peito, coisa rara, e que recentemente me alentou, minha conexão com a natureza e também referencio problema da hipotermia do hipotireoidismo, sutilmente,

como seda

ainda como crisálidas plumas

num beija flor novamente amaria

Sei que por um átimo

aquilo que juro não se acaba

nos dias que fazem questão de morrer

nos braços que me deitas

me silencias nos beijos de fontes

fontes aquecidas como uma nova caligrafia

na miopia de uma emoção forte

em mesmas ondas que azulam

os brilhos do olhar

que me devotam amor

que me gaivotam paixão

e me tocam

espalmando o peito da pele

que alisas como um botão

algo que floresce e aconchego

no pisar de teus pés

de balbucios em rabiscos[135]

que destinam e ensinam

a efemeridade do infinito

como o exceler da tenda de ternura

---

[135] O pouso da borboleta e a escrita da saliva colhida no etéreo beijo.

o voo plácido das notas do piano

a cereja de amanhecer

o cantarolar doce de adormecer

e as mãos de arrepiar

[Toca-me tua doce voz]

como piano da noite

como plumagem de filhote de coruja

em marejar dos amores

indecifráveis de teu sabor de Lua

.

Toca-me com o peso da ânsia

(como riso de infância)

do tempo interminável

como um mneumônico

como um sinônimo

como algo imperceptível insensato

.

Sinto-te como tesão faisão

na escrita rupestre do meu coração

em polens de flor que me germinam

em delicado marolar de água

que me feminina

que em ouro de mina

esconde os sóis de cada novo amanhã

na finitude

no indício de início de infinito

.

A verdade da amizade

A verdade do amor jade

A idade do tempo que grito

nos mesmos girassóis rodas-d'água

danças dos dias de navegação

e rastro dourado em brasa da restinga

.

Tocam-me tuas mãos do coração

Eu sinto Eu sei

Por mais que eu entenda

não te esquecerei

VIII Mnemosynon[136] - Fons amoris – Petrificatus jaguar[137]

|01 DEZ 2021 19:22 IMAGEM POÉTICA DE IDA À SERRA ITAPETINGA, A ONÇA NADANDO A TRANSMUTAÇÃO, LEMBRANÇAS E A PERMANÊNCIA

Cipós me teiaram

Guizos de fel cascavel

Arrebentação das asas

cigarra aramada

Reuniam-se em trindades

Permaneceram-me solidificada

Aspereza e limo

chamuscar e lume

Sombras das crateras da Lua

.

Memórias discoides

murmúrio ininterrupto

Seres em plateia

passos da falsa ideia

.

Abraço dos fios dourados do Sol

minha mão como marfinítico piano

dos teus dedos um tocar aerossol

Eu te sei Agnus inundei

mãos e vozes mantilhas mornas

Véus de imagem quase nua

---

[136] *Mnemosynom* -i - Lat. Lembrança, recordação

[137] *Fons amores – petrificatus jaguar* – Nascente de amor, Jaguar petrificado.

Flor única em arranjo de paz

Letras em branco para nuvens

Um dia de Sol por amora

Fogo de uma Fenix nos pômulos teus

Vendaval nos céus profundos de braços Zeus

Navegar do longínquo na vastidão Remo e Rômulo

Ruas de Roma Alabastro

Codex decifrável de pudor amor

jurado sempre através de espelhos de fogo

no murmúrio do *abat-jour* de folhas esqueléticas

Inesquecível o invencível

Inquebrável o afável

.

Como um grotão Uma frigidez

beija ardente Sol de perfeição áurea

gramíneas encabeçam florada da serra

Inflorescência nacarina dos efeitos óticos

Esboços de amor entre nós

no gosto das flores do jardim secreto

abrigadas dentro do figo hipnótico

.

Como rocha ígnea carcomida paralisada

no cortante da hipotermia pintada

no tocante rendado da selva anemia

como Amor poderoso que me investe manchas alegrias

Gatuno me transmuta na jogatina de truco

Gotas dos vidros Saliva envenenada

Memorável impossível

Toque inverossímil

.

Grotão em minha vida

me fende cima embaixo

Tu estás e escorreste

pelos mistérios das rendas verdes

Agua pura Mágoa nua

Itinerário amarula

Canoagem de folhas e pétalas

na carruagem pulsante amarela

Ouro oculto Luz diamante

acontecimento contínuo itinerante

equidistante preponderante instigante

deliciosamente amante

como um gerúndio ditongo

Lua iridescente

.

Como um rio tu me atravessas

Desaguas e como vertente recomeças

Quem emigra

pertence aos dois lugares

A voz ecoa Os recados dos pássaros

nas cores e atabaques

nos palatos e epidermes

.

Como fragrância adormece

nas caixas de madeira e veludo

nos fósseis que fosseis

nos vestígios antigos

nos litígios da falsidade

Rosas e girassóis insólitos

Monólogo de afeto amizade

Vácuo das constelações

Pedra dentro do serpenteio de rio

Desce montanha de luar branco ao meu lar

Como dois lares

Ventrículo esquerdo e direito

bondade e maldade

entre pólen mel cetins

musgo aceso da verde lamparina

noite e dia

enraizada como nervos de cipós

.

Luz se faz caninos

Unha se faz felinos

Pedra se faz manto

Amor se faz presa

Fera felina imersa no rio

Ou caça ou graça

em infinita nascente

XI – internodiumii[138]

|2 maio 2024 2:33 – 4:03h. | Tinta Iroshizuku Momiji, ainda Membranula

Intercutis Interim Internodium

Conversei mudamente cara

um letreiro passou sob meus olhos

derramando-se em minhas madeixas

Um tanto de fotos que um voo

permitiria colher das areias

das cores das formas desse bojo

As madrugadas eram as lindas cores

misteriosas dessa fome insone

Sim, enfim eu estou (_)

o veludo mareado do interlúnio

Minhas sombras caminham nestas intercolunas

os caules persistentes das aves-do-paraíso

ave de cristas violentas que gritou

esgrimou com a espada damasco

dos azuis profundos da caça

que o Guira coroado impôs ao beija-flor

Que quando vi o recém ser no bico

---

138 **Internodium -ii – Lat. espaço entre**

meu corpo estremeceu o outono que

arde como braseiro as folhas ferruginosas

Sim Eu ia te dizer como as chamas

espadam espelhos de tantas coisas

que não gostei em ti

.

Algo me sustem um voo imaterial

Que uma fossa Um veio Nosso abismo

A pradaria verdejante que esmeralda

as cores novas dessa estrela alva

na madrugada das Lyrids

Eu trilhei os passos para olhar Arcturos

e Alpha Centauri entre as brumas

que me recordaram os feixes miríades

do rosto que eu fulgurei nos

mercúrios dos espelhos de cristais

cuja imagem forjada havia curvas

seriais do desenho da andança das dunas

Os traços arqueados emergidos em sulcos

históricos das caravanas berberes marroquinas

desenhos islâmicos andaluzes nas esquinas

O brilho na ponta do cume nariz

e a nebulosa que ressurgia nas palavras

proferidas pela tua boca

Eu me recordo como os douros da poeira

nas emanações que fluíam como teias

enodoadas com as lágrimas de lua

e suores do sal do Sol

Eu lia arabescos de teu alfabeto

na textura de pele de abeto

sobe a noite um luzeiro

um balão das sedas coladas nas cores

dessas pétalas páginas momiji

ao quebrar das ondas

.

peroladas de todo desse tudo

.

No internodium penso Há esta chave dourada

E sabes o que ela abre? Sabes se tranco?

Sabes o que há dentro?

Eu ia fazer um parágrafo que dissesse

os corredores de elevadores

placa das ruas e guinadas de ônibus

Enxurradas em que não vi barquinhos

Vendedores de amendoins coloridos

Eu me lembro do instante de nascer

Parida chorei gritado o frio do medo

Uma mão me coube inteira dentro

E hoje não tenho como traduzir

os seios (~~maternos~~) eternos

O que vi de ti a incompletude

estirada no fio dourado dos raios do dia

do Sol adornado e adormecido

eu pensara que em mim este *interlunium*

era muito mais do que eclipse lunar

E observando o eclipse solar

Aquele momento de extinguir e reaparecer

A cegueira das espadas douradas

que trafegam infinitos e ferem

o senso analítico que pensamos ter

Aliás eu cogitava Eu e meu intelecto analógico

em tuas ações imediatas intempestivas

a lógica ilógica dessa paúra de nascer (algo)

.

Queria muito que visse eu lavar a tinteiro

carregar da cor rosa da florada outonal

para desatar esses lindos nós do racional

E eu senti como nunca o jamais

Jamais senti este infinito cara

alimentar por minhas mãos o néctar das abelhas

e não há enquanto expectativa

algo vazio que encerra ou aguarda

Há algo especial espacial universal

aquilo que existe como *internodium*

que o tempo inunde e o sol fustigue

percebo que seus filamentos são mais radiantes

não estou Eu sou essa eletricidade

na liberdade do percorrer

plenitude de tudo que me fez renascer

Não desejo senão a beleza singular

incomparável dos ângulos dos arcos

do desenho mourisco de que fomos forjadas

permaneçam talhados e não petrificados

como flores desérticas e cidades soterradas

pelas tempestades de areias vitrificadas

dos raios que esfaqueiam o chão

O tempo vive não no nosso invólucro

feito beija-flor predado no bico rapinado

.

Certamente não há o que pedir no telefone

sem fio lacônico das latas de leite condensado

palavras ininteligíveis de celofane

.

Ah amei os incensos da madrugada

as sedas de penhoar e a furta-cor

das íris castanhas rebuscando cada

fundamento fundamental alicerçal

da dança da (tua) língua que proferiu

palavras que já escrevi e até esqueci

Porém no fundo na caixa ou

dentro do que está por detrás

da fechadura há algo imenso

dobrado no envelope do meu bolso

e o coração se rejuvenesce

nada o fere como chibata

ou até mesmo solidão

Meus filhos orbitam as mais lindas

chuvas de meteoros

Luzes que não posso te traduzir

Só queria como uma eremita

além do cajado dar passos com essa

essa chama de luz da madrugada

esse pirilampo por detrás das asas

asas revoltosas de libélulas

Para mim não careço

a não ser das linhas entre nós

que me contem o inesquecível

que sinto plenamente infinitamente

como verdade no universo do meu coração

.

P.S. – As cartas que escrevi e gravei eram e serão sempre tuas como luas. Assim que possível as disponibilizarei. Entenda que foi um passo necessário de tirar a dor do coração.

QUONIAM A FINIBUS IGNARI REDII TEPIDO MURMURE LIQUEFACTIONIS AUDIO[139]

|11 FEVEREIRO 2022 21H SHABBAT | MÚSICAS: SPACE FLOWING - EDELIS , FLOCON DE NEIGE – WORAKLS, CLOSER – GARY B, SEE THE SUN MIXED - AUROSONIC, MATT DAREY, KATE LOUISE| PARA AS LÁGRIMAS DO BEIJA-ROYAL, COLIBRI REAL.

(Escutas? Não prefiras as lâminas do vento

Escutas? Minhas mãos tocaram a liquefação

Não regela o frio murmúrio calado

Espreita nas narinas o aspirar do Outono)

Como descrever a ilusão

adagas coloridas no ventar comoção?

Puro sorrir em pétalas de margaridas

Mãos que assopram vapores de campos floridos

A madrugada destino nas cortinas de plumas de vidro

O toque embaçado de beijos alados

Seres fractais de vidro

Rodas d'água estáticas desse balbucio

Formam coleção de estrelas deglutidas

No frio vento cortante em branco papel macio

Nas frondes dos vales e planícies

Nevoeiro dói meu coração condoído

E sabes, tudo que se escuta

[139] *Cum a finibus ignari redii, tepido murmure liquefactionis audio* – Lat. Desde que voltei das fronteiras do inconsciente ouço cálido murmúrio da liquefação.

são coaxos dos pingos do líquido

Deito-me como canoa que olha acima

Constelações de sede dessa precipitação

Luzes úmidas em que o gelo desaparece

no toque da reminiscência

uma chama sonolenta

flor que flutua em giro

Dançam com suas adagas cortando

Submergindo no seio da corredeira

[Murmúrios cálidos calados

dos teus lábios *vaporíficos*]

cujas flores do orvalho

silencio onde me fere

Gotas do sangue terrífico

como pétalas puras efêmeras (infantil ternura pueril)

Nas mãos levo a língua

Ler o manuscrito à mingua

sendo algo que derrete sem ruído

Engulo a neblina de gelo seco

Em si meus olhos congelam

todo silêncio desse brilho

que tenta existir nas arestas

o tempo parado em tâmaras

enquanto represas volutas do teu próprio coração

(Escutas? Meus dedos deslizam
o gelo derretido de estação
entre flores construídas por esse mistério
De amor imerso na imensidão)

Ainda vejo chuvas de pétalas
Hortelãs de salivas
Fractais em teus cabelos
Palavras em murmúrio do Sol nascente

Amo-te em grito
Noite dos sonhos que me evolam
entre as alturas da costura das andorinhas
e o gesto de teus dedos
Ciranda vertiginosa
dos álcoois congelados do abraço
desse voo silencioso do pulo do grilo (Emergiu. Futura ardil)

Sei o pergaminho completo
do silenciar dos olhos que encerram
pensamentos do encanto cigano
Adiante dos ponteiros da hora
das estrelas decantadas sem teto
O espelho d'água abraça-te
dormindo hipnotizada

Toco com dedo o rosto dessa superfície

em círculos de marola

teus anseios cantarolam

Ao raiar desse firmamento líquido

Amo-te em giro

dessa decifração constante (Anil fervura sutil)

flocos recortados fractais

do murmúrio calado dessa sublimação

Amo-te infinito angelical

em fino linho egípcio

Águas que escorrem da morna condensação

Sorrirei

banhada do derretimento zodiacal

| Vodca gelada no copo de vácuo translúcido.

Inspirado na sensação da madrugada de outono em margem de lago com rio que segue, como o amanhecer do despertar do coração voltando do anestésico, os ecos do jardim, das palavras engolidas no silêncio. Ferimento. Derretimento. Como uma dança ao vento entre folhas do outono como o fogo amigo prometido dessa alvura da margarida. Representa a ingenuidade sem idade. Ternura como o sorrir de criança como um pacto imensurável, inadiável e cujo despertar da boca já está no tempo passado, vindouro. Mergulho de duas coisas: Compreensão e afeto sem nenhuma mácula de poluição.

Após o tempo recente de adoecimentos, o beija-flor desapareceu. Pela manhã o sonho do molho de chaves que entrego.

Não há afogamento, é apenas o toque e mudança de estado daquilo que não me tirou a vida, nem a felicidade.

|post scriptum – O beija-flor simboliza muitas coisas, o passado – um novo amor, presença de alento e esperança. Depois - reaparecimento nos momentos aflitivos de saúde como cores de um diálogo com o mundo puro, onde evoco sua presença. O colibri real, *Beija-royal*, é o colibri sagrado, consta existir

no Equador, donde inspirou a ilustração, mas referencia o Adytum como ser sagrado que traz mensagem da jornada espiritual. O beija-flor foi também como um novo amor no passado, a via dessa consciência de afeto.

O fractal, copo de neve, flores de gelo, imagens intrincadas na geometria de Koch, é uma espécie de caleidoscópio das cores do coração, que existe pela mudança do estado da água e desaparece nessa transformação constante, num ciclo infindável como permanência, como elemento que está nessa temperatura baixa, em beleza, magia e ferocidade. O fractal também se liga à neve, poema Morte, algo que se pede antes que o tempo termine.

Os círculos de marola, espelho da água, a superfície dessa distância, o silêncio como uma arma, talvez defesa, talvez tantas outras coisas, mas que emerge no bico do beija-flor, como um colher das pétalas brancas, representando o sorriso imaculado, o cumprimento da promessa. O sangue tanto quanto a pétala, são os elementos da lealdade e amor, e a felicidade.

[Illustratio 6]

FOSFÓREO FANTASMAGÓRICO

|21 Ago 2021 22:22 Mezanino, o retorno

Foi formando-se fosfórea nuvem derramada como um Sol entornado diante do meu ver entardecido e por um instante eu poderia ver as vítreas areias deitando rolar nas abas de ondulação dessa seca desértica entre um veludo azul eu vi pequena luz reluzente entre o tato de meus dedos os diamantes rolando entre o farfalhar dessa enorme acalentadora imensidão e fulguravam os pares de cores os ares de amores os ventos restantes e a fagulha percorreu a pele mais externa sem textura visível e daquele ponto de inflexão brotou um fio de fumaça que poderia puxar uma coberta de nevoeiro se assim o quisesse mas era um fio ínfimo quase imperceptível como a teia do invisível entre flâmula que azul se dissolvesse dentro do veludo de céu dentre minhas mãos que subissem e descessem meu peito repousado na respiração do galope da pulsação um tanto perturbadora em movimentos das ondulações do pensamento, enquanto o fósforo assumia a explosão de combustão e a chama encorpava o grito do vermelho e dentro dessa luz a sua boca se movia com os fios ascendidos das ranhuras faiscantes dessa abrasão enquanto o pescoço do fósforo retorcia na queima do dedo imperturbável afinal a imagem e a chama saltavam uma – para a próxima cabeça doutro fósforo e anterior a imagem desenhava a luz aleitando um rosto lustro não fatigado nem sombrio perdendo contornos que a noite costura no morrer do acobreado vivo de uma chama sem queima que fala pela sua boca e se olho pela fenda desse sabre posso sentir plenamente as areias nas costas do vidro fundido em meio a um deserto como um segredo oculto entre sensações tão abruptas aquela formação plana que explana as faces de sua coragem em pele e osso entre a derme desse tocar o qual minhas mãos sentem infinitamente por vagas das ondas desse mar seco e em meio a um veludo de Sol de um girassol como algodão de pólen sobre o qual repouso o pêssego de meu rosto numa conversa de pequenos esfregões que se apercebem um ao outro como respingos que mergulham-se em si mesmos num fundo de rio e gargalham nas próximas espumas que emergem de uma queda e infinitamente eu vejo e você bate o coração com perfumes em bolhas de sabão entre fragmentos dos vernizes minhas mãos como aranhas colhem os frutos da penugem dos diamantes do céu entre essas mechas de seu cabelo dos fios de linha desse fogo lampejando de sua boca que olho dançar incessante incansável e ponto mas como vertigem foi assim fosfóreo esse temor que saltou do meu fósforo recém aceso a tomar a corrente

dos demais dias entre os colos e afagos entre o amor o amor algo intrépido nos estampidos do rastilho do estralo de arrebentação e consumação em cinza negra da noite veludo negro em tons sem areias sem assopro apenas os dorsos das chamas que se amassam se esbarram se estapeiam se esganam se abraçam abrasam e se amam ou se odeiam? Não. O veludo da noite ultramarino entre os diamantes tons do seu cabelo que colho entre meus dedos no redondo do queixo ou na curva do ombro ou na rótula do joelho? Eu sentia essa água quente dentro da felpa espumando as omoplatas e as costelas entre as cores desérticas nas palavras incertas do voo sentido das mãos espalmadas que acompanhavam ao longe o serrilhado do cume oculto do horizonte e o tempo estava lá não inerte nem decisivo era incisivo nevrálgico mas flamejante como olhar da águia dos céus tempestuosos no átimo de um raio que percorre a ínfima distância entre a palma de minha mão e sua pele e provoca a agulhada de um elétrico percorrer como luz como fogo como paixão que funde as partículas de areia e que faz o coração e o coração e os olhos serem e estarem na mesma fração como espirais perdidas nos delírios desse contorcer do fogo de cada músculo seja da face ou seja da perna do andar que nunca estendeu o pé diante do outro e das palavras dissolvidas nos maremotos da sua língua entre segredos dos sussurros sibilados entre os dentes de cada, cada um dia do passado donde me esqueço e apenas recordo os trejeitos da fascinação com um verão que engole o inverno na esquina de cada equinócio entre tantos lugares de encontros marcados impossíveis enquanto um rio de nuvem esfrega um giz no meu céu de ocaso e com a ponta do dedo prometo as chuvas de emoção. Um choro que me vem recordando as escritas histórias de Pukkeenegak e Ignirtoq nos cabelos arrebatados pelo vento na fragilidade da folha caída de cada estio lacrimada pelo orvalho de cada manhã como um berço ao Sol de luz e como um fluxo de calor de um cálido beiço do feitio da forma das chamas que a ignição da lenha rastilha chiados e gemidos de sua consumação como amor impossível de voo para uma queda cega no fim do horizonte apagado dos momentos inverídicos ainda não permitidos ou seria melhor exatidão dizer que são momentos não acontecidos apenas nos fatos do agir mas não nas massagens mornas do pensar e mais ainda nas escumas do mar e deserto construindo inseparáveis praias sem fim em esculpir inacabável desse fluir e sentir e querer e amar mar entre linhas do cabelo que flutua entre sorriso que cospe bolhas como pérolas de querer emergir e fazer o ar se unir ao ar e a gota d'água se unir ao mar do ar do amar do oceano da cor dos seus olhos e pele e do gosto do beijo da sua voz que reconheço não em ruído nem em risada apenas como timbre feito uma marca indelével de filigrana digital dos seus dedos que percorrem as tintas da caneta do meu rosto de amar o amor como sabor indestrutível de insana fome do tempo vindouro e dos braços do joelho em abraço

de seu jeito apertando tímido mas em sempre naquelas areias perdidas que acendem e reacendem no veludo do céu próprio de nos mesmas (mesmos) nas estrelas da tarde faz a fantasmagoria fosfórea ser sagrada promessa.

MARITUS MACTE[140]!

|26 outubro 2021 12:22 | À H.

Estive pensando naquele momento

Olho no olho em um encontro

na calçada entre selim e guidão

Músicas que nos agasalhavam a ilusão

Fé na vida com ar sedutor

mãos fortes e librar do barco

nas tendas aos pés da nascente

Fio d'água onde derramei cabelos

nas campinas corremos e das cercas

avante demos as mãos

No escuro entre lágrimas

recordava a voz de meus entes queridos

recordava como canção seu jeito perdido

Querido amor não tente entender

Sim Eu posso

Somente digo isso

Macte

---

[140] *Mactus* -a -um – Lat. 1. Glorificado, honrado, adorado, 2. Bravo! Maravilhoso! Coragem! (mais comumente sob a forma de vocativo singular *macte*)

Ainda sinto este seu 'eu'

Memoráveis sabores de amor

Os fetos que criaram afeto

crescerem no meu centro Meu ventre

E somente sei

Que tudo foi possível

porque nos demos as mãos

no quarto escuro

nem sempre em tenra realidade

nem sempre

Mas eu me pergunto onde estamos nós?

Macte Meu querido

Queria muito um mundo que

Queria um mundo muito qual

sonhamos juntos

Mas assim sou

Dores da alma

Eu sei Você sabe

Tudo passa

Nossos olhos

Nossos uthas

Nosso nirvana

Saiba

Não morrem

Macte

Sua mão me ampara

Sua presença me invade

A chuva devasta

O amor ainda não basta

(*Extrinsecus*)

BRILHANTES OLHOS DE CISNEROS

Atibaia 31 janeiro 2022.

Senhor Ernesto, caro amigo:

Ainda agora me embeveci nas cores tênues dos felinos que suponho serem seus grandes amigos. Aqui tenho duas gatas, uma se chama Meg e a outra Ártemis. São sentimentos indescritíveis que elas me suscitam. Num dia chuvoso o ronronar e o adormecimento perfeitos me embalam uma serenidade quase possível.

Tanto gostaria de lhe contar, assim como quem se debruça nas janelas da montanha, apanha as inflorescências das palhas que dançam vestidas de cristais líquidos desse batismo torrencial de janeiro.

Hoje as nuvens confiscaram, mas lá de cima poderia desenhar o casario da cidade e imaginar como ela houvera sido cem anos antes. Talvez nos quatrocentos anos, dos quais quase não se tem um tijolo para contar, um casarão todo escorado para não desabar. Ah! Como é triste o descaso com a história.

Eu descobri seus escritos nos anos de dois mil e dezoito, como um mergulho na mágica plasticidade das palavras, me faziam voar, acreditar ser possível escrever e me pode dar essa fé. Poucas foram as pessoas que realmente estiveram dentro dos escritos, mas no seu caso, amigo, assim prefiro chamá-lo, ler o poema Tocar da Fragrância Ametista me deu um importante alento no meio desse mezanino desse cinema poético que arrebata, eu vivo, mas quase ninguém compreende.

Se confiei eu sei, que como raríssimos teriam respeito nato pela escrita, não se deixando vestir no capulho de vaidade própria, era esse alguém, você e o António Pavón que em magnânimo gesto deram esse afeto literário em respeito.

Eu tinha ideais de estar em mãos de escrita com escritores desse tempo, para formar essa confraria de anjos das palavras, e quando ler uma frase, ler por inteiro valeria muito mais que qualquer confete. Eu sonhei com um dia conhecer conjuntamente vocês, a levar um livro novo, com páginas coloridas e perfumadas do carinho da gratidão. Sorriríamos entre copos de limonada diante do sol majestoso do México, e nossos olhos rebateriam o brilho dos seus.

Aqui, o mato crescido oculta pequenas plantas do meu jardim, mas entre elas, lá num canto, entre folhas mordidas pelo tempo há duas estrelícias que brotam e prometem o sol de algum amanhã.

Vieram esses tempos, António me deixou desenhando em lápis o rosto daquela face singela do sensível e especial dizer, então desde lá, quero ser uma letra que envolva seu olhar, fazendo jus que ainda estamos aqui, preciso dizer, e você se alegrar, que não tão-somente pelo que escreve, suas preciosas informações da literatura me fizeram mais profunda e risonho olhar, olhar de respirar as frases e conceitos de tantos escritores e fazer parte desse mundo. Que coisa interessante!

Não foi somente você, mas enfim, os anjos existem, nessa vida, a poesia, as pessoas que se doam de verdade nesse mundo quase mitológico da poesia e pluma. Eu senti esses anjos, mesmo na solidão que todos nós experimentamos, senti receber uma nova tinta de cor especial para a caneta tinteiro que restou nas gavetas da minha vida.

Você também fez parte disso. Então, ainda que não possamos nos conhecer em pessoa, em pessoa nos conhecemos agora que escrevi essa carta, por vocês, houve a diferença de um único seguidor a alguns que me puderam ao menos dizer: Esse é o caminho; senão estaria na solidão de único fantasma leitor que nunca se revela. Obrigada.

Que sejam abençoados os anjos dessas mãos que não deixam sucumbir a literatura.

Abraço e beijo, com amor literário.

MANE NECTAR

| 16 março 2022 9:50 | F | Néctar da Manhã – Retiro das Fontes na rede de cordas

Com as marcas labiais

o batom de novo dia

umbigo da semana

sob um rendado

dos guizos refulgentes

de folhinhas planando

acenos de paz que emana

sorriso da selvagem fauna

Encordoa-me o coração

nas redes de abrolhos

nos losangos dos nós

de nós despenteados

sentimentos sangrados

do jorro da fome razão

.

O amor cadencia batidas

nas portas dos acordes

A brisa forte dos recortes

enquanto lá jazem as mortes

nuvens algodoam seus ultimatos

em trombas e véus

que varrem os relevos

enferrujados das feridas das construções

.

(Eu sinto o aroma de seu suspirar

nas pestanas que tremelicam

abrem janelas de vidros

esboçam à boca sorrisos)

Sem palavra uma hora

o sono rarefeito

de uma florada que

oculta o brinco silvestre

nas sombras profundas

de um piado inaudível

de recém andorinhas

Uma poesia recortada

nas folhas e arrastada

para profundo formigueiro

.

(Sinto o aroma do corar

esmaecido do lábio ressequido

como um gesto que se prepara

e os braços se prostram

no desejo abandonado

de um verde campestre)

.

Ah saudade de seu especial

perolado suor de emanação

como inconfundível orvalho

de extraordinária essência

.

Ah fome dos pêssegos maduros

tecidos como jaquetas de veludo

da florada do capim de sim

.

Há os respingos do chá

no desajeito do tecido vazado

na rendada palheta de cores

da sensação do meu despertar

de encostar milimetricamente

na pétala

de néctar polinizar

a boca o olhar

a selvageria de seu amar

acordam por um átimo

de um gemido proferido

raptados no imediato

de ventricular encordoar

Dentro de uma semente

sangra para si

um intrincado contentamento

de sentir

e possuir totalmente

as muralhas desse segredo

PRAECIPITATIO CALIGO

|16 março 2022 13:52 | F | Névoa de precipitação

Sobre o vidro celeste

um ser se debruçava

uma gestante de cinzas volantes

tingiam um cinzeiro apagado

Fantasmagoria em cetins arredondados

uma noiva desvairada perseguia

Um buldogue que me ladrava

Um quiosque destelhado

Os passos trêmulos nas gralhas das frondes

O suor que nem rebrilha

Irisa

.

O voil desfiado em teias

era a cabeleira dissolvida do despertar

em luzes de promessas de alento

Como atenuante em nuances que

desdizem o autocontraste

A bruma no hálito de silêncio

escorria seu manto frio pela estola de esperança

Fitei as fitas e fios dos brilhos

Eram macias as flores embebidas de seu vestido

Eram sulcos de lábios enebriados de seu destino

Benzidas mãos saídas da precipitação

eram meu despir dos fragmentos de agonia

Como memórias cálidas

águas do ventre da terra

em lençóis como cueiro da minha vida

guardando o meu brilho

guardando o meu ouro

nos pequenos balbucios do pranto

no emaranhar do mangue

do amor desse despertar

Seus olhos Seu rosto

A bruma dos brilhos

do Sol e Lua

Franjas enfumaçadas do renovo

tocar de uma fragrância contida

O rosto incendeia à meia luz minha parede

Meus movimentos esfregam como giz

um desenho agigantado da beleza

Calcando cores do azul

Riscado forte da pena que caiu

O voo desse afeto

nas folhas caídas do abeto

Que num instante

visgo me envolve parida como antes

Sem nenhum medo

Somente aconchego em névoa de chuva

Tangentes demergi[141]

PÉRGOLA FITOPLÂNCTON

| 07 maio 2022 9:30 | Concepção *nihil* desde fevereiro, *osseus* baseado em sensações táteis, visão e não respiração |jardim, sombra da nespereira, sol, 17 graus, céu azul em nuvens brilhantes. Gracejos de encantamento da gata| Referências 2 a 5 – *quaerere*| Dedicação | Contado em terceira pessoa navegante no qual me incorporo em busca pela luz do amanhã, luz da vida, entidade conceituada além da estrela contida oculta; em esqueleto seria: navegar no preparo da tempestade, mergulho na floresta de plâncton, na busca pela fortuna da visão, apneia, achamento e revelação, tocar| Título composto da imagem poética para a palavra final.

Franze os olhos ao estibordo

como rasante na veleidade de Zéfiro

Estende a visão nos crisólitos das ondas

Línguas dos algodões cinzas lambem

Na retina íon da sina

no cabelo ondas de relampaguear

Onde o perímetro do periastro?

Onde a bromélia desmaiada é turmalina?

O clíper[142] singra

nos olhos d'água de Botticelli

Da amurada mapa analítico

---

[141] *tangentes demergi* Lat. - submerso tátil.
[142] Clíper – navio mercante.

de impossível raiar de luminescência

submersa do sorriso de lua carótida

que pulsante tempestade fita

nas pupilas brilhantes do cetim fitoplâncton

Vida hifenizada na sensaboria

O caturrar do clíper árdego

lança âncora na síntese

floresta de corais e algas

em furiosa ondulação do refutar

Nos óculos do mergulho

água abaçanada como teor

do ósculo lugar esteio

deleitamento de seio

lenimento da bulha

da bolha da chuva

de um grito de encanto

Platão acende o baquete de aljôfares

cores de bromélias borbulhantes[143]

A rocegar reflexo de sua própria retina

Águas submersas enleio de neblina

daquilo tanto impossível sensório

rocegado depositado no areal

entre ocultas esmaltadas Danças do planctal

Uma concha lingual

---

[143] Encontro e abertura da concha com as bolhas libertadas.

canta o íon bioluminescente

enfrestado no hiato

venusto insensato

no *talud*[144] de pratear

molécula de pele rósea

submerge o portento

como uma estrela helenística

pra tear

lancinar a apneia

deste cegar

Aspeada entre esmaltes

O olho   Uma lucerna

no escuro do obscuro

de profundo duro

drapejar extático

nas frases de Fedro e Eutífron

crepúsculo do empalidecer Vespúcio[145]

esvoaçante estola herbória

espumar a delícia da marola

agudo corpúsculo Meissner

choque das terminações nervosas (a euforia)

como se amparada por pérgola

---

[144] Talud – no sentido de sublitoral do mar, terreno inclinado. [Ref. 2]

[145] Vespúcio, relativo à Simonetta, modelo da obra 'O Nascimento de Vênus' de Botticelli, Vênus navega a concha até a orla no empuxo do vento Zéfiro e é recebida com manto de flores pelas míticas As horas. Fulgor estonteante e fugaz, morre de causas naturais aos 22 anos, imortalizada como musa por Botticelli em diversas obras.

envolta nas escumas de estola

com mãos do tato Ergo-a lá

no restante fôlego voa em seu par de aselhas

Rosto de candor

pintado em clara de ovo têmpora[146]

navegante numa concha nacarina

morre-me carótida retina

Bioluminescência anunciando

em maneirismo o nascimento do dia

nas unhas das horas somáticas[147]

amansadas marítimas ondas

do lancinar de amor

Plânctons das submarinas pérgolas

nasceu aspeada a drapejada

Madrepérola

---

[146] Têmpora – técnica de pintura com pigmentos em clara de ovo.
[147] Somática – relativo ao tato, conceito da somática de mecanorreceptiva do tato e regulação da posição do corpo.

VULCANO VENTORUM – PETAL BALNEUM[148]

|15 JUNHO 2022 12:12 | 15 GRAUS | ÀS PÉTALAS PRECIPITADAS DO BANHO DE DELICADEZA, SEM MAIS PARA AS FERRUGENS E CÂNCERES DA VIDA, AMOR CAUSAL DE PLANAR CALMO DE CARINHOS INDIZÍVEIS DOS DEDOS DAS FLORES EM SUA NUDEZ, QUE TANGENCIAM OS CORPOS EM SEUS TERRITÓRIOS DISTANTES. AO AMOR IMERSO NAS TERMAS SEM ESTAÇÃO. AO PRÓXIMO SOLSTÍCIO DE INVERNO MERIDIONAL. ÀS NOVAS ERAS LIMPAS DOS FERIMENTOS, DOS SENTIMENTOS NEGROS, REVITALIZADAS NA PELE INFANTIL RELUZENTE NOS OUROS PRECIOSOS DO AMAR, DO ENLACE DOS CORPOS EM DISTÂNCIA. AO SENTIMENTO EXTASIADO DO NIRVANA DE UMA NOVA MANHÃ, NAS PÉTALAS GUARDADAS, NO VASO TRANSLÚCIDO COM ESTRELÍCIA SECA E SONHO DA CALLA LILY, E NAS PÁGINAS EMOCIONAIS IMPERDÍVEIS. UMA XÍCARA DE CAFÉ FUMEGANTE QUE TRANSCENDE O DESEJO INCORRIDO. VULCÕES SUBMERSOS QUE TOCAM AS NUVENS, COMO UM LEITO POSSÍVEL.

Entre as fitas de outonal sopro

As espiras duma chuva duna

Mãos de aceno propositai antártico

Giram suas saias as pétalas estáticas

Entre mim e tudo o ortogonal tangente

Carinhos que esbarram o morno plangente

Carinhos das harpas e flautins

Formigas nos capins dos cupins

Pétalas de teu amor

Nas espirais piramidais de afeto

Escorrem por meus vagos espaços adjacentes

Como calor de amor tocante complacente

---

[148] Furação vulcão – banho de pétalas

Em dança de ventos e folhas

Nas tranças dos fios de abelhas

Nas teias do telhado embuçado de gelo

Nas areias do melado do dedo de dulçor

No toque da luz que recai sobre o fulgor

Sinto-me banhada de dança de fitas

Sinto-te arrebatada dos braços dos fótons

Naquele translucente dourado átimo

Que orvalha purpurinas de elo

Que emoções aquecem mãos

nas porcelanas acesas de café fumegado

nas meias despidas dos pés submersos

no escaldar dos meus teus dedos

entretocados das pétalas deste ar

Nuances das pétalas recolhidas

dos pares reunidos dos grãos

dos amores além do último verão

Amores válidos cálidos esquecidos

dentro dos cálices de lábios vulcão

Vulcanizam os ventos alísios

Vulcanizam sacramentos reaquecidos

Vulcanizam os braseiros submergidos

Fundem-se corações fendidos

Termais abrasam o sono éter

Mais acima dos montes Urais

Ouvem-se urros Ouvem-se estrincares

Liquefação vulcânica

Vaporíficos seres atemporais

Nesse específico momento

As partículas das nuances

giram em torno de nós

de nossos pés que andarilham

maranhenses de mornas nuvens Lençóis

no sopro de fogo constelar abençoado em sóis

Calla lily

[Illustratio 13]

Finalem

Mara Romaro

Adendum

POST SCRIPTO

Tangente demergi, Pérgola Fictoplânton é um poema de duplo sentido, a busca pelo ser amado, e o segundo sentido é a descoberta da mãe, em sua resplandescência, no ato de dar à luz, como subvertido, o que é de dentro para fora, faz de fora para dentro como revelação dessa madrepérola. Dedico a muitas coisas, amor platônico, mães, amor abstrato dentro das aspas – a gota. O nascer da estrela, a pérola, composta de suas asas – as faces da concha. Sua vida oculta com a concretude. De outro lado, a beleza infindável, mas ao mesmo tempo invisível, a busca do perdido, o perdido na verdade nunca encontrado. E o valor. A singularidade. A intensidade do que está no céu. Há também essências obtidas do quadro, O nascimento de Vênus, que se apresenta como pérola nascida, pairando nas ondas, entregue ao tempo pelo vento. O acaso que oferece a preciosidade efêmera do encontro, que no poema, saliento como a chegada do amanhã, o nascer do dia, marcado pelo brilho de Vênus, e marcado como um ciclo de vida intenso que faz a luta contra as dores do submerso através dessa luz, como o amor que revigora e dá forças, que inesgotável mesmo impossível e dolorido, é invencível.

NOTAS

| 15 junho 2022

Vale ressaltar que os sentidos gustativos, da visceralidade eram uma adjacência ao tato. Era uma ideia antiga, sobre transformar receitas da família em literarte. Mas se deu como sentimentos compostos, nas misturas que um drink ou prato requerem de ingredientes.

Percepções foram sobre situações atípicas ou de época, contexto da pandemia, houveram influências de filmes e artes impactantes. Sensações impactantes e fatos.

Especiais foram dedicações, as germinações, as duas tuias que devido ao ocorrido, volta aqui nos destroços. O calendário do advento, uma prática das origens familiares distantes.

Membranula, eram cartas conceituais que fossem aplicáveis às pessoas, como se por falta de palavras mo pedissem. Entretanto, eram sobretudo sobre mim e F, entre essências fundamentais de mensagens embutidas nas imagens poéticas e devaneios.

É tão importante e sensível que nem consegui dizer sobre seus detalhes e o que sofri pelo fato de que foram os textos ignorados quando dispostos para o destinatário. Custou-me abalo e forte apatia. Sem mais algum leitor constante, pareceram envelopes envelhecidos em escaninhos de achados e perdidos nas estações de trem e metrô. Perdidas no tempo e dissolvidas em vazio. Talvez isso fez com que a caligrafia encenada não ficasse nunca possível nas canetas tinteiros da mesa de estudos.

MURMURILLUM SUBLIMATUM

|06 fevereiro 2024 0h a 1:16 Osseus, 1:24 a 2:22 escrita. 3:25 gravação de áudio.

As neblinas da madrugada

Sonata em creme prometido

aos escarlates do amanhecer

A emoção profunda de consciência

Um lenço das sedas de selenita

Escumas da sublimação da maré

Eu em vulto às vidraças

os granizos da angústia

os silêncios das engrenagens

O relógio parado nas ideias

Semidea[149]

Rasgar do vento *Remotus*[150]

Pupilas sangradas *Malpighia*[151]

---

[149] *Semidea* -ae Lat. – Semideusa.
[150] *Remotus* Lat. – Afastado.
[151] *Malpighia emargiata* – Acerola.

O morder ácido sangrado da fruta

Inexatidão do mistério ilusão

Realidade martelada na fusão

Bigorna

Vapores emanados frisantes

Desobsessão Óbice Obelisco

Murmurillum [152]do pio do pássaro

do cicio do esquecimento

na consciência de recordar

Amanhecer nos grotões

Pedras do caminho *Superbia*[153]

Tantisper[154] *Tantusdem*[155]

Fragantia indissolubilis[156]

a luz matutina

esgarça a neblina

A corrida cega da solidão íntegra

Enigma do próximo movimento

Xadrez como cura

Mármore da noite e acesa lua

Medicatus[157] dos olhos do gato

---

[152] ***Murmurillum*** – i (n.) (Murmur) Lat. Murmúrio, sussurro, cochicho.
[153] S*uperbia* -ae (f.) Lat. – Orgulho, arrogância, soberba. Vaidade, presunção. Aspereza, rudeza, falta de cortesia. Grandiosidade, imponência, altivez.
[154] *Tantisper* (*tantus-per*) Lat. – Durante tanto tempo, durante todo este tempo.
[155] *Tantusdem, tandadem, tantumdem.* Lat. – Tão grande, tão considerável.
[156] *Fragrantia* -ae Lat. – Fragrância, cheiro agradável.

Indissolubilis, *indissolubile* Lat. – indissolúvel, indestrutível, imperecível. (N.A.:verificado)
[157] 2)*Medicatus* -us (m.)(*medicor*) Lat. – Feitiço, encantamento. (sentido do texto)| 1)*Medicatus* -a -um Lat.- medicinal.

Summa[158] *Pure*[159] *Ros*[160]

Rocio da sublimação

Canopus na antiga Argo Navis[161]

Estrela sem nome perspícua

Caminho como a ebriedade

do nascer do sol ácido

sabor mascavo do guaraná

Cognac mexido na somatória

Gelo e creme em todo nada

Remollesco[162] da conjuntiva

essa marca-d'água

Fragrância e aroma mistos

lentificados nos murmúrios

as bolhas eclodidas do rocio

Pérolas de auras dos brilhos

Nascida estrela da primeira hora

Degelo chorado entre

sublimático álcool

espírito undoso

das vozes de insólito amor

---

[158] *Summa* -ae (*summus*) Lat. – Topo, cimo, ponto mais alto. Ponto principal, questão central. Perfeição, completude. Soma, quantia total, o todo. Volume, quantidade. Comando, autoridade, poder supremo.

[159] *Pure* (*Purus*) Lat. – Puramente, limpidamente, sem manchas, sem mistura. Brilhantemente, claramente. Simplesmente, diretamente. Absolutamente, incondicionalmente.

[160] *Ros, roris* Lat. – Orvalho. Umidade, água, líquido.

[161] Estrela Canopus pertencente à constelação Carina, uma das quais subdividiu-se Argo Navis, barco dos argonautas.

[162] *Remollesco* -is -ere Lat. Tornar-se mole novamente, amolecer. Tornar-se fraco, debilitar-se. Acalmar, comover, apaziguar. (Primeira pessoa do singular, presente ativo indicativo).

fusão em colcha de retalhos

Retelhar da morada

Murmúrio terno

de uma mensagem datilografada

automaticamente em antigo teletipo

incondicionalmente

Apenas sem bússola

o rumo dos meus passos

soam *murmurillum sublimatum*[163]

Fatum aenigmata[164]

harenae infinitum[165]

Cognac Malpighia

Prepara-se a polpa da acerola

Faz-se calda com açúcar mascavo

Uma pitada de gengibre picado

[163] ***sublimatum*** Lat. – sublimado, do verbo sublimo -as -are -aui – atum (sublimis) Lat. Colocar em cima, erguer, elevar. Exaltar, engrandecer. Sublimação-purificação de uma substância volátil por meio de calor. N.A.: Conhaque, traduzido ao latim.

[164] ***Fatum aenigmata*** Lat. – destino enigmático (enigmas do destino); pois enigmático é algo que contém enigma(s). Por isso ***aenigmata*** está no nominativo plural.

[165] ***harenae infinitum*** Lat. – nas areias do infinito.

Água quanto baste

A calda deve estar no ponto

A essência de acerola deve aferventar pouco tempo

Sobrepõe-se o gelo e o conhaque

Ao final minimamente

Uma colher minúscula que leva o guaraná em pó

Uma canela em pau como mexedor

BIBLIOGRAFIA

1. DICIONÁRIO DE LATIM ESSENCIAL | AUTORES: ANTÔNIO MARTINEZ DE REZENDE E SANDRA BRAGA BIANCHET | EDITORA CRISÁLIDA.
2. ESTUDO SOBRE O MAR, SUBMERSO, MERGULHO |FUNDO DO MAR | https://maestrovirtu-ale.com/fundo-do-mar-caracteristicas-relevo-tipos-flora-e-fauna/
3. ESTUDO SENSORIAL | TATO |BRASIL ESCOLA OS CINCO SENTIDOS | https://brasiles-cola.uol.com.br/oscincosentidos/tato.htm#:~:text=2%20%2D%20Recepto-res%20t%C3%A1teis-,O%20tato,t%C3%A1til%20por%20todo%20nosso%20corpo.
4. ESTUDO SOBRE PÉROLA, MADREPÉROLA, SUA FORMAÇÃO | WIKIPEDIA
5. ESTUDO SOBRE HELENISMO | WIKIPÉDIA
6. ESTUDO SOBRE PLATÃO | AMOR PLATÔNICO | WIKIPEDIA O BANQUETE
7. REFERÊNCIAS DIVERSAS DE PALAVRAS ANTIGAS | ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL

EDITORIAL

|V0 A41 – 06 FEVEREIRO 2024 ADIÇÃO E CORREÇÃO. POST SCRIPTUM.

VERSÃO ANTERIOR: V0 A40 – ADIÇÃO E CORREÇÃO.

ESCRITO DIRETO NO DOCUMENTO MESTRE

VERSÃO EDITORIAL ARCHIVE ORIGINAL: A39 EDT55

STATUS: PERSPECTO

ETAPAS: NIHIL, OSSEUS, QUAERERE, GEMMA, MOMENTUM, ILLUSTRATIO PARCIAL.

PENDENTE: REVISÃO

Revisora: A autora Revisão: leitura corrente até Cartográfica.

Fontes

Draconian Título, 1979 e humanist 521 tam10. lt , lanotipes e NewsGoth Lt Bt para referências.

Citação: Cobb Ênfase: Atlentic inline

Contém erros porque eu sou assim.

Devido às situações extraordinárias minhas, permito divulgar em caso de minha falta.

MÍDIA

Vídeos autorais relacionados ao Membranula Tegumentum, não efetuados ainda, por falta de estrutura.

Playlist spotify: MCRomaro Sensibus

Illustratio

Fotos preliminares

[Illustratio 1] 1Capa Soidade Phobos e Deimos

[20200705 L023 Soidade Phobos e Deimos MA4 A]

[P IMG_5308] Foto preliminar.

Aquarela para o texto Soidade conjunção Phobos e Deimos, inspirado em imagens da Mars Rovers, expedição Marte, cratera Slangpos, entre imagem do pôr do Sol em Marte, trajetória astronômica das luas Phobos e Deimos. Aquarela W&N e Sumiê nanquim, e detalhes em nanquim branco e preto. Pincel e pena. Cores Indigo, Chinese White, cerulean blue, emerald, Alizarin Crimson Hue, Cadmium Orange hue, Sépia.

Ilustrações Capitulares

[Illustratio 2] Senhor Aracena

20200504 L023 Sr Aracena MA4 FA [P IMG_4761]

Desenho em lápis Finart cretacolor 2, 4, 8 H do retrato do escritor e amigo Antonio Pavòn Leal, falecido em 1 maio 2020. Em sua honra.

[Illustratio 3] Idem à Capa Soidade Phobos e Deimos

Identificação: [20200705 L023 Soidade Phobos e Deimos MA4 A]

[P IMG_5308]. Capítulo Soidade conjunção Phobos e Deimos.

Contém ajustes de cor e contraste ressaltado.

[Illustratio 4] Pomum Crystalli

[20200728 L023 Pomum Crystalli MA4 A]

[P IMG_5473]

Poema Venus Pomum Incelebrae, aquarela sobre papel Canson 300g/m, nanquim branco, lápis progresso. Desenho do drink com base em néctar de maçã

em copo de cristal, com as visões translúcidas da montanha e do planeta Vênus.

[Illustratio 5] Adventskalender

[20201130 L023 Adventskalender MA3 A]

[P Img_6014]

Desenho das vinte quatro janelas para o natal, calendário do advento, em honra da descendência alemã. Baseado em objetos de natal reais, suas histórias, e jornada.

[Illustratio 6] Quonian a finibus ignari redii

[20220212 L023 Fractal Colibri real MHan1 A][P IMG_8115]

Aquarela do fractal, rosto autorretrato em 12 fevereiro, colibri real, baseado em imagem do beija-flor do Equador, com ornamento amarelo dourado, preto, marrom, azulado, em discreta presença de verde.

Papel Hanemühle anniversary edition e Aquarela Dawler.

Membranula imagens

[Illustratio 7] Tegumentum Temperantia Tecum – Árvore

[20211129 L023 Tegumentum Temperantia Tecum I a MA4 A] [P IMG_8618 parcial] detalhe página 1

Contém ajuste de cor 1x.

Aquarela da árvore da subida da trilha Minha Deusa – Itapetinga, da ocasião da ida até o riacho. Baseada em foto. Para elucubração da carta Tegumentum.

[Illustratio 8] Tegumentum Temperantia Tecum – Avião

[20211129 L023 Tegumentum temperantia avião Ib MA4 A][P IMG_8620 parcial]

Aquarela do avião conceitual do papel de cartas, inspirado no filme Paciente Inglês. Segunda página manuscrita.

Correção cor 1x e menos contraste 1x.

[Illustratio 9] Membranula II - Vox Cordis - Harpia

[20211210 L023 Vox Cordis Harpia MA4 A][P_img_7879]

Aquarela baseada no vídeo Beware the Harpy, com a Harpia e o filhote de penugem branca.

[Illustratio 10] Membranula III – Sacra Cor Forium

[20211214 L023 Sacra Cor Forium MA4 A][P IMG_7916] sem manuscrito

Aquarela de barra decorativa de ilustração central, com elementos diversos, o Gatô, Estrelícia, cachoeira, fogueira com fumaça; papel Canson Aquarele de caderno espiral. Aquarela Downer.

[Illustratio 11] Membranula Nympha – casulo

[Illustratio 12] Membranula Nympha - borboleta

[20210104 L023 Nympha MA4 A][P IMG_8329][P IMG_8330] sem manuscrito.

Aquarela sobre Canson Aquarele, de detalhes Casulo e borboleta.

Tangentes demergi

[Illustratio 13] Calla Lily

[20220119 L023 Calla lily] [P_20220119_Calla lily]

Aquarela Canson e W&N, desenho das flores Calla Lily dentro do vaso contendo gramíneas da serra Itapetinga; Concebido no sonho do vaso, arranjo floral entregue por meu pai, e feito em consideração de pêsames à F.

SUMÁRIO

Sensibus....................2
DEDICAÇÃO....................2
Praefatĭo ∆ Sensibus....................3
Intent....................3
Degustationes....................6
Paixão Morango saquê....................6
Hálito Limoneno *Mustiado*....................8
Nirvana Excors Blueberry....................12
Abscissa aqua....................15
Exaustão Aralto....................19
Relógio Cognac Desilusão....................22
Decepção com Chá preto....................25
O que sinto e a água nucleada....................29
Crater Prazer Piña Colada....................31
Ânsia Tordilho ao luar....................34
Soidade conjunção Phobos e Deimos....................38
Entrevista no túnel Morto sem ar....................43
Carta de Flor dipétalo....................49
Pão da Providência....................52
Ponche Lua de Sangue Poente....................57
Venus Pomum Incelebrae....................63
Âmbar Café, Mel e Morango....................68
Inebriantes Porquês Cerejas....................73
Affabre Calamellus Crepusculi....................77
Cor Ficus Matura....................82
Auríferos....................88
Diáfanos....................88
Ignis pogonias infra calicem antidoti rubi piperis et cognaci....................92

Percepções 96
Clorofila 101
Senhor Aracena – Cártula Cântico da Ravina 106
As rosas perpétuas 109
Cartográfica 113
Tropak Lágrimas da Faca de Gelo 120
Le sang des lampadaire 124
505 127
Altar de Pedra 129
Cartula ad bonum fraternum amicum 133
Árvore Centenária 135
Especial 136
Um minuto 136
Adventskalender 142
Twee Nederlandse Tuia 150
Germinationes Libertatis 156
I - Rosa Folliculos Germinaret (Broto Rosa) 156
II - Aluminis Caelo (Céu desfiado) 157
III – Pinnarum (Plumas) 159
IV – Prospectus (Horizontes) 160
Membranula 163
Carta ao poeta da neve 163
Exinde Lettera - Exopto 166
Exinde Lettera – Omnĭa 169
Diarium vacuum - Inospitez 172
Amore litteras - matura rubrum pomum excorio 174
Tegumentum 177
I Tegumentum Temperantĭa tecum 177
II Vox Cordis 182
III Sacra Cor Forĭum 185

IV Nympha 189
V Miracula..196
VI Veritatis..199
VII Deamantium 203
VIII Mnemosynon - Fons amoris – Petrificatus jaguar 207
Quoniam a finibus ignari redii tepido murmure liquefactionis audio 211
Fosfóreo Fantasmagórico..224
Maritus Macte! 226
Brilhantes olhos de Cisneros...228
Mane nectar...230
Praecipitatio caligo 233
Tangentes demergi 235
Pérgola Fitoplâncton..235
Vulcano ventorum - Petal Balneum...239
Calla Lily 242
Adendum..244
Post Scripto..244
Notas 244
Bibliografia 248
Editorial 249
Mídia*..250
Illustratio 251
Ilustrações Capitulares..251
Membranula imagens 252
Tangentes demergi...253

Livro publicável devido a problemas extraordinários.

Escrito 17 janeiro 2020 a – julho 2022

Status: Perspecto

Versão EDT 55 anos Parcial

V0 – 06 fevereiro 2024 – A41